

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

S U M M A R I O

| | | |
|--|-----------------------------|-----|
| O MOMENTO | P. P | 97 |
| A POSSE E A DEFEZA DO HABITAT BRASILEIRO . . . | Iladdock Lobo | 100 |
| O CRIME DO MOÇO VERDE . . | Julio Cesar da Silva . . . | 114 |
| O VENTO | Luiz Aranha | 121 |
| VIVER | Alcides Flávio | 123 |
| O ABACAXI < < . | A. C. Couto de Barros . . . | 126 |
| A EVOLUÇÃO DO ENSINO PRI- MÁRIO NO BRASIL | Oswaldo Orico | 130 |
| O ÇXCOMMUNGADO | João Pinheiro | 135 |
| CAPITULO DE UMA BIOGRA- PHIA PERDIDA DE CAXIAS. . . | Eudoro Berlink | 140 |
| O FUTURO DOS POVOS | Villar Belmonte | 151 |

BIHLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B



Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,

materiaes

para

construcção,

aço,

ferro,

Cimento

"2 Bandeiras"

e "Bandeira

Sueca".



Regina Hotel

Endereço Telegraphico > "REGINA,,

Largo de S. Ephigenia, 8 ^ SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos que se inte
ressarem pelo assumpto didáctico.*

R e d a o t o r e H i

Dr. A. Almeida Júnior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editores : MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

A s s I t t t i Q t u r o . a n n u a l J S i # H > 0 0 0



LOTERIA DE S. PAULO

26 de Fevereiro

Terça-feira

25:0005000

POR 1\$600

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

Canto e Mello

*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

"Recordações"

*que merece ser lido por iodas as pessoas
de bom gosto.*

Pedidos a **MONTEIRO LOBATO & C.**
EDITORBH - «». PAULO

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Director : SÍLVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos
do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

| | | |
|--------------------|-----------|---------|
| CAPITAL | _____ | 30\$000 |
| INTERIOR E ESTADOS | | 32\$000 |
| NUMERO AVULSO | | 3\$000 |

Pedidos á

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 3.º andar, sala 20

Telephone: Central 1681 — S. PAULO

Vic:



REVISTA

DO

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

U I J Δ C L I
 J - J L X / V K J L I - J

REDACTOR

SECRETARIO:

SERCIO MILLIETV

O MOMENTO

O MOMENTO é de completo optimismo. Succedeo inesperadamente a um turvo período de duvida e desanimo. Neste gyro alternado de lua e sombra se desenrola a evolução histórica do pais.

Nunca se vio mais violenta mutação que a deste começo de anno novo. Ao findar 1ç23, estavamos ainda em plena convalescença da "era das iniciativas" inaugurada por um governo perdulário e magalomaniaco. Situação financeira, das peiores, destas que prenunciam a fallencia próxima; situação politica, perturbada por vários "casos", e mais que tudo pela guerra civil ejue assolava o Sul; situação economica, incerta e artificial, em que a sorte do nosso principal producto ainda é um mundo de incertezas. O Brasil, como dizia um Governador do século XVII, estava realmente "com a candeia nas mãos, e com

poucas ou nem umas esperanças de remédio ...".

Como num scenario de magica, a transformação foi rapida e prevista.

A chegada de alguns "chartered accountants" enviados pela City deo ao cambio o elemento de resistencia que nos falhava de todo. As taxas subiram por sentimentalismo, como se batessem palmas á missão salvadora. A politica, habituada ao masochismo que lhe incutira o chicote hysteric do tyranncte. obedece com volúpia ao punho de ferro, paciente e teimoso, do novo chefe, e rumina quietamente, com os seus partidos sem programmer, ou com os seus programmas sem partidos .. Só o café num amúio desconfiado, muito da sua provinda, desce um pouco das alturas vertiginosas dos cincoenta mil reis livres por arroba.

O que ia, porem, muito mal, vae hoje muito bem.

Gozemos, boracianamente, do momento fugidio. Não indaguemos das causas desse rythmo das vaccas gordas e das vaccas magras. A sabedoria manda que se matem sem demora as vaccas gordas, e guardemos os dentes afiados para as tristezas coriceas do rebanho sinistro que alii virá no seu trote esquelético.

Ao morrer o velho Pierpont Morgan — o avô — deixou aos filhos que o cercavam o - conselho, para enriquecer, de serem sempre optimistas nos Estados Unidos. Com esse programma se constituiu e se desenvolveo uma das grandes fortunas do mundo.

Esta também é a terra do optimismo.



Aqui nada valem as reservas e as objecções do Bom Senso, da Razão, da Prudência; contra tudo e contra todos vence sempre o Inesperado, o Imprevisto, o Desarrazoado e o Absurdo. Já o dissera, numa das suas cartas andradinas, o Patriarclia: "neste paiz a esplera do possível é muito maior que a do real"...

Sejamos, pois, optimistas, e, por seus caprichos, rendamos graças ao Deus brasileiro.

P. P.





A POSSE E A DEFEZA DO HABITAT BRASILEIRO

A 1.º de Maio de 1500, Pedro Alvares Cabral, chantando em Porto Seguro a cruz com as armas e as divisas do rei de Portugal, tomou implicitamente para este, posse daquillo que o capi-tão-mór suppuraha ser a Ilha de Vera Cruz.

Entretanto, a posse não passou de nominal, e Vera Cruz não era uma ilha.

Bem o verificou o commandante da Armada, que para Calicut seguiu em 1500, quando, ao rumar nessa direcção, percorreu, "sem lhe achar fim", mais de 500 léguas de costa, ao sul de Porto Seguro.

Nenhuma duvida o teve o capitão do navio de mantimentos, portador da nova do descobrimento ao Felicissimo Rei, costeando elle também, quasi talvez até Pernambuco, o nosso litoral.

Disiso resultou que D. Manuel, ao communicar com grande alegria ás diferentes potencias europeas, e especialmente aos reis de Castella, seus parentes, o achado milagroso da nova região, já o fazia declarando que seus mareantes haviam encontrado a "Terra de Vera Cruz", ou a "Terra de Santa Cruz", nome que dentro em pouco substituiu o primeiro, para logo, durante um período pequeno, ser transformado no de "Terra dos Papagaios" e, finalmente, no de "Terra do Brasil", ou, mais simplesmente "Brasil", como em pouco ficou, e para sempre, averbado o nome da nossa terra.

Ora, si Cabral havia tido esse engano ao suppor que a região a que aportára era uma ilha, por sua vez a posse que elle tomou



dessa mesma região, só muitos annos depois — e não se espantem, senhoras e senhores — só mais de cem annos depois teve uma real effecção, desde que se entenda por posse o estabelecimento regular de povoações que tornem patente, visível, peremptória, inMudirvel a occupação de uma certa zona.

E' exactamente o porque dessa demora no apossamento do nosso litoral, primitivo e único *habitat* dos Portuguezes quasi até o século XVIII, são exactamente as difficuldades havidas no apossamento dessa vasta faixa, que eu devo explicar hoje á illustre e — permittam-me — elegantíssima assembléa que me ouve.

Logo que D. Manuel recebeu a nova do achamento da Terra de Vera Cruz, mandou uma expedição com o intuito de reconhecer não só a extensão delia, de que tinha noticia não ser pequena, por aquelle mesmo navio portador da grata noticia, como principalmente para saber si nella se encontravam os elementos que eram a razão mesma de ser das expedições marítimas de Portugal, isto é, coisas que valessem para o commercio e principalmente para o commercio das especiarias, da seda, das gemrnas preciosas, características do Oriente.

A expedição veiu no anno seguinte ao do descobrimento e nella tomou parte quem a devia historiar, o famoso e ainda hoje discutido Amerigo Vespucci, celebre üorentino que pouco antes chegára a Portugal e logo se puzera ao mar em companhia dos "Cavalleiros do Oteano".

A presença de Vespucci na primeira expedição que explorou o nosso litoral liga-se áquella intromissão de que falei na conferencia passada, relativa á parte que mercadores notáveis, oriundos da Peninsula Italica, e especialmente o Bartholo Florentino — Bartholomeu Marchioni — tinham em todos os negocios relativos ao commercio do Oriente.

O que é certo é que Vespucci nos conta haverem os da primeira expedição percorrido longa extensão do litoral, do Cabo S. Roque até o Cabo de Santa Martha, na actual Santa Catharina, baptizando ios differentes pontos, os dififerentes índices geographicos, — angras, cabos, bahias e rios — com os nomes de santos do cailendario, nomes muitos dos quaes ainda se acham em vigor — S. Roque, S. Francisco, S. Miguel, Todos os Santos, S. Sebastião, S. Vicente, etc.

A expedição não provou bem. Não se acharam "coisas de alto proveito" — grandes praias, grandes arvoredos, uma vegetação exuberante, fauna e flora de primeira ordem, muitos papagaios, mas nem ouro, nem prata, nem seda, nem especiarias.

"Non si trovano cose di alto profitto".

Que fez o rei de Portugal, em vista desse desengano?



Arrendou a terra e o arrendamento foi effectuado por certos christãos novos, á frente dos quaes se encontrava um Fernando de Noronha. Seria o descobridor da ilha do mesmo nome? Talvez não, porque este era cavalleiro fidalgo, e um christão novo, senhoras e senhores, um antigo judeu, não era guindado á Cavallaria naquella éra tão facilmente como agora.

Pouco importa, entretanto. O facto é que por tres annos a terra foi arrendada para a exploração do *páo brasil*, única riqueza que com a canna fistula havia impressionado os navegantes da primeira expedição, e por tres annos esses christãos novos ficaram senhores da terra, com obrigação de mandar-lhe todos os annos uma expedição, de fundar uma fortaleza durante o triennio e explorar 300 léguas de costa annualmente, pagando apenas no segundo anno um sexto e no ultimo um quarto. O negocio era vantajoso. O páo brasil custava-lhes, transportado a Lisboa, um ducado e meio, e era vendido em Flandres a 3 e 3 e meio. E tão vantajoso era o negocio que o arrendamento foi renovado, pelo menos presume-se, porque, por cerca de dez annos, Fernando de Noronha e seus socios, entre os quaes sem duvida estava Marchioni, continuaram o trato do páo brasil.

Passado esse tempo, a terra em verdade ficou para quem quizesse vir a ella, desde que pagasse em Portugal os direitos alfandegarios. Ha um documento de 1510, singularmente datado de Palermo, na Italia, em que se annuncia que o rei de Portugal! ia deixar a nova região do Brasil aberta a quem quizesse vir explorar o páo brasil, satisfeitas as condições de que ha pouco falei.

Resulta, pois, que a nossa patria se encontrou sinão em inteiro abandono, ao menos esquecida, do que se conclue não se haver logo effectivado a posse nominalmente tomada por Cabral em 1500.

E' certo que o capitão-mór da Armada, que ia completar a obra do Gama, deixou em Porto Seguro gente branca, dois degredados e dois grumetes que fugiram dos navios na noite que precedeu o dia da partida. Foram esses os primeiros que puzeram em contacto com a Barbaria a Civilização trazida das velhas plagas europeas. Um desses degredados voltou mais tarde a Portugal e dos outros nunca mais se ouviu falar.

O abandono continuou até que circunstancias surgiram, capazes de modificar a orientação do governo portuguez. Depois de 1521, quando o Venturoso desapareceu e l'he succedeu na Coròna D. João III, é que as coisas tomaram nova direcção e se começou a olhar mais cuidadosamente para a terra do Brasil.

Por esse tempo já a idéa de que essa zona a que Cabral aportára não fazia parte das índias, e antes pertencia a um con-



tinente em absoluto separado do extremo Oriente, era uma idéa vencedora. Para tanto haviam concorrido dois factores positivos.

Em 1512, Vasco Nuñez de Balboa, o atrevido aventureiro hespanhol, symbolo daquelles característicos "Conquistadores" immortalizados por Herédia, do alto da montanha que coroava o isthmo do Panamá, avistou o grande Mar do Sul, que era o Oceano Pacifico, largo intermediário entre a America e a Asia.

Em 1522, Sebastian dei Cano completava a famosa viagem de circumnavegação que Fernando de Magalhães iniciára e João Lopes de Carvalho, o piloto da não Bretôa, continuára até ser substituído pelo navegante hespanhol.

Desde então nenhuma duvida mais restou no espirito de quem quer que fosse sobre ser a America um continente, e um continente unido desde os gelos do Norte até os gelos, do Sul.

De outro lado, si os Portuguezes haviam descurado, porque não lhes convinha ou porque outros interesses mais altos lhes chamavam a attenção para as bandas da Asia, a terra de Santa Cruz, os Francezes, ao envez, desde 1504, começavam, de mais em mais frequentemente, a visitar os nossos portos e as nossas angras, a travar relações com os habitantes indígenas do paiz, a crear aqui e ali postos, onde por vezes deixavam seus compatriotas, para que tempos depois pudessem servir de *línguas*, quero dizer interpretes, aos que viessem explorar de novo o fructifero commercio.

Essas repetidas incursões, as relações de amizade com os selvicolas, já tinham dado motivo a numerosas reclamações e intervenções diplomáticas, a questões que não se findavam entre as chancellarias de Lisboa e de Páriz, e eram bastantes para que se despertasse no animo do governo portuguez o pensamento de valer aquella terra alguma coisa, para ser tão procurada por homens de espirito pratico e positivo, como os de França.

Si juntarmos a esse factor o da certeza da continentalidade da America, e logo posteriormente o dos descobrimentos de ouro e de prata, amontoados pela Civilização dos Incas para as bandas do Pacifico, escamoteados pelos Almagros e Pizarros, comprehenderemos nitidamente porque só depois de 1521 Portugal se lembrou de que possuía um magnifico torrão, a régia dadiva que Deus lhe concedêra.

Mas não se imagine que as providencias para o apposseamento, que já implicava uma defesa, dessa esplendida região, foram logo iniciadas. Duvidas e vacillações nos melhores methodos para colonizar a terra, único meio efficaz de a defender contra estrangeiros, iam retardar a effectivação da posse, de dia para dia mais necessaria e mais urgente, não só pelas continuas ameaças francezas, como ainda mais porque ella bem podia conter, e de facto



continha, mais ouro que o de Cuzco e talvez mais prata que a de Potosi. Quando mesmo os dois preciosos metaes não existissem no Brasil, este era seguramente o caminho certo e quiçá curto do Atlântico ao Pacifico.

Só em fins de 1530 (e eu peço que se preste bem atenção a esta data), só em fins de 1530 D. João enviou uma expedição, no intuito de fixar na nossa terra os primeiros núcleos coloniaes que elia teve. Até esse momento tinham vegetado aqui e ali feitorias isoladas, de ephemera duração, verdadeiros acampamentos cercados á maneira indigena, com meia dúzia de homens, si é que essas feitorias existiram com effeito, ao longo da grande costa já conhecida.

E' verdade que se tentou o ridiculo systema das esquadrilhas guarda-costas, uma especie de jogo de cabra-cega: quando os Francezes, no Sul, sabiam que a esquadilha se approximava, iam para o Norte, e vice-versa.

Martim Aifonso de Souza, o chefe da frota colonizadora que em principios de 1531 tocou primeiro em Pernambuco, funda afinal S. Vicente e Santo André da Borda do Campo. Foram estas as duas primeiras povoações merecendo verdadeiramente este nome, que houve no Brasil, convindo accrescentar que Santo André já existia com aquella mamalueada que João Ramalho, tão bem para a nossa terra, havia feito proliferar,

E porque era vesos do systema luzitano, vesos que certamente passou intacto para nós — a mania das reformas, antes mesmo que se obtivessem os resultados da medida anterior — mal acabava Martim Affonso de fundar esses dois núcleos e já D. João III, cedendo ás instancias do Conde de Castanheira, seu vedor da fazenda, e que por sua vez escutára as notáveis razões daquelle Diogo de Gouvêa, sábio de grande mérito que Pariz e Bordeaux haviam honrado, mudava de parecer e instituía o famoso regimen das Capitánias hereditárias. Era uma applicação do systema feudal ás terras ignotas do Brasil. Gouvêa, que o tinha visto praticado e com proveito na Madeira e nos Açores, entendia que o mesmo resultado seria fácil de obter na possessão ultramarina. Ilusão de sábio... Nem o systema, pela sua essencia, se adaptava á terra em que ia ser posto em vigor, nem os donatarios, senhores feudaes aos quaes o rei cedeu poderes magestáticos, tiveram capacidade ou possibilidade de levar a cabo os seus desígnios. O systema fracassou.

Aqui e ali capitánias prosperavam — Pernambuco, S. Vicente. Porque? Porque em uma como em outra não appareceram, sobretudo em Pernambuco, os inconvenientes máximos que se oppunham á consecução do plano feudal. Em Pernambuco, o donatario Duarte Coelho Pereira, homem de grande valor, pro-



vado em numerosas lides marítimas, para a sua capitania se transportou com toda a família, inclusive a nobre esposa D. Brites de Albuquerque, de cujo irmão proveiu essa extensa e afamada progenie dos Albuquerque Cavalcanti, nomes que se juntaram pelo casamento de Felippo Cavalcanti, fidalgo florentino, com uma filha desse mesmo Jeronymo. Ali chegado, o fundador de Olinda soube captar os ânimos dos indigenas, e não tendo a opposição delks, antes conservando-os por aliados, creou logo engenhos de assucar, mandou vir bois e outros animaes domésticos das ilhas do Atlântico, e em breve a capitania tomava tanto vulto que a sua capital se tornava quasi — permitta-se-me a expressão — uma cidade á europêa.

Em S. Vicente circumstancias especiaes determinaram que Martim Affonso de Souza encontrasse, ao menos na zona litoranea todas as felicidades para a installação do seu núcleo. Os Tupiniquins habitavam essa parte do litoral e eram amigos de Antonio Rodrigues e de João Ramalho, os dois grandes typos de povoadores do Sul, como Caramuru o foi das regiões bahianas. Por intermedio desses dois Portuguezes, ha longo tempo vindos — degregados, naufragos, aventureiros, nada disso vem ao caso — e estabelecidos na terra, aliados com os indigenas, por intermedio delles facilmente se tomou posse daquellas terras e facilmente se estabeleceu para cima da serra a atalaia avançada da Civilisação, que foi Santo André, de onde mais tarde devia nascer, ainda que contra a vontade do mesmo Santo André, S. Paulo de Piratininga.

Nas outras capitancias, salvo tres ou quatro que tiveram uma prosperidade ephemera, a colonização se mallogrou de todo ou definiu de prompto.

Ora, cada vez mais era preciso não abandonar a terra, cada vez mais as circumstancias que haviam forçado Portugal a se occupar do Brasil se tornavam prementes.

Já cerca de 1545 ninguém mais podia duvidar não só da continentalidade da America, como de que era uniforme a terra do Pacifico ao Atlântico, ou ninguém mais podia duvidar de que pelo Brasil se chegaria ao Perú. Ahi estava a viagem de Orellana, o fam-oso hespanhol inventor das Amazonas, para o attestar, e tanto assim o entendeu D. João III, que antes mesmo que todo o mallogro do systema das capitancias se fizesse sentir, modificou a sua orientação e estabeleceu o Governo Geral com Thomé de Souza, em fins de 1548, governo que se effectivou em 1549, com † chegada do portuguez illustre á Bahia... "Sic ília ad arcam reversa est".

Com Thomé de Souza vieram os que deviam sinão tornar effectiva a posse da já então cubiçadissima terra, ao menos os



que deviam ser os únicos e os verdadeiros mantenedores da Civilização na ignota, para ella, zona a que a haviam transportado.

Eu quero dizer, senhores, não se dever cuidar que todos esses esforços administrativos ou guerreiros teriam conseguido fixar em nossas plagas a Civilização, si ella não tivesse tido por sustentáculos, nesses primeiros e tão difficeis tempos, aquella leva immortal de abnegados, os consolidadores desse mesmo progresso, dessa mesma luz que tão difficilmente penetrava nas nossas selvas.

Está sobejamente visto que eu me refiro aos jesuítas. E não lhes preciso dizer que não existe em mim nenhum preconceito de sectarismo capaz de inibir o juízo claro, o juizo seguro o juízo definitivo que formo ácerca da importancia desses missionários da Religião Catholica em relação ás coisas do nosso paiz. Cada vez mais me convenço de que quaesquer que sejam os defeitos, os erros e até os crimes que lhe possam ser attribuidos alhures, em relação ao Brasil, os serviços da Sociedade de Jesus são tão notáveis que seria flagrante injustiça, sinão grande erro, olvidal-os numa synthetica explicação da nossa Historia.

Mais do que obraram pela colonização, pela catechese, pela instrucção, deve ser exaltado o que fizeram pela Moral. João Ribeiro, aliás, já o disse, que elles foram as sentinellas irremovíveis desse principio absoluto, único em que se pode basear uma verdadeira Civilização. Nunca transigiram com a immoralidade, o despudor, a gananeia, o interesse sordido e mesquinho, tudo que caracterizava uma sociedade nascente, feita de aventureiros e degredados, de homens de toda a especie, que vinham expressamente buscar no paiz novo, sinão a riqueza, ao menos o esquecimento de antigos e duros crimes. Nóbrega, clamando ás portas estava sendo crucificado outra vez, era de uma audacia inominável, senhores, porque só a certeza da sua grande auctoridade moral podia fazer com que esse verdadeiro apostolo não tivesse receio de se atirar tão impunemente contra o que era a norma do viver de então.

Sim, porque uma vez ainda é preciso que eu repita, a Civilização teria retornado á Barbaria... Esses primeiros colonos vindos de Portugal, tentados por tudo quanto havia de bom, de fácil, de attrahente na natureza virgem, na vida livre, dissoluta dos selvagens., com elles evidentemente se teriam amalgamado si, para os conter, a palavra, a acção e o exemplo dos jesuítas não estivessem alertas.

Nóbrega, Anchieta, Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, os que batalharam com ardor e coragem inaudita, para os manter na Fé, única capaz de garantir os domínios, ainda que maltrata-



dos e malbaratados, das leis e da Civilização — toda essa pleiade de homens — porque não dizer santos? — deve ficar na nossa Historia como um exemplo, e mais do que como um exemplo, deve ficar como sendo os typos dos que impediram que pelo menos a Civilização não se retardasse na sua marcha ascendente desde que se estabeleceu no Brasil.

Mas, não obstante os esforços do governo portuguez, mau grado o apaziguamento gradual que por intermedio desses jesuitas se ia fazendo da ira indígena, ainda assim as povoações custavam a nascer no nosso litoral.

Em 1560, mais de meio século após o descobrimento, Olinda e mais algumas povoações de Pernambuco, a cidade do Salvador, o Reconcavo, que se começava a povoar, Ilhéos, Porto Seguro, Victoria, decadentes, S. Vicente, S. Paulo de Piratininga, Cananéa, eram os marcos do trabalho e do esforço de tantos annos. Aliás, não foi simplesmente a operosidade dos luzitanos que conseguiu, ainda que tardiamente, esse aposseamento litoral em fóra. Por um lado, a necessidade politica de não admittir que os francezes insistentemente continuassem a vir ás nossas plagas, por outro, e mais forte do que o empenho portuguez, o empenho religioso dos jesuitas, determinaram o ultimar da colonização, sobretudo na zona sul desse mesmo litoral. Entendamo-nos: os Francezes, habituados desde longe a vir ao Brasil, bem tratados, bem comprehendidos pelos tupis do litoral, que os amavam, ao contrario do sentimento que dedicavam aos Portuguezes e que com justiça era o de odio, — os Francezes tinham resolvido por fim estabelecer em uma das magnificas bahias das nossas costas mais do que simples feitorias, uma verdadeira colonia. Foi essa a tentativa de Villegagnon, em 1555, na qual entrava o pensamento de estabelecer em terra virgem, livre de preconceitos e tradições, aquelle núcleo de protestantes — calvinistas, huguenotes — vivendo mal em França, sujeitos ás modificações dos caprichos reaes, sempre periolitantes, mas querendo conservar intacta a nova fé. Villegagnon realizou facilmente o seu intento, fundando o forte Coligny na ilha chamada pelos indígenas Sirigipe.

Annos se passaram antes que Portugal conseguisse definitivamente expulsar os Francezes, aliás bem poucos, desse estabelecimento que elles haviam cognominado "França Antarctica". Só a tenacidade dos jesuitas. Só o ardor de Nlobrega e de Anchieta, presentes um e outro ás duas grandes expedições realizadas em 1560 e 1567, para exterminar os hereges, que o eram para elles, só os esforços desses jesuitas, nas ilhargas de Men de Sá, por assim dizer, o acoroçoando sempre, o espicaçando, fazendo com que o Governador não se esquecesse do dever primordial de varrer da nova terra o que elles qualificavam de *lepra*, — só



esses esforços fizeram com que afinal a colonização se estabelecesse no Rio de Janeiro com a fundação de S. Sebastião.

Ninguém se illuda quanto á importância do perseverar desses representantes da crença romana no resultado para nós tão notável da fixação dos Portuguezes da nossa futura capital. E porque não bastassem esses inolvidáveis serviços, é ainda a influencia religiosa que vae contribuir para que a colonização avance para o Norte, isto é, para que, successivamente vencida a resistência dos indigenas, sempre apoiada ou sempre protegida pelos Francezes, se fossem abrindo pelos Portuguezes os primeiros núcleos além de Pernambuco.

As datas que passo a citar o attestam eloquentemente.

A conquista da Parahyba é de 1585. E não se entenda pela palavra conquista um aposeamento integral, e apenas o estabelecimento do primeiro núcleo, o fortim, em torno do qual, como centro, se iforam erguendo os *tejuhares* dos indigenas domesticados ou escravizados, e as primeiras fazendas. No Rio Grande do Norte, a fundação do forte dos Três Reis Magos, de onde devia surgir Natal, é de 1597. Fortaleza, creada por Martim Soares Moreno, o heroe de "Iracema," de Alencar, é de 1610. Camocim, de 1613, S. Luiz do Maranhão, de 1615. Belém do Pará, de **1616.**

Ora, vê-se bem que se haviam passado mais de cem annos para a effectivação do *habitat* portuguez no litoral, pelos successivos núcleos de colonização estabelecidos desde Belém a Cananéa. De Cananéa para o Sul a obra não é mais portugueza e resulta da operosidade da gente da terra, como se verá em conferencia posterior.

Qual a causa da tardança em empresa que de si mesma não parecia offerecer tantas difficuldades?

A resistencia dos habitantes primitivos da terra, especialmente daquelles tupis do litoral, 'foi de facto formidável, até porque ella se estribava em circumstancias inherentes ao terreno e que lhes facilitavam e lhes incrementavam os elementos de lue ta.

Os tupis não tinham, como muita gente pensa, a menor superioridade intellectual sobre os seus congeneres habitadores das terras brasílicas. Todos eram cerebralmente inferiores. Nenhuma abstracção, nenhuma idéa superior, nenhuma capacidade de comprehensão lhes marcava qualquer característico. Eram creaturas que viviam á lei da natureza, na edade da pedra, onde se haviam mantido por todos aquelles longos séculos durante os quaes a Europa prosperára, se civiüsára, crescera, tomára o vulto que todos sabem. Mas, eram bravos, eram bravos porque a única preocupação que os animava, si me permittem e expressão, o



unico desporto daquela época para os autochtonos do Brasil era a guerra, era a lucta, lucta que faziam uns com os outros da mesma raça e ás vezes da mesma tribu, lucta que com muito forte razão estabeleceram com os lavradores. E é preciso notar que ao Sul como ao Norte elles se bateram com heroicidade notável, com armas deseguaes, arcsos e flechas, contra os europeus, com bombardas e arcabuzes, a ponto de só os Portuguezes se poderem fixar em certas zonas quando exploraram nessa pobre gente aquella credulidade exaggerada, typica do ente cerebralmente inferior. O exemplo da Parahyba, onde após mallogradas tentativas só se fixaram os de Pernambuco, quando conseguiram captar, incutindo-lhe o ciúme, o despeito e a desconfiança dos seus compatriçios, o velho Piragiba,, ahi está, para de maneira iivconteste confirmar o que lhes refiro. Mais para o Norte, no Rio Grande e no Ceará, os Potiguares, e Periguares, e no Maranhão os Tupinambás opuzeram tão tenaz obstáculo á penetração dos Luzitanos, que só mais tarde, muito mais tarde, graças ainda a elementos de que puderam captar de certa forma a boa vontade, foi conseguida a occupação portugueza.

Sabe-se quie só em 1615 se tomou posse, em nome do rei de Castella, que o era também de Portugal, de S. Luiz do. Maranhão, fundado três annos antes pelos sonhores de la Ravardière, de Rasilly e de Harley, na temporaria renovação ao Norte da tentativa de Villegagnon, isto é, na passageira "França Equinoxial", que só no anno seguinte Francisco Caldeira Castello Branco creava o presidio de Nossa Senhora de Belém, origem da cidade actual do mesmo nome.

Seja, porém, como for, antes de findar o primeiro quartel do século XVII, a obra do aposseamento do *habitat* portuez estava acabada.

Belém do Pará, S. Luiz, Camocim, Fortaleza, os Três Reis Magos, Parahyba, Olinda e outros portos de Pernambuco, Porto Calvo no litoral alagoano, cuja colonização se fazia por intermédio de Pernambuco, S. Christovam de Sergipe, fundado em 1590 por Christovam de Barros, as fazendas do Rio Real, a cidade do Salvador e outros portos da Bahia, Victoria, Rio de Janeiro e as povoações vizinhas e delle derivadas, S. Vicente com S. Paulo de Piratininga no interior, Cananéa, — representavam os différentes núcleos de colonização garantindo para Portugal a posse da terra nominalmente tomada a 1.º de Maio de 1500.

Não bastava, entretanto, a posse.¹

Era preciso defender essa mesma terra, esse mesmo *h-abitat*, esse mesmo litoral de ataques successivos que lhe iam ser dirigidos não mais por Francezes, mas por outra poderosa nação que surgia como rainha dos mares, a Hollanda, ou melhor, a Republi-



ca das Sete Províncias Unidas, que conseguira, com uma heroidade formidável, derrubar o jugo hespanhol e obter uma independencia a todos os respeitos memorável e digna. A Hollanda ganhára pela sua acção no Oceano as vantagens que lhe podiam advir da propensão natural para empresas desse jaez. Habituaado a luctar com o Oceano, o Hollandez, ou o Batavo, ou o Neerlandez, que havia conquistado ás aguas, terras, em que depois vira crescer a fortuna e a prosperidade, em breve se tornou o dominador dos mares, ou, no dizer de escriptor famoso, foi por aquellas éras o que a Inglaterra foi ao tempo de Napoleão. E porque as empresas marítimas lhe tivessem dado grandes proveitos, para os lados do Oriente, a Hollanda (e eu a desegno assim, minhas senhoras e meus senhores, porque desde então já o nome de uma das provindas unidas sobrepujava as demais, quiz também havei-os do lado do Occidente. A' Companhia das índias Orientaes que havia tomado a Portuguezes sob o domínio hespanhol as vastas e ricas colonias que os "Albuquerque Forte, os Castro Valente" tinham fundado por esse extremo Oriente, — se viu juntar nessa longinqua Asia a das índias Occidentaes, e as expedições para o Brasil se iniciaram.

Em 1625 é tomada a Bahia. Mal organizada, ou bem combatida por um esforço em que o espirito da terra se manifesta de maneira inconcussa, a expedição hollandeza é repellida ao cabo de um anno. E' certo que os hespanhoes, depois de "longas e ponderosas meditações", tinham conseguido mandar para aqui uma grande esquadra, a de D. Fradique de Toledo Osorio. Mas, sem a primitiva defesa daquelle bispo que deixára crescer a barba e se vestira de burel, a cavar com enxada o fosso do arraial do Rio Vermelho, sem essa energia em que se symboliza perfeitamente a necessidade de guardar a terra para a mesma lingua, a mesma tradição e o mesmo rei — sem esse esforço, quando a esquadra do Almirante hespanhol tivesse aportado á Bahia de Todos os Santos já os Hollandezes estariam definitivamente radicados na sua conquista. E, de facto, isso se deu mais tarde, quando em 1630, não desenganados das vantagens que poderiam obter com o estabelecimento do Brasil Hollandez, aquelles mercadores e aquelles mareantes de Amsterdam, de Rotterdam, de Leyde de tantas outras cidades famosas pensaram em se estabelecer em Pernambuco, e o conseguiram durante vinte e quatro annos.

De 1630 a 1654 os Batavos se mantiveram no Brasil. A principio, durante cerca de dois annos, se isolaram no Recife. O representante do donatario, um typo de fidalgo á antiga, em cujas veias falara liem alto o sangue dos Albuquerque e dos Coelho, reunindo em torno de si a flor da nobreza pernambucana, consegue manter prisioneira dentro dos fortes do Recife a gente de Hollanda. De-



pois, circunstancias diversas, o canção, o desespero de não se verem amparados e até maltratados por aquelles soldados mesmo do rei, para cuja coróa os nortistas, maltrapilhos, pés descalços, haviam batalhado sem cessar, a série de vantagens offerecidas pelos invasores, a religião conservada e estipendiada por elles, tudo fez baixar a resistência, e quando Nassau, em 1637, aportou ao Recife, já Parahyba, já o Rio Grande do Norte e já grande parte de Pernambuco constituíam um Brasil Hollandez. O Príncipe illustre soube com rara habilidade consolidar esse estado de coisas. A' sua mesa, bem servida, lauta, pomposa, sentaram-se João Fernandes Vieira, o chefe da futura insurreição, e Frei Manuel do Salvador, aquelle frei calado que devia ser um dos chronistas desses memoráveis tempos.

Depois, o Brasil Hollandez se estendeu, e do Sergipe ao Maranhão occupou inteiramente aquelle trecho do *habitat*" da Civilização.

A conquista batava ruiu em 1645. Uma insurreição organizada positivamente por gente da terra rebenta para uma lucta tenaz, por cerca de dez annos, acabando por expulsar o protestante hollandez das terras cujo descobrimento a bandeira de Christo presidira.

E' esse um dos episodios mais interessantes da nossa Historia, a insurreição pernambucana, de 1645, da qual foi chefe o madeirense mulato João Fernandes Vieira, e da qual foi alma o parahybano André Vidal de Negreiros, um e outro tendo ao lado, como figuras maximas, o indio Camarão e o negro Henrique Dias. E' a primeira affirmação do nosso nativismo, é a primeira e inconcussa manifestação do amor pela terra. Não que a idéa de nacionalidade perpassasse, siquer pelo animo de qualquer dos heroes componentes dessa famosa phalange.

Não. Quando D. João IV, premido por circunstancias terríveis, escutou ou quasi escutou o conselho do Padre Vieira, expresso no Papel Forte, e pensou em abandonar Pernambuco e o Norte ao dominio hollandez, para manter a integridade do territorio onde a monarchia nascera, e quando o governo portuguez sem recursos, deixou entregues a elles somente, os da terra brasileira, os encargos da campanha contra os invasores, elles não clamaram pela independência, ameaçaram apenas o rei de Portugal de recorrer a outro Príncipe Chrístico para dirigil-os na lucta, que juraram seria definitiva. E o foi. Durante cerca de dez annos, sem ceder ou transigir em uma linha, os da terra, os Vieira, os Camarão, os Henrique Dias, os André Vidal de Negreiros, foram pouco a pouco estreitando os Hollandezes dentro dos muros e dos fortes do Recife, até obter delles, em janeiro de 1654, a rendição completa e a expulsão do ultimo estrangeiro que pisou como senhor o solo brasileiro.



Era uma insurreição de character nativista, eu o disse. Neila entraram os elementos da raça que surgia e que desde então se começava a affirmar. Sim, porque o nativismo é a precedencia do patriotismo na evolução natural do phenomeno historico. Os penambucanos, os parahybanos, os do Norte numa palavra, imitando o que já haviam feito os do Maranhão, movidos por aquelle amor da terra que era delles, da terra para onde tinham vindo e onde haviam prosperado, da terra que era dos filhos, da terra onde para muitos jaziam os paes, por amor daquella terra, para conserval-a ao mesmo rei, á mesma fé, á mesma lei, não se cançaram, em heroicissimas acções, de se bater denodadamente. Em todos episodios dessa lucta tremenda, quer nos da primeira phase, quer nos da segunda, ha feitos de tão grande vulto, senhoras e senhores, que é pena tenhamos nós o mau gosto de ir buscar na velha Europa ou nos outros mundos exemplos de grande valor oii de bravura inimitável. Não é preciso tão longe procurar aquillo que dentro da nossa casa existe.

Para não fatigar o auditorio, que de tão boa vontade me escuta ha mais de uma hora, citarei apenas dois casos — a defesa do (fortim do Rio Formoso, por Pedro de Albuquerque, e que Varnhagen com razão qualifica superior ás Thermopylas, e a retirada de Luiz Barbalho.

Na fortaleza do rio Formoso havia vinte soldados. Os Holandezes atacaram-n'o em numero muito superior, e quando os Batavos lhe escalaram a amurada, dentro jaziam dezenove cadaveres, estando o commandante, ferido gravemente, fóra de combate. Um soldado apenas, fugindo rio em fóra, o atravessava, gottejando de sangue as aguas límpidas.

Em 1640, Luiz Barbalho, atirado pelo desastre do Conde da Torre ás praias do porto dos Touros, se vê em terra inimiga somente com cerca de 1.000 homens, por toda a parte cercado, por toda a parte ameaçado. Procura entender-se com Nassau, que lhe responde com as palavras do proprio Barbalho no anno anterior, prescrevendo a um sobrinho que tratasse os holandezes a ferro e fogo. Definida a situação, o chefe catholico comprehendeu ser necessário a todo o transe, varar aquellas quatrocentas léguas que o separavam da cidade do Salvador, seu único e seguro asylo. Por veredas rasgadas no matto virgem, vadeando rios, escalando montes, rompendo por entre as agruras de natureza e a fereza dos inimigos, perseguido, acuado como uma besta fera, de uma parte pelos Holandezes, de outra pelo gentio ao serviço do invasor e sedento de sangue branco, num batalhar desigual, em que o heroismo suppria a deficiencia do numero e o pensamento religioso sustinha o desfallecimento natural, — eil-o que chega, radiante de gloria, á meta do seu nobilissimo e desesperado designio.



Senhoras e senhores, uma vez que lhes expuz, summariamente embora, e talvez um tanto longamente, todo este capitulo relativo á posse e á defesa do *habitat*, seja-me licito dizer-lhes, agradecendo-l'hes ao mesmo tempo a attenção, que por volta de 1650, quero dizer no meio do século XVII, a obra portugueza estava por assim dizer finda no Brasil. O que lhes coubera fazer, a colonização do *habitat* primitivo, o estabelecimento dos diferentes núcleos do litoral, se terminára. Restava a penetração do interior, a conquista do *interland* — e porque não empregar o vocábulo tão caro aos nossos corações? — o sertão, que devia tocar, por honra nossa, á nossa raça, á gente nossa, ao menos na sua maior parte. Por orgulho nosso, essa obra devia ser o producto de uma raça forjada na nossa terra mesma. Não quero diminuir com isso a gloria dos que nos trouxeram a Civilização. O que elles fizeram foi muito, e eu me sinto bem louvando-lhes aqui a bravura, a tenacidade, a solidez do trabalho e, principalmente, repetindo que a elles nós devemos a penetração dessa luz maravilhosa da Civilização. Pouco importa que para completar a intromissão desse grande phenomeno nas nossas brenhas se tivesse de usar da louça de casa. A obra portugueza foi grande, e louval-a é um dever de que eu me desempenho nesta hora.

HADDOCH LOBO





O CRIME DO MOÇO VERDE

Seriam sete da manhã quando alguém entreabriu a porta do meu quarto. Era minha mãe que entrava com uma chicara de café—

— Levante-se, Nhonho. Ha um caso serio.

Nada de mais serio havia naquelle momento, para mim, do que os lenções.

— Deixe-me. Depois a Senhora me conta.

Ella insistiu:

— Escute o Edgar foi assassinado...

Pulei da cama, attonito

— Que?! O Edgar?!...

— Sim. Encontraram-no esta manhã morto em seu quarto, de bruços na cama. Uma facada. Está lá um povaréo na casa.

— Será possível? murmurei commigo, vestindo-me á pressa, com as idéas em tumulto ante o inesperando do lance.

— Sahi. Edgar morava na minha rua, umas quadras adeante, no esplendido palacete do seu pae, o velho Sá. Seu quarto, com janelas de venezianas verdes, dava para a rua. O assassino entrára por uma delias, certamente.

Estava cheia de curiosos a casa e foi com esforço que varei até á sala onde o delegado, o medico da policia, agentes e soldados tomavam nota e abriam as investigações. No quarto do crime, apoiado á cabeceira da cama, o velho Sá, immovel, sem lagrimas nos olhos em fogo, contemplava o cadaver do filho inda na posição em que o colheu a morte. Era bem a imagem das grandes dores mudas. Filho único e que filho!...

O instrumento do crime fôra o punhal — um punhal meu conhecido, que Edgar costumava trazer na gavetinha do criado-



mudo. O assassino vibrara o golpe pelas costas, com certeza tal que a lamina lhe varou o coração produzindo morte instantanea. O crime dera-se entre 1 e 2 da madrugada, suppunha o medico.

Pobre Edgard!

A autoridade, ao saber que eu era intimo do morto, apertou-me com perguntas e fez-me enumerar todas as suas relações.

A flor dos rapazes, o Edgar. Bom de coração, generoso, affectuoso, rico de amizades sinceras e muito parasitado de piratas elegantes, essas piranhas sociaes que vivem á lambugem dos endinheirados. Eu era seu intimo, por affinidades mentaes e de sentimento. Encontravamo-nos quasi todas as noites no club, sendo a mim que elle confidenciava suas impressões mais subtis e seus amores. Gostava de jogar e no baccarat tinha faro para adivinhar o inicio de um chorrilho e aproveital-o, dobrando as paradas, com segurança de espantar a velhos jogadores. Raro, porem, embolsava os lucros. Repartia-os sempre com a parasitacha circumdante, que nessas occasiões infallivelmente affluia. Generosíssimo.

Seria o roubo o movei do crime? Não. Nenhum de seus objectos de valor fora subtrahido do quarto, e em seu sobretudo, jogado sobre um divan, estava a carteira pezada de notas.

Uma suspeita me passou pelo cerebro e como o delegado insistisse na tecla de relações sociaes da victima, lembrei-me num ciarão do Eurico.

— O Eurico...

— Que Eurico?

— Eurico Nunes. Se o doutor m'o permite, vou buscal-o. Talvez que...

— Vá. Vá no meu auto e leve um agente. Você lá, oh, acompanhe este moço.

Eurico Nunes — a creatura mais detestável que jamais conheci. Travamos relações numa casa de pensão, e desde o primeiro momento senti por elle invensivel antipathia. Essa impressão era geral. Ninguém alli o tolerava. Eurico "não entrava".

Como, porem, sou delicado e maneiroso e sei conservar a mascara que quero, não o repelli — nem repelli a sympathia, o apego, a attracção que desde o encontro inicial o "antipathico" demonstrou por mim.

Rejeitado de todos, achegou-se ao que menos o rejeitava e acabou envolvendo-me totalmente. Gostava de sahir commigo em passeios longos e dava-me o braço na rua, ostensivamente, com um tal ou qual aspecto, como a provar aos passantes que também elle possuia um intimo. E eu, meio por fraqueza, meio por curiosidade deixava-o fazer.



A dona da pensão não o engulia, contendo a custo as manifestações de seu rancor. Parecia a cada passo prestes a explodir, a expulsá-lo de casa, mas dominava-se e sorria. Oh, aquelle sorriso de dona Eudóxia...

Razões não faltavam á boa senhora para essa explosão. O meu bilioso companheiro, apesar de vegetariano convencido, era o primeiro na mesa a servir-se de carne, tirando para si os melhores pedaços. Mas não a comia nunca. Picava-a e deixava-a toda depois de inutilizá-la com restos de café ou cinza do cigarro, no receio de que a aproveitassem. Proibido pelo medico de servir-se de molho inglez e conservas, nunca deixava de vasar no prato o mais que podia, fazendo-o mudar em seguida.

A mesma cousa como á sobremesa.

Seu prazer era lesar os outros, e o que não podia comer esmagava. Quantas vezes o vi esmagando os bagos de uva sobejados em seu prato, achatando doces as escondidas, inutilizando ornatos de papel picado, riscando o verniz dos moveis...

Dona Eudóxia, certa vez, arriscou uma observação:

— Se não gosta de carne, de molho, de conserva, porque se serve dessas coisas? E' o mesmo que deitar fóra. Não sabe que ha muita gente pobre que vive dos sobejos dos arranjados?

Eurico desculpou-se, explicando desageitadamente que gostava daquillo tudo e tinha sempre intenção de comer ao servir-se; mas o seu estomago era caprichoso e "mudava de idéas" de um momento para outro.

— Pois é mudar de estomago, redarguiu d. Eudóxia, a quem tal resposta cheirou a sarcasmo; mudar de estomago ou...

Não concluiu o dilemma, nem era preciso; todos os presentes comprehenderam-na e apoiaram-na.

Desde esse dia Eurico não teve remedio senão mudar de casa, já que sua'maldade o impedia de mudar as idéas do seu estomago.

Eu, confesso, dava-me com elle por curiosidade apenas, visto que a tenho malsã, amiga de escabichar esses becos infestos da psychica humana. E como Edgar era dotado de idêntica mania, pul-o logo ao par do meu caso. Elie, immediatamente, ardeu por conhecer Eurico, e embora eu reluctas.se em approximar creaturas tão oppostas, pois nada de bom adviria disso ao meu amigo, acabei cedendo. Apresentei-lh'o uma noite, no clube, de passagem, e como Edgar não tivesse memoria prompta para amor proprio, no dia seguinte perguntou-me pelo "Moço Verde". O appellido pe-
OU incontinente e desd'ali ficou Eurico conhecido assim na roda, e breve na cidade. De facto, era um achado tal alcunha. O homem era verde por fóra e por dentro. Se o roseo na creatura humana clá sensação de belleza e saúde, o verde unicamente suggere más qualidades — doenças do corpo e da alma.



Edgar cultivou habilmente aquella paradoxal amizade. O "Moço Verde" tornou-se para elle um caso de laboratório; objecto de carinhoso estudo de pathologia. O analysta provocava experiencias curiosíssimas, estimulando a perversidade verde do nosso homem e recolhendo em frasquinhos scientificamente etiquetados os alcalóides extrahidos, as essencias ultimas captadas.

Lembro que um dia me disse: — E' interessantissimo! Estou a desmontal-o peça por peça e com vontade doida de remettel-o áquelle terrível psycho-analista do Freud(único instrumento de precisão capaz de bem apprehender a mechanica cerebral do nosso "Moço Verde". Inda assim espero compor uma succulenta monographia: "Da Subtileza da Perversidade Verde"...

E rematou:

— Sabes? Elie odeia-me. Leio isso atravez da sua prodigiosa dissimulação como leio atravez de um cristal. Detesta-me...

Eurico invejava-o, da peor especie de inveja — a inveja verde. Não podia supportar a distancia que os separava, o violento em excesso do contraste social. Um, bello, forte, generoso, rico, adorado das mulheres e dos homens, toda facilidade na vida, e carinhos, e sympathia irradiante; outro, o inverso, a exhalar repugnância moral e mental, a correr de si as mulheres, a espantar os homens. Um, rubro de papoula; outro, verde de sapo venenoso. Alem disso, o por mais que Edgar disfarçasse, Eurico comprehendia que o que o ligava a elle era a curiosidade malsã pela verdolencia de lagôa de sua alma de monstro.

Edgar por esse tempo amava e era amado de linda moça, o melhor partido da cidade como creatura plasmada com carinho pelas mãos de Deus e como herdeira de uma grande fortuna.

Confidente que sempre fui, acompanhei essa paixão desde os primeiros passos e assisti ao seu esplendido desabrochar. Edgar pediu-a e por uns tempos mergulhou nas doçuras do noivado.

Súbito, uma carta do futuro sogro cahiu-lhe na cabeça como um raio. O homem retirava a sua palavra, apresentando umas escusas glaciaes. Rompeu-se o encanto e a aurora em que vivia a banhar-se o coração do meu amigo, cedeu o passo á noite de dor — dor de amor, dor de orgulho offendido.

Farejou logo intriga venenosíssima, tão fóra de proposito era o rompimento e tão injusto. O intrigante? Eurico, certamente. Era intriga verde, e tal veneno só do "Moço Verde" podia espirrar.

Edgar portou-se nobremente. Manteve-se impenetrável, roendo comsigo a offensa aos seus brios de cavalheiro irreprehensivel e nem a mim, sequer, tocou mais llo assumpto. Embora convencido, como eu, de que a setta hervada partira do "Moço Verde", não rompeu com o intrigante, continuando a tratal-o como se de nada suspeitasse.



— Afasta-o de ti, Edgar, disse-lhe uma vez.
— Não. Quero ver até onde vae sua infamia.
— Cuidado! Pode ir longe demais... lembro-me que lhe retorqui, propheticamente...

Mezes decorridos, o pae da moça appareceu em casa de Edgar. Vinha pedir desculpa e declarar que fora vilmente illucido em sua boa fê de pae amantissimo pelas calumnias de um anonymo; mas verificara a improcedência das allegações e tinha como sagrado dever imposto pela honra voltar atraz do passo que dera e pedir ao noivo de sua filha que marcasse o dia do casamento.

Num golpe de magia a aurora brilhou de novo no coração do meu amigo que, infantilmente alegre, transbordante de felicidade, abraçou-me na rua dizendo:

— Como é pura a luz que brilha depois da borrasca!

Foi a ultima palavra que lhe ouvi. Dois dias depois, era o noivado...

De caminho á casa do "Moço Verde" ia eu rememorando esses factos, absolutamente seguro de que o criminoso era elle.

Quando o auto parou, disse ao agente que me acompanhava, e que me olhou com surpresa:

— O assassino está aqui. Acompanhe-me.

* *
*

Recebeu-me uma senhora idosa, com feição de martyr. Vi logo, pela semelhança de traços, que era a mãe do monstro.

Aipresentei-me. Não me conhecia nem de nome. Isso me disse que entre ella e o filho nenhuma intimidade existia: o algoz não contava á martyr nem o nome dos seus amigos...

Ao ver atraz de mim a cara suspeita do agente, a infeliz senhora surprehendeu-se.

— Que houve? Alguma coisa, meu Deus?...

— Nada, minha senhora. Desejo apenas dar uma palavra a Eurico.

— Elie ainda dorme. Entrou muito tarde esta noite.

— Muito tarde? A que horas, mais ou menos?

— Duas da madrugada. Sei porque estava acordada, anciosa por vel-o entrar e logo que Eurico recolheu o cuco da sala cantou as duas...

Confirmaram-se minhas suspeitas e insisti:

— Mas não temos remedio. Ha de fazer-me o obsequio de despertal-o.

A velha conduziu-me ao quarto do filho e bateu de manso,



medrosamente. Depois, ao "entre" ríspido que de dentro soou, torceu o trinco e fez-me entrar.

Eurico fumava na cama, com o cinzeiro ao lado coalhado de pontas. Vi logo que não pregára olho.

Ao dar commigo, espantou-se, e sentou-se de golpe.

— Que ha? Que te traz tão cedo?

— Coisas serias. Mas preciso falar ás sós...

O rosto da velha mudou de expressão.

— Será que uma mãe não pode saber o que se passa na vida de seu filho único?

— Ha casos, minha senhora... Trata-se de segredo de um terceiro...

A pobre mulher retirou-se sem mais palavra.

— Que ha? perguntou de novo Eurico.

— Ha que mataste o Edgar esta madrugada e eu, como amigo, venho salvar-te. Ou me obedeces e estás salvo, ou recusas minha assistência e estás perdido.

Eurico empallideceu, titubeante, e tentou ainda negar o facto.

— Estás doido! Matei lá ninguém! Que diabo de embrulho é esse?

— Não ha tempo a perder e escusas negar. Sei que estives-te de madrugada em casa delle e que o apanhaste pelas costas.

Ha contra ti provas tremendas. A confissão delle ao pae, pois a morte de Edgar não foi instantanea como suppozestes e ainda duas testemunhas que te viram sahir da casa de madrugada.

— Impossível! A rua estava deserta, vi bem...

— Parece-te.

— Mas Edgar morreu mesmo?

— Sim, ha coisa de meia hora. Teve tempo de denunciar-te como o assassino.

Verde, mais verde que nunca, o "Moço Verde" deixou cahir da bocca o cigarro e ficou a olhar-me com grande olhar arregalado. Nunca vi imagem mais perfeita do desnorreamento, do súbito desarranjar-se de uma machina cerebral.

— E agora, meu Deus! E agora? Ajuda-me, pelo amor de Deus! Lembra-te que sempre fui teu amigo e que Edgar não o era. Não calculas quanta infamia me dizia elle de ti, como te calumniava...

O monstro babujava sua baba verde sobre o cadaver da victima... Que asco me inspirou!

Contive-me, porem, e prosegui na comedia.

— Sei disso, e é porisso que vim em teu socorro. Vaes confessar-me o teu crime e eu prepararei a defesa. Vamos. Em caminho ir-te-ei industriando.



— Vamos para onde?

— Fugir!

O "Moço Verde" vestiu-se, meteu no bolso alguns objectos de valor e seguiu-me.

Quando sahimos do quarto, a velha mãe em lagrimas, adivinhando a tragedia, tentou envolvê-lo em seus braços. O infame a repeliu com um gesto verde...

Em caminho agarrou-me as mãos e pediu mil vezes misericórdia.

— Só tu poderás valer-me. Vê se me livras! O Edgar era um infame. Dizia horrores de ti e de todos os amigos. Eu vinguei-os a todos. Uma hyena, agora vejo. Mas não pude conter-me. O odio era demais, me cegou. Vi o punhal na gaveta entreaberta, vi-o de costas... O demonio empolgou-me, o demonio me fez agarrar o punhal, o demonio me fez cravar-lh'o no coração... Não tenho culpa, não fui eu... Salva-me, pelo amor de tua mãe, me salva!...

E assim o caminho todo.

Quando o auto parou á porta da casa do crime, o "Moço Verde" estareceu, tremulo de pavor. Compreendeu tudo, n'um clarão e tentou fugir.

— Agarrem-no! disse eu aos agentes.

E foi assim, agarrado, arrastado, a debater-se como um doido, que penetrou na sala onde estavam as autoridades.

— Senhor! Está aqui o assassino.

Rodearam-no, incontinentemente, e mal o delegado lhe fez a primeira pergunta, appareceu, como um espectro, o velho Sá. Minhas palavras apresentando ao delegado o criminoso fizeram-no despertar da immobilidade de estatua em que jazia e o velho rompeu o grupo que cercava o "Moço Verde", como um phantasma que desce do limbo.

Encarou-o a fito. Seus dedos crispavam-se. Seus olhos fuzilaram.

Nada disse, porém, e retirou-se de novo para o quarto do seu filho, a passos lentos, sempre como um phantasma...

Nisto ouvi um grito lancinante.

— Edgar!

Era a noiva que chegava e com aquelle grito desmaiou abraçada ao cadaver do noivo...

T)lhei para Eurico e vislumbrei em seus olhos um brilho de volúpia. O monstro estava gosando talvez o mais intimo prazer da sua vida...

Terceiro acto. Jury. Absolvição por oito votos.

A vida é verde...

JULIO OESAR DA SILVA





O VENTO

*Não gosto do vento da cidade,
que parece um velhinho
tropego e cansado, com as barbas brancas,
a caminhar devagarinho
pelas calçadas,
batendo ás portas de mansinho.*

*Tem um gemido, a cada passo,
o vento reumático no espaço,
o vento sem orgulho e sem maldade
da cidade.*

*Sou moço e forte, adoro a força e o valor,
abomino o temor,
amo o orgulho hostil e a maldade bravia
quando provêm da rebeldia.*

*Amo o vento selvagem da campina,
rápido e rebelde,
como um corcel raivoso que se empina
sacudindo a crina.
E' um bando de centauros em guerra e fúria,
sorvendo o ar com força e com luxuria,
o ar que queima seus pulmões sadios,
fêrreos, lieroicos e bravios.
Galopam doudos, com o chefe á frente*

*os centauros frementes.
Rodopios...
Ouço os relinchos
dos guerreiros equipedes, aos pinchos.
Curvam-se as flores a tremer e a dansar
liturgicamente,
ante os heroes que vão no clião a galopar,
brandindo lanças na guerreira dansa
ou aos pinotes pelo ar...
Sobe a poeira do chão em turbilhão...*

*Gritos de dor, lamentos de vencidos,
longos gemidos,
relinchos, tropel e alarido...*

*Amo-te, oh vento da campina,
que és o galope de centauros rebeldes, de centauros bravios,
desfraldando no ar as bandeiras da crina
na cavalgada; e em arrancos
cabellos brancos pelos flancos,
fremindo, carpindo, nitrindo, rugindo
liymnos de guerra
na marcha immensa que nos aterra!
Quando farto dos combates,
dos inimigos que abates,
fatigado da luta,
tu te retiras na tua gruta,
deixas pender dos muros da caverna
os tropheus que trazes da victoria,
no teu orgulho immenso de conquista,
vento visível à minha vista!*

LUIS ARANHA





VIVER

*Viver! Eu sei que a alma chora,
E a vida é só dor iiujrata,
Pranto, que o não allivia,
Olhos, que o estão a verter...
Soffra o coração embora!
Soffra! Mas viva, mas bata
Cheio, ao menos, da alegria
de viver, de viver!*

(Raymuido Correa)

*A porta fecho para o mundo,
e na serena escuridão
não fere a vista que perscruta,
o minimo clarão.
Que paz! B,m trevas cu me afundo,
afogo o olhar.
Sinto o silencio de uma gruta
a dominar...
Vem-me um sudário carinhoso
de esquecimento...
Não brilha a luz, não sopra o vento...
Placidamcnc me avassala
esse antegoso
da quietação da sepultura.*



*Mas de repente,
 como se ouvisse rude fada,
 tremo na minha noite escura,
 a vacilar.
 Surde-me a sombra impenitente,
 a que cu fechara a minha porta...
 E eu a cuidar que estava morta,
 como uma pedra que mergulha
 no mar. ..
 Eil-a que entrou subtil, sem bulha,
 partindo o ignoto isolamento.. .
 E num momento
 a negridão se me ilumina
 de céus de aurora
 azul, dourada e purpurina.*

*E's tu? Porque chegaste agora?
 Como venceste o liminar
 de uma caverna,
 onde, fugindo ao mundo, hiberna
 o meu olhar?
 E's tu? Bem sei! Tu és a Vida,
 que clama e pede,
 com fome e sede
 mais vida. Em tua voz marulha
 enfebrecida
 uma vaga de amor.
 Sae de teus olhos, quando fitas,
 a mesma vivida fagulha,
 que deu á Terra, que nascia,
 o sempiterno resplendor.
 Diz o negror de teus cabelos
 de extranhas noites infinitas
 para volúpias imortaes.
 E da pele macia
 resumbram, vêm, aromas taes,
 que alucinados Vs sentidos,
 a sorvel-os,
 tombam no abismo da loucura.
 Tu és a vida que tortura,
 que prende, enlaça,
 beijos transforma nos gemidos,
 gemidos transformando cm beijos.
 E a triste raça,*



*que se cistortega,
ao teu encaço vó cega
no turbilhão.*

*Tu és o Mal, e és tão formosa!
Tu és o Bem, como assassinas,
com as tuas mãos leves e finas!
Como fugir a teus lampejos,
astro fulgente, e nebulosa
impenetrável na amplidão?*

*Tu és a Vida: a juventude
jorra na tua face
nas rosas da saúde.*

*Ou és a Gloria? e no teu hausto
pode beber misero Fausto
o forte alento
de quem renasce,
ao menos para os sonhos seusf*

*E's tu... Bem sei. Quebraste a porta,
quebraste o frio insidamento...
E cu, que julguei que estavas morta,
osculo a fimbria do teu manto,
e em riso e em pranto
não posso mais dizer-te adeus...*

Alcides FLÁVIO





O ABACAXI

QUANDO tomei assento no wagon, senti uma sensação de conforto, porque me foi fácil abstrahir a fumaceira que vinha da locomotiva; o aperto da cadeira tolhedora de movimentos e seis ou sete pequenos lagos dessa util mas desperdiçada secreção salivar, innocentemente creados pelos viajantes.

Habitado a leituras transcendentaes, consegui desenvolver e aperfeiçoar esse poder de abstracção, que é inherente á natureza humana. Entretanto, apezar de todos os meus esforços, não me foi possivel eliminar da scena mental uma geração de meninos vorazes, que, com uma tenacidade guerreira, destruíam todos os ângulos, todos os cathetos e todas as hypotherusas de uns sandwiches triangulares, que elles carregavam, no seu inconsciente desrespeito á geometria e ás leis do equilibrio universal.

A minha attenção estava monopolisada por esse pic-nic ambulante e, sobretudo, pelos movimentos audaciosos de uma garrafa de gazosa, quando passava de mão em mão, rapidamente. Um mal dirigido gole desse liquido expansivo veio cahir sobre as minhas calças, cujos fios, pela acção automatica da capillaridade, ficaram inteiramente encharcados. A mãe dos meninos interveio com solicitude, para me garantir que o liquido não manchava. •— "Deixe ficar seccando na sombra, explicou ella. Não tente esfregar a roupa. Conserve-se no mais absoluto repouso e verá que daqui a duas horas não ha de ficar nenhum vestigio..."

Eu sorria para a cabeça calva do bebê, que ella trazia nos braços. O bebê insistia no seu perverso intuito de arrancar a pluma



do chapéo da vizinha em frente, — operação essa cuidadosamente incentivada pela mãe.

O trem parou numa estação, que regorgitava de gente. Um homem em andrajos, gritador, quasi brasileiro, offereceu-me um abacaxi aggressivo. Recusei. Insistiu com naturalidade e inconveniência. Repeti a recusa, mas o mercador empurrou-me a fructa pela janella a dentro. Talvez não acreditasse que pudesse existir no mundo alguém capaz de resistir a um abacaxi. Por isso é que o collocou junto ao meu rosto, afim de que eu me certificasse de que estava em presença de um specimen authenticico. Não! Não! disse eu assustado. Mas a minha negativa devia ter sido expressa em voz altíssima, natural em quem está sob o dominio de emoção violenta, porque, num relance, os meninos pantagruelicos me rodearam; uma dúzia de olhares adultos voltaram-se para o exiguo espaço occupado por mim; e, do fundo do carro, tres pescoços engravatados esticaram uma curiosidade compassiva. Parecia que todos me reprehendiam pelo facto de ter falado tão alto, ao mesmo tempo que me convidavam a realizar a compra. Premido por factores de tamanha relevancia, decidi-me e comprei o abacaxi. O wagon serenou.

Nesse momento, a consciência interpellou-me com uma des-sas perguntas inadiaveis. muito perturbativas: "Que fizeste do teu dinheiro, Gregorio? E assacou-me tremendos vitupérios: "prodi-go, poltrão, abúlico, imbecil". Com tamanho lastro de pedras, estava a succumbir, quando a razão observou que eu era solteiro, sem obrigações de especie alguma; o dinheiro era meu: podia fazer delle o que bem entendesse. Demais, adquirindo a mercadoria, favoreci a circulação das riquezas e confortei a penúria do vendedor. Óptimo o remedio: retirou a consciência o seu lastro de pedras e eu subi metaphoricamente ás nuvens.

Entretanto, o abacaxi me irritava, — bojudinho, espinhento, passivamente bellicoso. Fiz um gesto para atiral-o fóra. A moça de pluma no chapéo surprehendeu-me nesse afan e atirou-me um sorriso de reprovação. Estava sendo vigiado. De instante a instante, um menino espiava com gula o abacaxi. E pelo espaço de uma hora, a fructa foi a distracção dos passageiros, sem que eu pudesse comprehender o motivo. Mais tarde é que vim a saber. Tratava-se de ura producto excepcional, não só por apparecer fóra da época ("fructo temporão", explicou-me um senhor sabido), como também pelo volume, pela côr excentrica, pela dureza da co-fôa quasi metallica e, sobretudo, pela extraordinaria aggressividade de seus espinhos.

— O senhor dá licença que eu mostre esse "exemplar" ao meu companheiro, alli adiante? Quando comprou? Onde? Caro? Para propaganda?

Perguntas assim eram frequentes. A mãe dos meninos, por seu turno, pediu-me que cedesse o abacaxi, "apenas por alguns instantes", afim de distrahir a criança que chorava. Tomando-o das minhas mãos, agitou corajosamente a fructa verde-amarella diante dos olhos do petiz, que logo cessou de chorar. Mas, na sua natural ignorancia da capacidade injuriosa dos abacaxis, quiz o bebê total-o com as mãos e feriu-se num dos espinhos mais agudos. Redobrou então o berreiro e a mãe, muito irritada, devolvem-me o abacaxi, lançando-me um olhar proposital de censura, como que a dizer: "o senhor não devia consentir... devia ter avisado..."

O guarda entrou para o seu monotono officio de picotar os bilhetes. Emquanto a solicita senhora que presidia á vida dos meninos turbulentos procurava as passagens, remexendo a bolsa, a mala de mão, dentro do guarda chuva e da bocca do bebê, — uma idéa genial surgia no meu cérebro: presentear com o abacaxi aquelle guarda. Para isso e para que ninguém me observasse, esperei que elle atravessasse de um carro a outro. Tive que empregar uma grande cautela, afim de escapar á ronda dos meninos, á attitude vigilante da moça de pluma no chapéu e aos olhares vadios dos admiradores da extraordinaria fructa. Eu não queria merecer a reprovação geral desses individuos, que seria implacável, caso me desfizesse assim displicentemente de um specimen raro e miraculoso de abacaxi.

Na occasião propicia abordei-o, tendo escondida sob o paletot a malfadada fructa. Antes, porém, de dirigir-lhe a palavra, o sympathico homem (ah! como naquelle momento aquelle homem me era sympathico!) esboçou um sorriso de ternura e fez um signal amistoso, para que eu o acompanhasse. Logo depois, estava num compartimento distante, e, ahi, abriu uma cesta de vime, trazendo á luz um desconimunal abacaxi, de avantajadas formas e severos aculeos.

— Leve-o também, murmurou complacientemente. Detesto essa fructa. Sou obrigado, pelos serviços que presto em varias estações, a receber os mais extranhos presentes de todas as pessoas a quem favoreço. Já estou cansado. Leve-o...

— Mas...

— Sem cerimonia. Eu também vi. Eu sei: o senhor é um apreciador, *um cspecilista*... I[^]eve-o...

Senti uma molleza de desanimo nas pernas. Envergonhado, sobraçando os dous infernaes abacaxis, voltei para o meu lugar. Ahi, a senhora gorda varreu-me com seu olhar desdenhoso. Ella disse: "Bem sei que os meus filhos são levados, mas, graças a Deus, nenhum delles é ladrão. Não era preciso que o senhor, de medo que o roubassem levasse comsigo esse mesquinho abacaxi,



Si sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura



BIOTÔNICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

T.P.
WESSEL



Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

III

Torna os homens vigorosos, as mulheres
armosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

III

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE - EVITA A TUBERCULOSE

M O D O D E U S A R :

BIOTONICO elixir

Ultos : 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do
almoço e antes do jantar.

Ianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Iltos : - antes do almoço e 2 antes do jantar.

Ianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injecfavel

Pectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças cora volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo da, dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Kírainação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saúde.
- X — Cura radical] da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das forças e considerável abundancia de leite.
- XII — Rápido e completo restabelecimento nas convalescença de todas as moléstias que produzem debilidade geral.

O Biotonico Fontoura
ulgado pela probidade
científica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO
Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o
Biotonico Fontoura
que tenho tido ensejo de
servar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
me tem afigurado o seu
quando ha accentuada
nutrição e occorreni ma-
ifestações nervosas, delia
endentes.
Rio de Janeiro, 10 de
tembro de 192".

Dr. Henrique de Bilio Belfort

Professor de moléstias
j-vas da Faculdade de
rdicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregésilo

Professor cathedratico
de clinica neurological da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto
doente, meus e sempre q
lhe acho indicação therape
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

(T ^

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo

quando saíu. Podia ir descansado: ninguém tocara nelle..."

Senti que era inútil explicar.

— Outro abacaxi! OUTRO! OUTRO! berraram os meninos. Houve uma crise geral de curiosidade, no carro. Notei em algumas pessoas um ar de accentuada desconfiança para commigo. Creio que fiz dous ou tres inimigos passivos.

Quando o trem chegou ao meu destino saltei, rápido, na estação, deixando no carro as duas monstruosidades, escondidas debaixo de um jornal. E já estava distante, na cidadezinha de tres ruas, quando ouvi os gritos de uma mulher que, debruçada na janella do wagon, me acenava desesperadamente, com dous abacaxis pendurados na mão.

A. C. COUTO DE BARROS.





A EVOLUÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NO BRASIL

(ESTUDO DE SYNTHESE)

SE procurarmos a origem do pessimismo que, por vezes, atormenta a imaginação de alguns homens, fazendo com que descreiam da atitude cívica da raça em presença dos movimentos sociais, deante da vida que se agita, vamos encontrá-lo na falta de uma educação histórica eficiente. A chronica dos períodos em que se assenta a origem da evolução ethnica da nação que formamos não é um caricioso euphemismo. Ella existe, muito bella na sua paisagem, a desafiar com um magnanimo repto, a argúcia dos pensamentos, a procurar penas leves e dúcteis que a integrem na harmonia estylisadora, sem a qual todas as creações são imprecisas e todos os monumentos são informes. Nem de outra forma se fizeram as commovidas narrações que marcam a legenda victoriosa dos povos do passado, senão arrancando com habilidade e graça, do symbolo primitivo, a leve imagem airosa.

Diz-se vulgarmente que não temos passado, como se a formula do soffrimento e do desencanto que perseguiu o evoluir da força e da idéa nacional não repousasse numa definitiva marcha, capaz de assegurar o contrario. Precisamos desfazer a theoria inglória de que, dos instantes amargos da nossa formação, não resultaram episodios eminentes.

O amor á terra deve de acompanhar o amor ao espirito da raça. E se artificialisamos, por vezes, uma fadiga natural aos povos scepticos, é esse artificialismo decorrente da má instrução applicada á intelligencia infantil. Como poderíamos conhecer e amar a virtude histórica da Patria, se nos habituamos, de principio, a uma visão confusa e espessa, que os mestres não clarificam e que os methodos não abrandam? A esse ponto chega a tempo o capitulo em que o snr. Ronald de Carvalho traça, no "Espelho de Ariel", o schema dessa idiosyncrasia. Difficilmente poderíamos formar melhor idéa das nossas origens do que aquelles recrutas famosos que Henrique Houssaye gisa na "Patria Guerreira". Conta elle que, durante um prolongado repouso no acampamento, certo capitão se lembrou de perguntar a um

jovem soldado o que sabia a respeito de Joanna d'Arc. Ao que, promptamente, lhe foi respondido: — Uma rainha da França, queimada pelos prussianos em 1870. Desconsolado, mas seguro de que estava em presença de uma triste excepção, chegou-se a outro, e fez igual pergunta. Joanna d'Arc? — Uma cavalleira do tempo de Henrique IV; morreu sobre um rochedo...

Se endereçarmos perguntas que nos digam respeito a nós, piores serão os resultados, porque, a nós, não nos falta apenas a educação visual na belleza histórica. Os nossos bellos episodios ainda se não destacam do nível melancolico das descriptivas rotineiras, e só agora, um que outro espirito inquieto e fascinado tenta assimillar a esthetica dos factos, creando a curiosidade dos relevos. Nesse descaso estava, em grande parte, a indifferença por tudo quanto de extraordinário se realisou nos séculos em que alicerçaram a nossa unidade.

Quando a intelligencia dos contemporâneos e dos vindouros talhar a ferina sympathica e atrevida com que os capitães-generaes da estirpe crearam o entusiasmo da tradição brasileira, as medalhas dóricas, os camafeus corinthios e do Renascimento passarão de moda, o pomar doirado e rubro em que floresceu a aristocracia fidalga campeзина de Luiz XV restará no isolamento das alamedas sombreadas e espadachins românticos da meia-edade e *condotticris* gaulezes e ibéricos darão passagem ao valor épico dos personagens das *bandeiras* e ao *romance heroico* do espadachim meridional.

Precisamos crear a solidariedade a que se refere o volume claro de *La Fosse*.

Precisamos ser solidários com a dor dos antepassados, imaginando-os sempre dignos de elevação, affeiçãoando-nos a elles como a cada individuo do nosso tempo.

Criemos, pois, no scénario das nossas inquietações, a pagina lyrica da historia. Eduquemos a nossa visão na festa dos aspectos. E que venham os professores de belleza, com as mãos carregadas de rosas, semeal-as junto ás lapides em que se inscreveram os nomes dos nossos Maiores. E que venham os mestres da formação espiritual dignificar o fino heroismo daquelles homens curiosos da luta. E que venham os olhares de todos os homens, de todas as cousas, fixar-se no symbolo da grande dôr, como se fixam nos mármores de Recoleta as piedades de todos aquelles que bebem no perfil da soffredora imagem de Tantardini, a memoria das angustias que silenciosamente deslisam em lagrimas...

Pouco antes deste exórdio eu fallei das linhas geraes que traçaram directrizes ao nosso tempo. De bom acerto figurou-se-me o preparo de uma synthese, em que pudesse trazer a esta obra o retrospecto das varias pay-sagens que ficaram nas curvas da nossa historia. Estou mesmo que não deixaria de haver uma certa curiosidade no conto do modo pelo qual se estabeleceram, no Brasil, os primeiros methodos de educação, após a conquista. A primeira perspectiva é quasi a primeira allegoria. Hábitos negros de jesuítas, vestindo a piedade de Nóbrega, Luiz da Gran e Anchieta abrem o cathecismo entre as selvas, e atravessam, carinhosamente, os dois primeiros governos geraes, ensinando os prolegomenos da nova lingua, por entre os influxos theocraticos que vieram a formar os reductos intellectuaes de Piratininga e Todos os Santos. A primeira cultura espalhada nas terras de Santa Cruz obedeceu á cadencia da pedagogia monastica em que se foram formando individuos letrados e pouco práticos, affeitos ás lettras mais que á actividade productiva dos campos, e cujos símiles se conjugam, perfeitamente, na figura canhestra da Gregorio de Mattos, discipulo da casuística monacal, incapaz de bastar-se a si mesmo quando a sua mordacidade pusillanime soffreu a vindicta de D. João de Lencastre.



Assumindo a regencia da politica portugueza, Sebastião José de Carvalho e Mello começou a cavalgar o espirito de D. José I; as sotainas soffreram o desagradavel contacto das vassouras anti-jesuíticas do grande Marquez; por decreto de 3 de setembro de 1759 foi secularizada a docência official na metropole, e, abertos os caminhos que levavam ás cathedraes do magistério publico e ao doutorado de Coimbra, veio também a lei que condemnou o processo mnemotechnico que os jesuítas haviam benevolmente ensinado. O Brasil foi uma victima desse processo, ainda no alvorecer de suas possibilidades. Esse abolicionismo fez com que melhorasse, ao influxo de novas idéas, a methodologia da metropole. Ao revés, ficava a colonia entregue ao seu destino, até que a boa vontade do conde de Rezende, deparando cm "estado de pouca e má ordem" a instrucção colonial, sonhou transmittir uma porção de harmonia áquillo que se malbaratava ingloriamente. (1)

Começaram então os vice-reis a accummular outro encargo, qual o de fiscalisar, privativamente, as escolas que se fossem creando no Paiz, com a facultade de nomear, pelo melhor conseguir desse nobre objectivo, um "professor em transitio", durante o anno, obedecidas as disposições expressas no alvará de 3 de setembro de 1799. Pouco depois o novo século trazia ao vice-reinado a augusta dynastia dos Braganças, acossada por um duplo temporal, o que soprou no continente, com a ameaça de Junot, e o que a surpreendeu nas costas da Bahia.

Em 1808 baixava o Principe D. João o decreto de 17 de janeiro, que resolvia o provimento dos cargos de docência; e a 15 de março de 1816, inspirado por novas musas de Ultra Mar, decidiu-se a crear uma directoria de estudos, que apparentasse qualquer cousa de repartição orientadora. Inexperiente mas bem intencionado, o honesto esposo de Carlota Joaquina, se não tratou de encamar o problema da alphabetisação do Paiz, deslumbrou as vaidades da Sebastianopolis, fazendo nascer nesta risonha Cidade dos Sás a Academia de Bellas Artes, o Conservatório de Musica, além das germes de uma desenvolta burocracia colonial.

Não é pois sem uma razão histórica que os governos, fascinados por bellas apparencias, descuram do ensino primário, para aecudir aos reclamos de uma frágil architectura de fachadas. Da procedencia destas affirmações diz muito bem a attitude que tomou a classe dos commerciantes, quotizando-se para offerecer a S. A. espontânea e, talvez, ironicamente, os capitães subscriptos e depositados no Banco do Brasil, e cujas rendas se destinavam ao custeio do ensino inferior. Era insufficiente, mas era louvável. Viria depois o arratel da carne verde com o rendimento do *subsídio literário* augmentar a porção, sem que das arcas do Reino se resolvesse o Principe a sutrahir uma quantia razoavel á diffusão do ensino, o que levou um chronista elegante e independente, Moreira de Azevedo, a traçar uma fria e acida analyse do que fora a instrucção publica nos tempos coloniaes, pelo órgão do Instituto Historico. Posteriormente um decreto propiciatorio, nos agitados e incertos instantes que precedem ao movimento emancipador, deu a qualquer individuo autoridade de ensinar a ler e a escrever, abrir collegios, propagar idéas boas ou más, ainda mesmo que nenhum titulo digno fosse apresentado. A nossa legislação sobre o ensino primário assenta, pois, uma lei de exclusiva desordem, que parece ter servido de mo-

(1) Até esse tempo, depois cie soffrido e experimentado a influencia de dois dominios differentes, o hespanhol e o hollandez, tanto num como no outro, entregue á corte valletudinaria do Cardeal Henrique e dos Philippes, como á dynamica feliz do principe Nassau e da "Companhia das índias Occidentaes", o Brasil permanecia com o seu problema educativo "quasi virgem".

F/ que o conde flamengo, preocupado em assegurar a sua victria no continente e, por outro lado, em crear uma sala de armas para os festejos da heraldica e entusiasmo da aristocracia de Olinda, não teve tempo de olhar o resto das cousas.



delo amado, modificada com o decreto de 29 de janeiro de 1823, de D. Pedro I, que creou os monitores. Pela carta de Lei de 15 de outubro de 1827, adoptando o apprendizado mutuo, determinou-se que em todas as cidades, villas e povoações se creassem tantas escolas quantas se fizessem necessárias á alphabetisação. Os homens desse tempo, observa um fino chronista, perderam, como se vê, a melhor occasião de tornar efficaz o desenvolvimento da instrução primaria, por influencia do meio hostile.

Mais tarde foram exigidas provas publicas de idoneidade para ambos os sexos, depois do que eram os professores considerados vitalícios, e só demissiveis por sentença judiciaria. Essa benefica lei fixou os honorários e aboliu a sentença dos castigos corporaes. A esterilidade de antes mudou-se, repentinamente, numa floração de leis. Os bisonhos legisladores do Império entraram a namorar o problema, e delle se valiam como um recreio agradavel ao espirito inquieto e curioso. Pelo art. 10, § 2.º do Acto Adicional, passou á alçada das assembléias provinciaes a facultade de legislar sobre o assumpto, acreditando-se, como se acreditava, na tendencia de cada homem para estender a fé. Mas os ressabios da desorientação, que ainda se espalhavam em todo o Paiz, commoveram a estirpe dos políticos impetriaes, desde Campos Vergueiro a Bernardo de Vasconcellos, o exaltado tribuno da Regencia. Soffreu ahi o lencasterianismo o primeiro golpe do Estado, resistindo tanto quanto lhe era possibile, até que a autorisação concedida ao governo para reformar o ensino primário e secundário da Corte veio trazer uma esperanza mais feliz. Foi então que se dividiram as escolas em duas classes: de 1.º e 2.º graus.

Em cada parochia, reza a noticia dos factos, era obrigatoria a existência de, pelo menos, uma das primeiras. Impuzeram-se multas aos paes, tutores ou curadores que mantivessem á sombra dos penates creanças maiores de sete annos, sem incapacidade physica ou moral, e não nas enviassem a frequentar as aulas.

No regime dessa lei, que instituiu também o methodo simultâneo, só era permittido abrir collegios mediante approvação previa do inspector geral e aos maiores de vinte e cinco annos, provadamente habilitados em publico. Modificava-se, assim aos poucos, a legislação da escola primaria, abrindo-se ilhargas ao grande debate civico em que se empenharam na defeza de poderosas idéas, Paulino Soares de Sousa, João Alfredo, Ruy Barbosa.

A Leoncio de Carvalho coube a gloria de obter, pelo dedreto n.º 7.247, de 19 de abril de 1879, a lei que compellia a cursar disciplinas do 1.º grau todos os indivíduos de ambos os sexos, de 7 a 14 annos de idade, residentes a distancia menor de um e meio kilometro para os meninos, suavizadas um pouco as distancias para as meninas.

Atravessando um periodo mais liberal, já se promptificava o Estado a amparar a pobreza infantil, dando-lhe vestuários e livros. O numero de escolas augmentava, reclamando um instituto destinado a formar educadores, quando a 5 de abril de 1880 abriram-se as aulas da Escola Normal do Município, fructo do decreto n.º 7.684, de 6 de março do mesmo anno. A luta pela theoria começou a intensificar-se, a desdobrar-se. O projecto Sousa Dantas dá origem ao formidável parecer do relator da commissão de instrução publica na Camara, Ruy. Aprimorado e clássico, o então deputado pelo Estado da Bahia consubstancia no seu trabalho a clareza e a ordem, o fino gosto, assegurando a liberdade de ensinar, a laicidade e divisão dos institutos primários em: *jardins de infancia, elementares, médios e superiores*. E justamente quando a relevantissima questão parecia Ranhar harmonia e finalidade pratica, o movimento lyrico de 15 de novembro mudou a feição politica do paiz, obrigando-o a esquecer-se de suas cogitações intellectuaes, para embalar-se ao rythmo da musica victoriosa



da joven democracia. Silveira Lobo não consegue desenvolver as possibilidades que levava para a pasta que lhe foi confiada. O momento era de Benjamin Constant, e o grande Ministro delle se aproveitou para remodelar a instrução primaria, livre, gratuita e leiga, intervindo para que o ensino primário viesse a ficar a cargo da Municipalidade, cousa em que, parece, não andou com muita sabedoria, por não ter a facultade de avaliar prematuramente a tempera dos futuros legisladores municipaes.

A Constituição Federal, em seu artigo 35, atribue ao Congresso, privativamente 5 4.º — prover a instrução secundaria no Districto Federal, — eliminada a palavra — primaria — que figurava no projecto de 90.

Eis, segundo o testemunho de vários autores, a obra lenta e mofina do nosso credo educativo. Como é de ver, pelo que ahi está exposto, não conseguiram os vários matizes administrativos emprestar uma cõr sadia ao organismo escolar. E, se não permanecemos naquillo que éramos, pouco fez, para noi animar, a caricia do poder publico. Nada importa. Devemos apenas nos recordar que ainda temos em nosso favor o minuto de Ariel, e que a toda hora o homem pode libertar-se da gleba, para ascender á luz.

Recordemos a hora que findou, sem prolongar o instante de desanimo que vem do éco immemorial. Problema como este que temos em mãos não se resolve pelo simples desejo ou pela amarga indiferença dos governos aleatorios que chegam, e dos governos volúveis que passam.

Nas cidades como nos campos, á ilharga de um repuxo elegantíssimo como ao lado de uma fresca cisterna, velando a limpidez da agua que corre, é sempre possível ao homem ser dono de seu desejo, e poder dar um cantaro de agua a quem lhe pede, e fazer com que, ao seu redor, não falte o licor que gerou a primeira alegria.

Rio, 1923.

OSWALDO ORICO





O EXCOMMUNGADO

NAQUELLE fim de armo de chuvas escassas, o céu varrido, sem nuvens, tinha a vaga apparencia de uma cupula de fornalha em combustão. Soprava um vento de morte, desalado, quente, um vento irrequieto e irritante que passava desvairadamente arrepanhando raras e resequidas folhas que, de envolta com o pó das aridas planicies arremessa para o alto, em torvelincs desordenados. Extinguiam-se as "aguadas". O incêndio lavrava nas mattas e campos. Via-se, de onde em onde, no silencio das noites calmas, illuminadas pelos morros alterosos, o vulto das chammas ensanguentadas que desciam vertiginosamente, ora colleando os troncos de 'enormes vegetaes, ora deitando-se ao sabor do vento sobre vastos e indefesos tabocaes, onde tinham um quasi movimento de resáca, recordando um vasto mar flammivomo.

Ouviam-se estalos sinistros, revoadas assustadas, asas inquietas, silvos continuos...

Subia o fumo em novellos, ondulando... E os graviões piavam tragicamente por cima... E o gado descia desoladamente cambalhotando na sua compostura de múmia resequida, alongando docemente os grandes olhos soffredores, faminto, á cata dos joazeiros frondosos e das macambiras rasteiras, ou procurando dessedentar-se nas velhas cacimbas extinetas onde, não raro, succumbia de inanição.

E o capitão José Joaquim da Silva e Souza desesperava na lastimosa impotência de soccorrer, de salvar aquelles queridos animaes tão meigos, quasi humanos, que constituíam toda a sua fortuna, o produto da sua actividade e economia o resultado dos mais dolorosos trabalhos, das mais arduas vigílias.

Toda a sua fortuna consistia realmente naquella fazenda, nos *Poções*, que elle, *com as lagrimas nos olhos, via agora* perdida, quasi *no casco*. Era para desesperar. Em vão fitava o céu impassível, que se desdobrava pdr cima, perscrutando no vácuo, no illimitado, uma nuvem, uma só que fosse a precursora da mais remota esperanza!

Em vão mandava fazer preces e atirava-se elle proprio de joelhos e mãos postas, olhos constrictos, beatificamente, aos pés das imagens, rezando,



esmurrando o peito. Em vão! Tudo falhava! Tudo parecia conspirar-se contra elle! Cada vez o céu tornava-se mais surdo e inexorável, o vento mais abrazador e inclemente, a canícula mais causticante e o incêndio mais voraz!

— Isso são artes daquelle negro, dizia elle desconsoladamente, referindo-se a um santo de casta de quem, na sua insania fetiche, suppunha andar recebendo por ultimo algumas pequenas picardias. E emmagnecia. Perdia as côres, andava bambo, chupado. Passava noites e noites de pé, como um somnambulo, a matutar. Esse nesse crescendo de desespero a sua superstição chegou a um ponto tal que, com a maior irreverencia, retirou do oratorio que repousava sobre a mesinha de um canto do quarto de dormir, o seu supposto inimigo, um S. Benedicto que era a mais antiga reliquia da familia, o orago dos Silva e Souza, o santo mais milagroso da redondeza, e ante o qual elle se habituara a curvar-se tantas vezes respeitosa e quando criança. Atirou-o brutalmente para cima do para-peito da varanda e, tomando com a maior semeeremonia um chicote que pedia de um tomo proximo, começou a espancal-o, entre os insultos e blasphomias.

— Toma!... patife! Pois tu pensavas que isto havia de ficar assim; que era só acabares com o meu gadinho, me deixares para ahi, na miséria, *no pó da terra*, como qualquer coisa inútil e ficares depois a saborear os terços e as missinhas que eu, ainda por cima, mandasse rezar em tua intenção?!... Estás muito enganado, tratante!

E com tim certo ar impertinente de desprezo e superioridade desdenhosa:

— Eu não te dizia... eu não te dizia... Anda, se és capaz, mexe-te, grita, faze um milagre, chaima teus parceiros que eu quero ver quem te acóde!

E o açoite cahia. O santo ficou como estava, — mudo, impassível, sereno, dentro do seu habito de madeira escura, o longo cordão esbranquiçado a pender-lhe da cintura e o seu eterno sorriso bonacheirão nos lábios pintados a carmim. Dir-se-ia que, naquella oocasião, o seu espirito seraphico, andava longe, muito longe, nas escarpas montanhas da Sicilia, a rever-se, quom sabe! zagalejo a pastorear o gado de Vicente Manafferi — amo de seu pae, ou arroteando a terra, a grande mão fecunda e creadora, ou entre os cegadores desconhecidos que o crivavam de motejos e de insultos mordazes quando o afamado emitão, Fr. Jeronymo Laça, ao defrontal-o na villa de S. Fradelo, como inspirado, predisse a sua futura gloria e santidade!

Parecia que o santo sorria interiormente a essas gratas reminiscências. Quem sabe! Talvez lhe passasse pela mente ainda a santa convivência com os ermitões de S. Domingos, onde vestira o habito de frade ermitão de S. Francisco e começara o seu noviciado; ou os rigores das penitencias — descoberta a cabeça por mais intenso que fosse o sol e ásperos os ventos, arrostando abrolhos e neves quando andava, á imitação do glorioso S. Paulo, primeiro ermitão, tão somente coberto por uma espessa túnica que tecera com as suas próprias mãos; embora reconhecesse que lhe não permittia taes excessos a inclemencia dos ares daquellas serras, ou a communitate solitaria á margem do rio Platani, perto da villa de Refandal, ou Mancufa, na comarca de Paternico, ou o convento de N. S. da Daina na terra de Marineo!

E, a perder-se, a enredar-sie nos escaninhos encantadores daquellas recordações deliciosas, quem sabe! resvalava-lhe involuntariamente a imaginação para os prodigios estupendos que operara o simples auxilio de sua extraordinaria virtude de santo! E como numa grande desfilada phantas-



magorica passavam talvez ininterruptamente ante os seus olhos, em extasis, a ressurreição do filho de Leonor de Ferro, morto estupidamente sob as rodas de um carro, a do filho de Nicolau Ferreri de Palermo, e as curas extraordinárias realizadas em d. Lauria Monta-perto, irmã do barão de Refandali, em Baptista Stangheta e outras... e outras... e outras...

Bons tempos! Ah! antigamente os homens tinham fé. Valia a pena! Hoje em dia... Teve como um sorriso de escarneo. A sciencia mette-se em tudo... explica tudo... Extinguiram-se os milagres... A cegueira humana!... a grande cegueira... ah! já não ha respeito sobre a terra! parecia querer exprimir a sua phisionomia como profundamente tocada de uma resignação sobrenatural. Entretanto o capitão José Joaquim da Silva e Souza continuando a esbordoal-o:

— Ahn! conheceste, proseguia desvairadamente. Agora é que tu has de ver o que é bom.

E, depois de ensebar cuidadosamente, demoradamente, a cabeça do santo, coHocou-o no vasto pateo da fazenda, onde o sol esbrazava. Teve em seguida como um riso satânico. E regressou ao álvarandado onde a mulher, que só então presentira o estranho sacrilégio, lhe sahiu ao encontro, reprehensiva:

— Você está doido, seu Zé Joaquim! Pois você teve coragem de fazer uma cousa dessas! Virgem Maria! Que homem!... E ia correr horrorizada em socorro do santo, quando elle a deteve brutalmente.

— Não se importe, já ouviu?... Não tem nada que ver com isso!

— E o castigo, meu Deus do céu! fez ella erguendo os olhos para o alto.

— Cale-se, já lhe disse! E empurrou-a rudemente. A pobre senhora julgando ver qualquer laivo de demencia no brilho de seus olhos delirantes, afastou-se choramingando. — Estaria doido!?...

E o sol fuzilava. Um hálito de fogo soprava intermitente... Mas, á proporção que o sebo se fundia na cabeça do santo e cahia longamente, como lagrimas silenciosas, do rosto sobre as amplas dobras de seu manto, o oriente cumulava-se de nuvens promettedoras e corria uma viração mais fresca... Ouviu-se um trovejar longinquo, e, quasi imprevisadamente, começou a desabar o maior *pc d'agua* de que se teve noticia e que iniciou naquelle tempo o grande, o fecundo inverno que ainda hoje se recorda com saudades...

Em breve repontava a babugem, a pastagem crescia, os córregos murmuravam por entre os vastos palmciraes esguios onde as tribus vastissimas dos chicos pretos e dos reongos descantavam estridulosamente fabricando ninhos, e as trepadeiras ostentavam as suas múltiplas rêdes de um verde glauco matizado de flores, que as abelhas conquistavam enxameando... O gado nédio, sadio, saracoteava nos campos. Voltara á bella fazenda, que mantinha agora um aspecto sorridente, a alegria, a graça, a abastança de outros tempos... O berro dos bezerros voltara a povoar as noites chuvosas de abril com as suas notas melancholicas que se casavam ao continuo coaxar dos sapos e aos cantos nostálgicos e distantes de bandos e bandos de marrecas que varavam a noite escura. A parição duplicara e, em breve, a fazenda dos Poções tornara-se uma das mais prosperas do municipio. E o capitão José Joaquim da Silva e Souza, de uma felicidade rarissima em todos os seus empreendimentos, era apontado com o dedo.

— Parece ter pautá, diziam.

Longos annos passaram; passaram invernos, outras seccas passaram; vastas copias de acontecimentos mais ou menos importantes succederam-se alternativamente sem que de leve se alterasse a quieta e remansosa paz do proprietário dos Poções e nem tão pouco apagassem da memoria do povo a reminiscência daquelle facto que se propalara e se divulgara com todos os fastigos de uma lenda que, á semelhança da que em epocha muito remota envolvera a historia de certo Rabbi da Galliléa, só tendia a engrandecer-se e transformar-se á proporção que se afastasse do logar e do tempo em que se havia realmente originado.

Effectivamente, apesar da tranquillidade e franca abastança em que vivia o capitão José Joaquim da Silva e Souza, creou-se em torno de seu nome uma atmosphera de horror' supersticioso que quasi o affastava do convívio e contacto da maior parte dos seus vizinhos.

Temiam-n'o e evitavam-n'o. E elle o sabia! Ah! quantas vezes, quantas! não divisou em seu caminho velhas beatas que, ao presentil-o, se affaltavam tremendo, a persignar-se em nome do *Padre, do Filho, e do Espirito Santo*, ou a pedirem numa supplica afflictiva que Deus as livrasse do excommungado!... Attribuiam-lhe factos estranhos, coisas exóticas. Dizia-se que elle todas as quintas-feiras, ás horas mortas, ia presidir pessoalmente a assembléas exquisitas e suspeitas: que tinha grande affeição a animaes condemnados, ao passo que se afastava ostensivamente dos logares sagrados, e quejandas frioleiras.

Não se importava. Que o julgassem como entendessem, dizia elle sorrindo. E assim ia vivendo calmamente, pacatamente, sem incidentes em sua bella fazenda quando, após um ligeiro resfriamento apanhado imprevisivelmente, prostrou-se, certo de que nunca mais se haveria de erguer. Jámais se soube porque elle o affirmara com tanta segurança, mas o facto é que foi peorando... peorando... e no sétimo dia da moléstia, todos, convictos de que se cumpriria fatalmente o estranho prognostico, rodavam-n'o cuidadosamente quando por toda a casa e sem causa alguma conhecida rolou um barulho infernal, — as portas bateram todas, ao mesmo tempo com um estrépito horroroso. Parecia que andavam despedaçando os moveis, arrastando correntes monstruosas, atirando pesos descommunes sobre o telhado...

— Que seria?

— Jesus!

— Maria!

Ficaram todos como assombrados. Pesava um arrepio de medo. As luzes tremiam. Havia no ar como uns tons de mysterio; até os mais animosos se acovardavam.

— Que seria?... ..

— Vamos ver!

— Vamos!

E correram atabalhoadamente tuda a casa investigando, sem resultado, a causa do estranho ruido.

Todos os moveis estavam nos logares respectivos. A casa permanecia em repouso. Não havia a menor alteração.

— E esta!

— Na verdade!

— Que seria?

— Quem sabe!

— Isso são artes do *tinioso!*

Qual, o que!...

— Não duvide. Olhe que eu tenho visto muita coisa neste mundo velho, não duvide.

— Porque?

— Ora... ora... onde você estava? Pois você não viu que aquelle barulho se deu justamente quando o homem fazia o *primeiro termo*?

— E d'ahi?... — Ora, d'ahi é que isso é por causa daquella historia do santo. Você não se recorda? Eu nem lhe digo... Concluíratn quasi em segredo voltando ao quarto do moribundo, desconfiadamente, aterrados, benzendo-se...

Acoenderam velas bentas, queimaram folhas de pindoba graciosamente fornecidas pela igreja aos domingos de ramos, e, como lembrassem a efficacia de um terço em casos idênticos, accorreram pressurosamente ao oratorio. Mas quando o abriram estremeçeram ainda ouvindo como um bello rumor de asas que se desdobravam e fugiam imperceptivelmente por cima de suas cabeças e depois, immediatamente depois, rodopiou por toda a casa como um turbilhão diabolico.

Apagaram-se subitamente todas as luzes, entrechocaram-se novamente as portas e janellas com um estampido medonho, reboaram louças no chão; estridularam chocalhos, ralampejaram, correram chammas sulfureas... Parecia que andavam esganando alguém a um canto. Houve gritos desesperados, blasphemias, gemidos estertorantes, assovios, risadas sardônicas, guinchos medonhos...

— Jesus! quem nos acode!... E quando, findo o incidente, reaccenderam as velas e procuraram acercar-se do doente, estremeçeram horrorizados ante a ,rede murcha, bamba, vazia...

E, em vão, pesquisaram toda a casa, a circumvizinhança, tudo... O capitão José Joaquim da Silva e Souza, morto ou vivo havia realmente desaparecido sem deixar o mínimo vestigio de sua passagem.

Todos os moveis estavam nos logares respectivos com o mesmo aspecto somnolento anterior, — só o oratorio, ah! só o oratorio estava deserto...

— E o santo!

— Virgem Maria!

Só então se recordaram do estranho rumor de asas que ouviram ao abril-o e quasi numa só voz:

— Era o santo!

— Se era!...

E, como tocados pelo mesmo pensamento, recordando talvez o cândido aspecto que apparentara o glorioso S. Benedicto quando se manifestara á venerável irmã Benta Nastafi ao devolver ao céu a seraphica essencia, na mesma occasião do seu sumptuoso trespassse:

— Pois era o santo!...

E sahiram aterrorizados, atabalhoadamente, ás carreiras, de roldão, *fazendo figas*, numa algazarra:

— T'escenjuro, mafarrico, pé de pato!

JOÃO PINHEIRO.





CAPITULO DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

Eudoro Bcrlink, escriptor rio-grandense, que com grande brilhantismo atacou sob o pseudonymo de Cassius a administração Sinimbu, dedicou os últimos anitos a uma biographia do duque de Caxias.

A obra começou a ser impressa na typographia Laemmert, mas a morte do autor e os vários successos que extinguiram aquella firma tão benemerita das letras patrias subverteram-na na voragem.

Salvaram-se alguns capítulos de que é possuidor o sr. Cassius Berlinck da Bibi. Nacional. Começamos hoje a publicar os fragmentos.

Quem sabe se não apparecraõ outros?
Rio

C. A.

A NOMEÇÃO de Elisiário fôra consequência da mudança politica operada no Rio de Janeiro. O regente padre Feijó resignara o poder antes de findar seu quatriennio, confessando-se impotente para conseguir medidas legislativas que sanassem os males do paiz. Abandonando o poder supremo em 19 de Setembro, na vespera nomeara ministro do Império Araujo Lima, futuro marquez de Olinda, que assumio o cargo de regente, organisando novo ministério e entrando para a pasta do Império Bernardo de Vasconcellos.

Annunciando uma politica vigorosa assim se exprimia o nôvo ministro do império em circular aos presidentes de província:

" Não ignora Vmce. que uma facção armada na província do Rio Grande do Sul, atropelou as leis, destruiu o socego, depoz a legitima authoridade, menoscabou todas as ordens do governo



" imperial e por fim arrojou-se a proclamar um governo republi-
" cano. A' ninguém se esconde que debelar e escarmentar a rebe-
" lião é um dever de todos os brasileiros, é o interesse vital da
" verdadeira liberdade, essencialmente ligado á união e integrida-
" de do Brasil. O governo não perderá instantes, não poupará es-
" forços para restaurar ali o império da lei! Possam as calamida-
" des que o crime despejou naquella província fazer cair a venda
" aos fanaticos avessos ao nosso regimen!"

Esta linguagem inteiramente nôva, acompanhada de uma an-
nistia do Regente em 6 de Outubro, acentuou nôva phase na poli-
tica central a respeito das cousas rio-grandenses.

Até então camara e governo mantinham-se em uma attitude
vacillante, mostrando as discussões dessa epooha que nem o carac-
ter, nem as tendencias da comoção erão conhecidas. A voz de
Araujo Ribeiro não conseguia dissipar a impressão da defesa que
por veses tiverão os republicanos na representação nacional.

O desembargador Velloso Paranhos também deputado pelo
Rio Grande auxiliava seu collega, mas nem um, nem outro leva-
vão ao governo de Feijó a convicção da verdadeira marcha a se-
guir nos negocios do Rio Grande. O deputado pela Bahia, Ferreira
França, chegou mesmo a dizer que se os rio-grandenses querião
ser independentes que o fossem com tanto que liquidassem as con-
tas com o Império, pagando o que devião. Se as idéas por vezes
originaes de um talento também original não prevalecião, com-
tudo a camara regateava e discutia a concessão de forças, a mo-
bilisação da guarda-nacional e a prejudicial idéa do engajamento
de forças estrangeiras. *) Por todos os lados a revolução do
Rio Grande era explorada, sem proveito e antes com prejuízo da
causa nacional.

Taes discussões só servião para animar os rebeldes, cujo go-
verno levantara um emprestimo de tresentoa contos. Fôra elle um
pouco forçado, mas a população interior que não via uma só força
legal talar a campanha, nenhum successo de armas alentar a fé
nionarichica, e antes desastres parciaes a desmoralisal-a, princi-
piava a crer que o governo central abria mão dessa porção do im-
pério. Aproveitavão os rebeldes essas lutas parlamentares e as co-
mentavão a seu geito no jornal *O Povo*, fazendo crer a todos que
as camaras não concederião auxílios, que as comoções do Pará,
Sergipe e outras províncias reduzião o governo á maior impotên-
cia e que um ultimo esforço da revolução aniquilaría as praças,
que ainda resistião ás armas da intitulado republica.

A esses boatos, fundados na inacção do centro que pouca ou
nenhuma força enviava para a província, á especie de coacção em

*) Um projecto mesmo para o reconhecimento da independencia do
Rio-Grande foi apresentado e regeitado.



que sempre esteve Nunes Pires pelo circulo exaltado, se deve talvez o rompimento do convênio de 20 de Maio celebrado entre Greenfell e Crescendo e a volta de Netto para sitiar Porto Alegre. Dentro desta cidade reinava uma continua agitação e aos males de rigoroso sitio, ás penúrias da vida quotidiana, juntava-se ainda a irritação pela luta intestina, que produzia sempre um ou outro desacato publico.

Ao tomar posse Elisiário estavam as cousas mais ou menos nessas circumstancias, mas os reforços de tropa vinda da cõrte e a esperança de uma melhor era, alentaram os defensores da integridade nacional. A fé profunda destes, a dedicação á causa legal e os rancores que cada vez mais se accentuavão contra o partido republicano, erão elementos fõrtíssimos para a administração.

O novo Presidente principiou com prudência a sua gestão dos negocios públicos.

Instruído pelos descabros de seus successores, pela discussão das camaras, e pela politica prudente, mas vigorosa do gabinete Vasconcellos, os seus primeiros passos trazem certo cunho de moderação, que mais tarde devia perder-se no torvelinho de múltiplos desgostos.

Assim ao publicar a proclamação do novo Regente de 6 de Outubro, que era um verdadeiro alento á legalidade descrente, acompanhou-a de outra em que chamava ás fileiras imperiaes não só os legalistas, mas ainda os dissidentes, nas seguintes palavras.

"Na qualidade de delegado do governo religiosamente se-
" guirei o que nella se declara e o que a Constituição reformada
" e as leis marcão. Plena protecção aos legalistas, acolhimento
" franco e leal a todo e qualquer cidadão, que até aqui illudido
" pelos rebeldes, venhão sinceramente arrependidos buscar guarida
" nas bandeiras da legalidade e guerra constante aos sediciosos,
" que esquecidos da patria e das leis da humanidade emperrados
" continuarem a nutrir o monstro da anarchia que tem vilipen-
" diado e destruído esta província, eis o que me cumpre e o que
" hei de praticar."

Estas promessas de Eliziário eram garantidas com a proclamação do Regente e com 600 homens de tropas idos do Rio. Novos reforços partião de Pernambuco, posto que á revolta do Rio-Grande se unisse a de Pará, e logo em seguida a da cidade da Bahia, proclamando sua independencia durante a minoridade do Snr. D. Pedro 2.º. Esses variados movimentos não impedião o novo gabinete de preparar contingentes para reforçar as forças imperiaes do Sul, chamando em diversos pontos do paiz a guarda nacional a destacamento, e animando a corajosa dedicação dos monarchistas rio-grandenses.



No interior da província um movimento todo favorável á legalidade se pronunciava, e o marechal Sebastião Barreto, reunindo-se a Vidal e a outras forças no município da Cruz-Alta, appareceu em frente á cidade de Porto-Alegre, na margem direita do Guayba, no dia 16 de 9bro, com 400 homens. Foi buscal-o o Presidente a 11, e organisando uma divisão das trez armas, confioulhe o cominando, em uma ordem do dia notável pelos sonoros encomios, que prodigalisava a Barreto.

Regressando ao Sul deo novas disposições á divisão que guardava a margem direita do canal de S. Gonsalo, nomeando seu commandante, o visconde de Itapagipe (Calmon) e commandante da 1.^a brigada a Silva Tavares. As canhonheiras e lanchões continuavão a guardar o rio.

Pelo lado dos rebeldes, Netto e Crescendo mantinhão a margem esquerda, estando geralmente o segundo no passo do Acampamento, sobre o rio Piratynim.

Em frente a Porto-Alegre José Mariano de Mattos e Marcelino José do Carmo com 1600 homens continuavão no sitio acampados a uma légua de distancia e entrincheirados no forte, que a meia distancia havião construido na estrada do Passo da Arèa.

No Triumpho, Joaquim Pedro Soares, com o titulo de ajudante general do exercito rebelde, tinha 200 homens.

Bento Manoel, vindo do interior, reunia-se a Bento Gonçalves e marchavão para reunirem-se a José Mariano de Mattos.

Loureiro finalmente preparava-se para operar com 500 homens por cima da serra onde se achava o chefe rebelde João Antonio.

Nesse momento as forças legaes orçavam por 5.000 homens, das quaes tres mil em P. Alegre. Os rebeldes tinhão o mesmo numero em armas. Resolveo Elisário, moralizado com os reforços recebidos, e com a adhesão que ia conquistando de moderados e exaltados, emprehender a campanha que julgava decisiva contra a revolução. A sua primeira operação tinha por objectivo atacar os sitiantes, flanqueando-os com uma columna que seria coadjuvada no ataque por um movimento de frente da guarnição de P. Alegre e evitar a junccão das forças de Bento Manoel.

No dia 29 e 30 de Janeiro de 38 passarão as primeiras forças para a margem opposta do Guayba (Picada), ao mando do marechal Barreto e reunindo-se a ella Elisário passou o Jacuhy para a margem esquerda no dia 3 de Fevereiro, atravessando o rio Cahy a 5, e entrando a 7 em S. Leopoldo, apenas com o fogo de algumas guerrilhas das avançadas.

Diante desta manobra levantaram os siteados acampamento em frente da capital e marcharam para a serra, queimando os



reparos de artilheria, enterrando esta, e abandonando a bagagem pesada. Dirijindo-se para a serra forão ter á província de S. Catharina, tomando a villa de Lages e vindo mais tarde varar pelo Mato Castelhana, sem que as forças legaes ao mando de Loureiro os impedissem, por se terem dispersado.

Elisário continuou na perseguição infructifera da columna refoelde, e reforçando-se com as forças de Manoel Bento e José Ourives, retrocedeo para a capital vindo acampar no passo da Cachoeira sobre o Gravatahy, em de 16 de Fevereiro.

Bento Gonçalves, que viera picando a retaguarda da columna imperial, retrocedeo na mesma proporção que esta, contra-marchou e veio para o município de Taquary, onde Bento Manoel tomou o commando da força, então de 1.000 homens.

No sul também a força de Crescendo tentou passar o rio de S. Gonsalo a 24 de Fevereiro e depois de forte tiroteio entre duas canhoneiras e a artilheria rebelde, desistio do intento.

Animado o Presidente com estes successos, que tinham libertado Porto-Alegre do cerco e impedido a passagem das forças rebeldes para a cidade do Rio Grande, resolveo penetrar para o interior com destino de levar as forças inimigas para a campanha.

No dia 6 de Março sahio de Porto Alegre com parte da divisão ao mando do marechal Barreto e dirigio-se para Taquary. Bento Manoel com sua força retrocedeo sobre a cidade de Rio Pardo. Seguio-lhe a divisão imperial a marcha, e no dia 17 desde a ponte do Couto foi guerrilhando até a ponte de Rio Pardo, com o inimigo, que se ia retirando, acabando por abandonar a povoação e indo acampar para o lado das Pederneiras.

Parecia que tudo sorria á legalidade e aos primeiros ensaios d'armas do Presidente, commandante das armas, pois, também ao Sul, Calmon rodeava o S. Gonsalo e dispunha-se a encetar operações contra Pyratiny e Jaguarão.

Deixando em Rio-Pardo o general Sebastião Barreto com o 1.º e 2.º Bões. de caçadores, 500 homens de cavallaria, e diversos contingentes, formando um total de 1.700 praças com 8 peças de artilheria, no Taquary o 8.º Bão. de caçadores e ao longo do Jucuhy uma esquadilha de canhoneiras e um vapor ao mando de Greenfell, regressou Elisiário para Porto-Alegre.

Animara-se a capital já com o levantamento do cerco e abundancia de generos de primeira necessidade, já com o commercio que se desenvolvia com a posse de Rio-Pardo. Em poucos dias apportavão a esta cidade 90 grandes canoas carregadas de generos, que ali se depositavão esperando que as operações de guerra abrissem a campanha ao commercio, como havião aberto o rio Jacuhy ás communicações com a capital.



Rio-Pardo, que se achava despovoado e sem commercio, resurgiu de um para outro momento, não só pela presença da tropa, como pelo trafego da navegação e commercio, que demasiado soffirego accumulava ali enormes valores.

Igual "facto se dera, na defeção de Bento Manoel, com Caçapava, que, quando entregue pelo Coronel João Crisostomo da Silva, possuia valiosos depositos de mercadorias.

Ninguém duvidava então do resultado da campanha: e á posse da cidade de Rio-Pardo, guarneoida por quasi dous mil homens, dispondo de oito canhões, alem dos da esquadilha, e comandada por um experimentado militar, com valentes chefes, era cousa incontestada. De temerário seria taxado aquelle que ousasse sonhar com uma derrota dentro daquelle recinto, onde cada casa era uma fortaleza e um reducto.

Elisiário mesmo, não consentira em fortificações, que poderiam mostrar pouca confiança no valor das tropas, entregues ao mandado do general, a quem elle classificara como valendo um exercito para o triumpho da legalidade.

Era excessiva confiança sabendo-se que ante Rio-Pardo estava um general da tempera de Bento Manoel, hábil em aproveitar de faltas contrarias. A essa já de per si valiosa consideração ajuntava-se a natural cobiça que deveria despertar a accumulção de tantos valores, representados em mercadorias para soldados que não recebem nem soldo, nem fornecimentos regulares de fardamento.

Muitas e lisongeiras erão pois as esperanças dos monarchistas, que almejavam ver terminar a revolução.

Não dormião porem os rebeldes, e ao passo que em Piratiny e Caçapava se fazião novas levas, os principaes chefes reunião-se aos poucos a Bento Manoel, que, evitando sempre combates com as forças de Rio Pardo, fazia propalar entre os legaes sua divergência com os outros caudilhos e o desanimo das tropas revoltosas. *).

Pouco a pouco se forão reunindo as tropas rebeldes até formarem effectivos de tres mil praças, apparentando moleza e indolência, posto que viessem ás vezes apanhar cavallhada legal. Com a noticia da divisão que entre elles reinava, e com essa apparente

*) Trabalharão os inimigos á noite e, quando de manhã sahião a descoberta legaes, escondião-se. Ao desconfiarem os legaes da existencia da picada não augmentou a vigilancia, apesar das ordens de Elisiário. Em vez de haver piquetes, contentavão-se com as descobertas diarias. Bento Manoel fez desertar algumas praças para os legaes, amestrando-os para dizerem que era grande a divergencia que existia entre elle e os outros chefes e que se via quasi só e isolado dos outros, e sem cavallhada e mais recursos de guerra. Acreditarão os imperiaes estas vozes e •descuidarão-se.



inacção, descuidarão-se completamente os legaes, acampados em grupos separados e pouco vigilantes.

Aproveitarão-se disso os rebeldes e reunidos a Bento Manoel, ainda que sob o nominal commando de Netto, abrirão á surdina uma picada pelo Rincão D'El-Rei (Nacional), atterrando banha-dos e atoleiros com estivas feitas com os corpos dos cavallos magros. Com a maior ignorancia do marechal Barreto foi feito esse caminho.

No dia 30 de Abril de madrugada sahirão os rebeldes pela picada e cahirão sobre a cidade.

Pouca ou quasi nenhuma força tinha Barreto desse lado. A primeira envolvida foi a cavallaria, parte da qual estava desmontada e que fugio ao embate furioso da cavallaria rebelde, numerosa e sedenta de desforra. Os que poderão escapar pelos mattos ou ganhar a ladeira que conduz á praia, buscarão salvar as vidas, outras recuarão para o interior da cidade combatendo em completa desordem, e desenvolvendo-se terrível carnificina em todas as ruas por grupos isolados.

Andrade Neves, José Ouriveis e outros chefes de cavallaria fizeram prodigios de valor, sem poder resistir ao impetuoso ataque dos rebeldes.

O 2.º Batalhão de caçadores commandado pelo coronel Guilherme José Lisboa tentou tornar-se centro de resistencia, formando quadrado e resistindo ás cargas de cavalaria e ao fogo inimigo. Dizimado por enormes perdas foi o coronel intimado para render-se *). Recusou, e, com a bandeira nacional em punho, commandou pela ultima vez uma carga de bayonetta, cahindo morto e indo seus soldados espetarem-se nas lanças inimigas.

O combate degenerara em carnificina, os rebeldes perseguirão os grupos legaes, que fugirão, nas ruas. — partidos se chocarão e batião-se desesperadamente.

Muitos naquella horrível scena de sangue vendiam caramente as suas vidas e a cidade alastrava-se de mortos e feridos, que erão indistinctamente pizados e esmagados pela cavalaria que perseguia os legaes debandados. Muitos officiaes superiores jazião mortos ou feridos nas ruas. Entre os primeiros, o bravo Lisboa, pranteado até pelo inimigo, o coronel Cabral de Teive, o major Epifânio, entre os segundos, o então major e depois marechal Lopo Botelho, retalhado de feridas; Andrade Neves e muitos outros.

Barreto, Calderon, Cunha e outros officiaes generaes buscarão a salvação fugindo para a esquadilha. O primeiro tentara

*) Os rebeldes admirados da galhardia e valor de Lisboa, gritarão-lhe: — Rende-te, coronel valente — mas nada conseguirão. Lisboa procurou voluntaria morte, quando tinha decorosa rendição.



reunir a cavalaria dispersa mas a força que para esse fim mandou sahir no primeiro momento do combate cahio em poder dos rebeldes.

As canhoneiras legaes e o vapor que salvara muitos fugitivos descerão pelo Jucuhy, ainda sob o fogo da bateria, que fora colocada á margem deste rio pelos atacantes.

A's 11 horas do dia foi cessando o combate que degenerara em hecatombe.

Oito peças de artilheria, uma outra da esquadrilha, mil armas de infantaria, mil tiros de artilheria, 8.000 cartuchos embalados, o dinheiro da pagadoria, o municiaemento do commissariado, 300 mortos e feridos, 700 prisioneiros, e o resto estraviado fugindo para S. Amaro, taes forão as perdas das armas imperiaes. Os rebeldes tiveram uma perda não inferior a duzentas praças entre mortos e feridos. A* par do que pertencia ao exercito o prejuízo do commercio foi enorme.

Os depósitos que ali se havião feito e que quasi todos forão saqueados montarão a somma não inferior a mil e duzentos contos *).

Não só o que existia na cidade, mas o que estava ainda a bordo das pequenas embarcações, no porto, foi presa do inimigo.

Vinganças e combates particulares augmentarão o horror da catastrophe que cobrio de luto a espavorida população de Rio-Pardo e de toda a provincia.

Esta noticia fulminára Eliziário, que mal pensava que tão desastroso fim teria a reputação militar do marechal Barreto, a quem tanto exaltara! Distinguindo-se nas guerras anteriores com os póvos do Prata, commandando uma divisão na batalha de Ituzãigo o ataque de Rio-Pardo foi o ultimo desastre de sua vida militar, pois pouco depois retirou-se para o Rio e tendo presidido á provincia de Minas, veio fallecer na côrte em 1839.

Em toda a revolução um só ataque ou batalha se não deo nas condições de Rio-Pardo. Erão muitas as esperanças da legalidade, que orgulhosa das primeiras operações contava esmagar a rebelião. Eliziário mesmo em suas communições para a côrte manifestava claramente a convicção de que lhe caberia a gloria de restituir a paz e tranquillidade á sua patria adoptiva. Todas essas lisonjeiras esperanças desaparecião em um mar de sangue irmão!

Todos os cálculos de uma politica previdente esbarravão ante os funestos effeitos da imperícia militar.

Tremenda foi essa pagina de sangue e luto escripta por Bento Manoel e ainda hoje delia tristes e sombrias recordações restão

*) Ordem do dia do general Netto.



no Rio Grande do Sul. Pagara Bento Manoel a Sebastião Barreto as balas que recebera, lavando as feridas com o sangue de seus compatriotas! Fizera em Rio-Pardo mais do que no Fanfla! *).

Immenso abatimento apoderou-se dos defensores da monarchia. A derrota de Rio-Pardo era dolorosa lição dos exagerados que havião provocado a deserção de Bento Manoel.

Suas consequências devião por muito tempo pezar sobre as desmoralisadas fileiras imperiaes.

Porto-Alegre preparou-se de novo para o cerco e a pouca força que no Taquary ainda estava voltou para ahi, pois se aproximavão os rebeldes.

A divisão do brigadeiro Calmon, que se achava alem do rio Piratiny <foi avisada em tempo do desastre de Rio-Pardo e teve ordem de retroceder para o Rio Grande.

Nos dias 2 e 3 de Maio, Calmon tivera contínuos tiroteios com os rebeldes ao mando de Bento Gonsalves e Affonso Côrte-Real, passando o Piratiny sob a protecção das guerrilhas com mandadas pelo capitão David Machado e vindo acampar no ar-roio das Pedras.

No dia 7 continuou a divisão em retirada, sustentando sempre o fôgo dos rebeldes. Fazia a vanguarda o coronel Silva Tavares e a retaguarda o major Manoel Luiz Osorio e tenente David Machado. No dia 9 a columna transpoz o S. Gonçalo protegida pelo fogo do batalhão provisório commandado pelo major João Nepumoceno da Silva, e uma linha de atiradores de infantaria ao mando do capitão Joaquim Pedro Berlink.

Acampou de novo a divisão nos Canudos. A legalidade que nos principios de 1838 estendera sua linha de operações pelo lado do norte até Rio Pardo e pelo sul pelos lados de Piratiny achou-se de novo em maio do mesmo anno reduzida ás primitivas posições de S. José do Norte, Rio-Grande, S. Gonçalo e Porto-Alegre.

A divisão do Sul escapara a um desastre imminente por que Bento Gonçalves e Côrte Real quando a 2 e 3 guerrilhavão e recuavão abandonando as posições aos legaes não fazião mais do que manobrar para atrahil-os para o interior, contemporisando até que chegassem os reforços sahidos ao mando de Netto de Rio Pardo.

Anniquilada ella, o Rio Grande e a barra da provinda cahirão logo em poder da rebelião e, cortadas as communicações

*) Escriptos contemporâneos accusam formalmente Eliziário de haver impedido que Rio-Pardo se fortificasse dizendo que era falta de confiança nas forças e valor das tropas imperiaes e medo das dos rebeldes.



marítimas, Porto-Alegre se renderia pela fome, quando não fosse levada de assalto por todas as forças da rebelião.

A rápida retirada de Calmon e Silva Tavares, coadjuvados pela boa vontade de seus officiaes e soldados, evitou uma nova e dessa vez irremediável desgraça para as armas imperiaes. Ainda assim a divisão veio sempre acossada por Córte-Real e repassou o rio, quando ainda na sua retaguarda tiroteavão as forças de protecção com a vanguarda inimiga.

Grienenfell que a toda a pressa se dirigira para S. Gonçalo preparou-se para queimar o ultimo cartucho na defeza deste rio, como verdadeiro ponto estrategico de' que dependia a salvação da legalidade.

Reaparecerão então as recriminações com tanto mais força quanto fôra a sua anterior mudez. Muito accusado foi o marechal Eliziário de haver deixado Barreto isolado em Rio Pardo e a columna de Calmon no sul, nas mesmas condições, mas o que até este momento está provado é que o principal alliado do inimigo naquelle ponto foi a falta de vigilancia em Barreto, e negligencia das ordens superiores por parte dos officiaes commandantes das brigadas.

Eliziário era realmente culpado da excessiva confiança de que se possuirá ao ver coroadas de bons resultados suas primeiras operações e essa vaidade e sua confiança em Barreto denotão seu pouco tino militar, quando não o atestava pela inutilidade de sua primeira marcha. Os legalistas ultras não deixarão também de tornar Eliziário responsável por sua politica de moderação, attribuindo a eMa o novo incremento que tomava a revolução e o desastre das forças legaes.

Nas camaras o deputado liberal Alvares Machado accusou energeticamente Barreto, apontando-o como acostumado a ser batido e attribuio esse horrível combate aos ultra-legaes, que havião sempre difficultado a pacificação e não sabião vencer pelas armas.

Defendeo Eliziário provando que o ponto por onde o inimigo cahira sobre a cidade fôra justamente aquelle sobre o qual Eliziário recomendara maior vigilancia, ordenando que ali houvesse força de observação, o que nunca foi cumprido. Com as próprias partes officiaes do commandante da divisão pretendeu justifical-o.

Comparou o seu proceder com o do coronel Lisboa, morrendo abraçado com a bandeira nacional. Igualou-o a João Clirysostomo da Silva que entregara Caçapava e a quem um conselho militar condemnara a dous annos de prisão, despindo-lhe a farda.

Apesar de todo o seu talento, Bernardo de Vasconcellos não pôde defender o marechal Barreto, a quem accusou de negligente e até de covarde.



O brigadeiro Cunha, que depois do ataque de Rio-Pardo viera a corte, foi mandado recolher preso para responder por seus actos, pois contra elle em especial se elevavão accusações serias.

Mais -tarde foi absolvido. A opposição liberal aproveitou todos estes successos, como antes a opposição conservadora aproveitara a defecção de Bento Manoel e a entrega de Caçapava e prisão de Antero para fustigar o ministério liberal.

Apezar disso o gabinete de 19 de Setembro não esmoreceo e nossos reforços farão enciados das províncias e da côrte, fazendo o governo declarar officialmente que não demittiria Elizário, antes lhe prestaria toda a força para continuar a luta contra os rebeldes.

Até o fim do anno de 1838 tinhão chegado ao Rio-Grande mais dous mil homens, procedentes do Rio, Pernambuco e Bahia, logo que terminou a revolução da Sabinada.

Para Santa Catharina e S. Paulo forão expeditas ordens para organização de columnas, que devião operar pelo lado do norte da provincia, evitando nova invasão em Lagere guardando a Laguna.

Ainda outras providencias partirão do governo central. Nova amnistia foi em 30 de Novembro concedida aos rebeldes, que depoessem as armas, e outro decreto de 19 do mesmo mez, providenciou sobre a sorte dos escravos arregimentados na rebelião, formando-lhe uma respeitável infantaria.

Em virtude dessas disposições os escravos prezos com as armas na mão deverião ser logo castigados com 200 a 1.000 açoutes e enviados para o Rio, onde os seus senhores os poderião vender para qualquer lugar menos para o Rio-Grande. Os que se apresentassem serião alforriados e seus senhores logo indenisados, sendo legaes, e o dinheiro depositado no cofre provincial para ser entregue depois da pacificação, se fossem rebeldes. Serião também os libertos por essa forma transportados para fóra da provincia. Essas providencias que davão a pedra de toque da energia do gabinete de 19 de Setembro e da politica do Regente Araujo Lima, continuavão a animar a legalidade, apezar da intriga sempre effervescente em Porto-Alegre.

EUDORO BERLINK.





O FUTURO DOS POVOS

§ I — O Problema das Raças. § II — Os
Dois Typos Humanos.

O PROBLEMA DAS RAÇAS

I

E^fERRÔNEA a convicção de certos juristas philosophos que insistem na affirmativa do perigo amarello como asiatica tempestade cahindo sobre a Europa e America para lhes annullar o predomínio dos pelles alvas.

Comtudo o Brasil, ethnicamente, é um caso á parte: precisa de premunir-se contra os rebentos maus... O eugenismo o exige. Mas aqui o problema é de modo geral.

A especie humana — cume de toda a collectividade zoológica — tem evidentemente uma finalidade superior: a realização ethnica da flor evolucionai da raça, a sua feição ethnica e esthetica em todas as possiveis modalidades. Nunca poderia involuir. A natureza se encarrega de lhe traçar ideas communs de Bem estar e elevação de sentimentos. Notam-se características moraes mais altas nos typos igualmente mais bellos e fortes: por exemplo essa curva progressiva que vai da Rússia á Turquia, da França aos Estados Unidos e da Allemanha á Suécia... Raça superior é aquella em que mais fortemente se accentuam a for-

ça, a beleza e o talento em quantidades equivalentes: o desenvolvimento máximo e integral da beleza eugénica, isto é, physica, moral e intellectual. Nas raças mestiças essas qualidades ou não se parallelisam ou se absorvem mutuamente restando apenas uma ou duas predominantes. Entre as especies zoologicas o desequilibrio é total: formiga e elephante intelligentissimos são entretanto exemplares que nada teem de estheticos; do mesmo passo — as feras e os palmipedes, em que ao lado de impressionante beleza exterior a cultura mental mostra um estado lamentavel! Não ha como o acasalamento affinitivo e callipedico para a evolução da raça: onde prepondera o rapto — surge o monstro; onde só existem amavios — apparece o bello sem defesa; onde a consanguinidade — o louco; onde o hybridismo — o rachitico; onde a mentira — o ladrão. Em regra os grandes homens teem filhos nullos, porque cansado o cerebro de muito vibrar, no acto da transfusão do ser — não concentram toda a personalidade psychica — memoria, affecto, vontade e o electrismo mental.

Quando superiormente acasalados, os indivíduos da especie humana realisam triplíce e efficazmente a evolução da força, beleza e talento: ao contrario, si as raças se confundem; o mestiço só herda uma ou duas destas qualidades.

Só nas' raças superiores se conhecem superhomens, isto é, indivíduos geniaes e portadores de força ao mesmo tempo hercúlea e character diamantino. Entre nós, parece, essa integrallisação psychica ainda não se deu, infelizmente.

Ruy era rachitico, Dannunzio, amoral — Hugo — mneumonico...

Nas especies zoologicas o pavão fez sua raça culminar e crystallisar na beleza das cores, — o condor — no arrojo do vôo, e o macaco — no desdobramento do instincto. Por ahi ficaram essas raças, provavelmente votadas a desapparecimento não remoto. Em summa, as raças fortes se caracterisam pela potencia mental: a intelligencia e a vontade energica fizeram do amphibio, atolados em charcos, o quadrupede de membros alongados, de que sahiram quadrumanos e aligeros, patas de reptis e asas de condor.

Neste caso todo esforço natural conquistando posições perdidas ou situações meliores é sempre evolução, renascimento. No conjunto das raças, entre si, verifica-se que menos podem lutar simios e primatas, negros e amarellos...; e dahi menor progresso evolutivo delles em confronto ao do pelle vermelha em contacto e crusa com os brancos latinos e os loiros escandinavos.

O papua é especimen decadente; o negro — consequência do verão adusto que carbonisou quasi a época ternaria dos pro-



símios mastodontes e anthropoides. E' de geologia elementar que esse clima torrido, quasi irrespirável — enegrecendo os dermas — banhava toda a Terra antes da tempestade de gelo do período quaternario. A lua, a enclytica e a imersão de continentes — consequências correlactas — determinaram as zonas de temperatura — glacial e tórrida, de que forçosamente resulta a differenciação de pigmentos, nas especies, e até de formas. Dos nubianos, malaios e mongoes — se originaram por sem duvida, o tronco commum: — mediterrâneo e americano, que se fraccionaram apenas pela ruptura do globo.

Esse accidente desirmanisou as raças: louros se fizeram os do norte da Europa e vermelhos os das florestas da America. Dos 2 bilhões de homens no planeta quatro quintos são populações de cor... Ainda no tempo dos negros eram tão raros e apreciáveis os loiros, que, ao ver algum, exclamava o helleno: "Pois não és um Deus oh! tu que a pelle tens cor de neve, os olhos cor do ceo e os cabellos cor do sol?!" Hoje todo o norte europeu e a própria Sibéria esitão cheios desses *deuses*: evidente evolução das raças. O frio intenso aloura os cabellos e alveja os pigmentos. Nos poios, até o urso branco chega a ter olhos azulados. Contrariamente — a zona tórrida: — em que tudo enegrece — arvores, homens, camellos e macacos.

Estudos recentissimos de geographia humana trazem a convicção de que era a Africa o berço da civilisação, mas a Africa quando ainda á Atlantida e á Lemuria...

Ahi esta por exemplo o âmago do continente africano como centro ainda da maior flora simia; e a America — como o de mais densa população de indios.

Em summa: a Africa — núcleo principal de macacos; a Asia — maior centro de microcephalos, e a America — territorio de indios. Para taes deducções não se confronta a Europa — por absoluta confusão de povos, nem a Oceania — por escombros de civilisações prehistoricas.

Em viagem recente ao interior da Africa, observou o príncipe Guilherme da Suécia o gorilla casado e com attitudes circumspetas, quasi humanas! Descreve em seu livro "Among Pygmies and Gorillas" que estando na fronteira do Congo Belga, entre os celebres vulcões Muhavura, Mgahinga e Sabinio encontrou esse animal a velar de nóite, á bocca da caserna o leito de palha e raizes onde dormiam sua femea e filhos. E mais: que os pygmeus Wambutis, (negros anões, semi-pelludos com um metro de altura e gargalhantes ao fallar) ahi convivem com os citados gorillas na mais estreita camaradagem!



Não é demais insistir: a raça mais numerosa existente nos tempos de Homero era a dos "fortes ethiopes, nos desertos da Syria," conforme se infere do primeiro mappa mundi conhecido, e traçado segundo as descrições da Illiada e dos Sagas, mil annos antes de Christo. Esse documento accusa a existencia do copioso povo, anão e muito semelhante a simios, na zona hoje visitada pelo insigne viajante da Suécia

Confirma-o por outro lado Herodoto quando também fala desse povo simiesco, na predita zona "confinada no rio oceano que circunda a Terra". Ora, esses pygmeus pelludos e tartamudeantes "que enchiam os confins do globo" provam facilmente a possibilidade do povo animal ou "typo intermediário" que os rethoricos tanto e tão puerilmente discutem. Os povos que lhe succederam na Historia — os asiaticos — tinham de ser como são os mais numerosos e contemplativos da actualidade. A Asia de hoje, anquilosada e possante, representa a tartaruga antidiluviana em nossos tempos... Forçosamente os selvicolas succederam a esse povo vencido em todas as guerras... e hoje ainda sobrevivente e numeroso pela renuncia e pelas superstições. O indio delle se desmembrou vigoroso e insubmisso para povoar as regiões ubérrimas mas eriçadas de perigo. Dessa raça synthese origina-se o autóctone americano — rijo e vermelho — eleito para substracto da raça vencedora. Nosso habitat, com os mais vastos oceanos, as mais ricas florestas — o modelo á sua imagem, com sangue rubro e musculos de aço! Delle nascerá o typo dominador da posteridade. Já se lhe acorrem pressurosos os leucocytos das raças de alem-mar, borbobando nas artérias de Nova York, do Panamá, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro. As immigrações torrentosas e seleccionadas aqui se estabelecem, segundo as affinidades características das raças superiores, dos individuos abandonando as civilizações cansadas em que nasceram, aqui se renovam e fundem para dar inicio a um typo novo, a uma era nova, no ambiente virginal da America. Individuos e nações aqui se infiltrando, se accomodando produzirão a selecção natural das raças e dos exemplos, ao mesmo tempo modelando formas phisicas, directrizes de character e aspirações de moral e esthetica. Ao se mesclarem as massas seleccionadas (ponham nisso todo o cuidado os governos) no solo immenso da America apurar-se-ão as differenciações ethnicas para o advento da raça superior, cujo typo adiante procuramos delinear.



II

E' da evolução humana ipresente que vamos tratar. Não raro complica-se o problema, por excesso de detalhes. Aos nossos olhos, poly ou monogenismo não teem o interesse que se afigura á maioria. O que nos cumpre saber ao justo é que em experiências physicas de laboratorio, na combinação das cores, o preto produz o amarello e este o vermelho...

A Embryogenia, nas fecundações mestiças, isso mesmo confirma. A craneologia nos mostra na cabeça do amarello os mesmos característicos anthropologicos do negro, excepta a incisão ocular; bem como no pelle vermelha — os característicos essenciaes do caucasico, apenas abstrahida a cor. Prescindindo-se, o Índice cephalico, a circunferencia do craneo, a qualidade do cabello, etc. (que pouco exprime na classificação das raças) podemos fixar, segundo a contextura histológica e configuração do fâcies — dois typos fundamentaes: o *amarcello-negro*, de hombros estreitos, rosto e tronco compridos, (typo digestivo-respiratorio) e o *afai-vermelho*, de olhos grandes, magnéticos, orelha grande, fortemente debruada, baixa e inclinada para traz, o olhar altivo, o queixo accentuado e a fronte espaçosa (typo musculo-cerebral). Ainda a Ortogenese, explicando a theoria da mutação das cores, implicitamente separa estes dois typos de coloração, quando diz que "toda mutação na especie depende das cellulas germinaes, congênitas: seleccionar estas é melhorar aquella".

Dá-se com a reprodução entre os dois typos acima assignalados o mesmo phenomeno que com o enxerto vegetal ou a fecundação do asinino com o cavallar — a melhora do typo mata-lhe a reproductibilidade. Acasalando-se os amarello-negros entre si o producto evolue integralmente; do mesmo teor — os alvi-vermelhos entre si, porque a cruza dos grupos semelhantes produz seres superiores. Si porém a reprodução não obedece essa ordem — a evolução do typo será parcial, si evolução houver. Parece que o hybridismo é causa da variedade e successivo enfraquecimento das especies.

Os indivíduos do primeiro typo humano fundamental quando acasalados aos do segundo e vice-versa teem filhos menos prolificos, menos longiveros, e de mentalidade menos equilibrada: —
°u demasiado força em detrimento da belleza e do talento, ou predomínio de uma dessas qualidades organicas, com ausência de uma
°u das duas restantes. Cada typo representa um acervo secular (Je assimilações e affinidades; e quando se baralha com outro typo
Es caracteristicas variam, mal se fixam as qualidades hereditárias
°u influencias ancestraes e muito dif facilmente o casal (alviver-



melho e amarello-negro) conseguirá reunir em sua prole as virtudes do typo ascendente, que lhe seja immediatamente superior. Só muito rara e excepcionalmente poderá reunir no cerebro nascente, em proporções equivalentes, o caracter, a intelligencia e a belleza — formando a linha geral do critério humano. Ao contrario, quando as uniões se dão entre amarello-negros ou entre alvi-vermelhos, selleccionam-se e elevam-se os productos, sob qualquer ponto de vista, tornando-se, por isto, mais assimilativos aos progressos da civilisação. E' notável a improduetibilidade dos mestiços, tanto no genero humano, nas especies vegetaes, como no mundo zoologico. Faz crer até que o afastamento, entre si, das raças da Africa e da Asia, occasionaram uma grande involução á especie humana, que assim se atrophiaram isoladas cada qual em seu tronco... Esse retrocesso não o terão a Europa e America, já agora acasaladas, como as artérias de um mesmo organismo, e ambas elaborando a humanidade futura. Estados Unidos e Argentina, Escandinavia e Germania são hoje entidades communs enlaçadas em todas as relações sociaes, scientificas e economicas da moderna sociedade internacional, sem patrias.

Nunca tão longe esteve o falado perigo amarello: o negro — producto remoto e evanescente — na fecundação se assimila facilmente a qualquer raça; — e não raro desaparece na terceira geração; ao contrario — o índio — raça do segundo grupo — cujos característicos essenciaes persistem invariaveis até á sexta ou oitava geração. Esta fixidez de typo também no asiatico não existe.

Parece que a fixidez dos caracteres adquiridos nas raças, é-lhes expoente de superioridade. Nas superiores os typos alliam á bellesa physica grande e elevada cultura cerebral: á semelhança eugenica delles entre si (o sueco por ex.) unem a identidade superior nos moldes de educação social, egualitaria. Distinguem-se pelo equilibrio normal e predominante das personalidades — physica, moral e intellectual. Caracterisamos, ao contrario, a inferioridade de raça pela sua capacidade maior ou menor de mentir. A mentira, nos individuos, é ausência de personalidade moral: assim como o mimetismo ou parasitismo no organismo das especies é symptoma de atrophia ou gradual desaparecimento.

Toda a ordem social repousa na união de esforços com a segurança e verdade dos compromissos assumidos. Dahi — a honra, as bellas acções e os sentimentos altos. Individuos sem character, Estados sem responsabilidade e nações sem consistência e identidade são Índices perfeitos das raças inferiores.

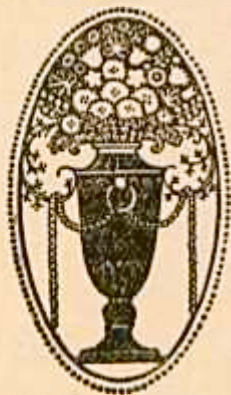
Não é na Africa, cujos antigos reis vendiam os súbditos como mercadoria, nem na Asia mendiga, escravizando em feiras as suas



mulheres, tampouco na Europa enfeudalisada, mandibulando e a rugir tambores — que se ha de buscar o ambiente proprio ao advento da nacionalidade póstera e triumphadora, mas na America — liberta de mysticismos políticos e superstições religiosas — na America de Ruy, Wilson e Alberdi, da honesta educação dos filhos, dos homens livres, das mulheres nobres e dos lares dignos.

(Continua)

VILLAR BELMONTE





*Maria Eugenia Celso — DE RELANÇE. • — Monteiro Lobato
& Cia. — São Paulo.*

A Sra. Maria Eugenia Celso manteve, durante cinco annos, na edição vespertina do "Jornal do Commercio" uma secção "Feminina", que se destinava a photographar aspectos da sociedade, reproduzir de carreira typos acotovellados na rua, fixar recantos de paisagens e focalisar impressões de momento.

Esses objectivos realisou-os plenamente, despertando inusitado interesse entre os leitores que porfiavam no desvendar o nome que se encobria sob mysteriosas iniciaes. Nem de outra maneira poderia acontecer, pois o autor se mostrava dono de um estylo de qualidades de observador, que jámais ninguém suspeitaria fossem de pulso feminino.

Revendo-as, escolheu a sra. M. E. C. as paginas mais caracteristicas, que reuniu neste volume. *De relanç* ••• porém, é titulo que não diz o que são.

Os trabalhos que o formam não têm o cunho de chronicas (ligeiras que lhes quer dar a autora. Alguns são contos admiraveis a que nada faltam, outros satiras a estigmatizar usanças da "haute-gomme", outros critica literaria em que se denuncia um espirito culto e perspicaz.

Livro de mulher, não o parece ser — e d'ahi seu valar superior aliás a muita obra de barbados que por ahi alardeia perfeição.

Sud Mennucci — HWMOR — Monteiro Lobato & Cia. — São-Paulo.

Sud Mennucci é um critico, pouco conhecido. Sua obra "Alma Contemporânea", apparecida ha alguns annos, quando ainda não organizado o commercio livreiro do interior do paiz, revelando-nos a alta envergadura de um pensador e de um escriptor, não teve a divulgação que carecera. Aos que o leram, porém, resultou a convicção de que defrontavam um ensaista de tomo, capaz de outros surtos.

Este ensaio sobre "Húmor" é alguma coisa de peso a desmanchar o mar-morto em que estagnam as nossas idéas.

Estudando as razões da proliferação de humoristas na literatura ingleza e nas dialectaes italianas, esmiuça ponto por ponto, chegando á conclusão de que "parece certo que o húmor não é sainete específico da alma anglo-saxonia nem o apanagio de uma raça única. Deve ser, ao contrario,, tendencia natural e universal do espirito humano, predicado, ou, se quizerem, tara, de toda a especie.



Desde que é elle tão florido nas literaturas dialectaes e na ingleza, e é tão pobre nas outras, só uma coisa pôde explicar o phenomeno, a única que, por exclusão de partes ficou em jogo: a lingua. Não ha outra sahida".

Não é paradoxo. A leitura do ensaio convence.

Quanto ao escriptor, é de primeira agua. Com largo tirocinio no officio, emparelha com os melhores do mundo literário nacional. Tanto que, paginas de critica embora, a estas lê-as qualquer de uma assentada.

Humor vai assim, dar a Sud Mennucci o logar que lhe cabe na moderna geração de escriptores brasileiros.

Arnaldo Barreto — A GALLINHA DOS OVOS DE OURO
— Cia. Melhoramentos — São Paulo.

A Bibliotheca Infantil da Companhia Melhoramentos de São Paulo accresce-se de novo trabalho do sr. Arnaldo Barreto: "A gallinha dos ovos de ouro", em que se encontram as mesmas qualidades que caracterisaram os vinte volumes anteriores, não só na parte intellectual como na graphica, que no caso é de importancia capital.

O sr. Arnaldo Barreto é grande conhecedor do "metier", pois ha longos annos se dedica á pedagogia de que é em nosso paiz, um dos mais altos exponents. Sabe interessar a criança, não lhe perturbando a comprehensão com o emprego de palavras fóra do seu alcance.

•Não é atôa que a sua bibliotheca encontra longa aceitação no mundo infantil.

Pedro Herrero — BUENOS AIRES GROTESCO Y OTROS
MOTIVOS — Buenos Aires.

Poesias deliciosamente bem humoradas e escriptas numa forma muito raoderna. Pedro Herrero attinge, synthetizando suas emoções, a condensação das tankas japonezas. As poesias longas são menos boas. Sobretudo, cultiva a satyra e o epigramma com uma felicidade rara.

Godofredo Rangel — ANDORINHAS — Monteiro Lobato &
Cie. — S. Paulo.

Houve tempo no Brasil, em que o escriptor que se julgasse feito com a sua primeira obra, pegava dos louros e delles fazia commoda amofada para recosto dos ossos durante o resto da vida. Temor de apresentar coisa dt menos peso, preguiça, ou o que quer que fosse, o factó é que, durante longo lapso, se observou o phenomeno.

Ultimamente, porém, tudo mudou de figura. Solidificada a producção livreira, o publico deu de exigir dos consagrados coisa nova, de feito que estes se viram a braços com um caso sério: produzir... E vieram a lume, então, livros que só trouxeram aos seus autores enriquecimento de louros. Os novos também se encontraram em situação idêntica. O publico exigia sempre, após a estrêa auspiciosa, trabalhos novos que viessem alicerçar o conceito em que os puzera.

Godofredo Rangel não quiz por seu turno ser o escriptor de um só "vro. Se "Vida ociosa" lhe deu posição saliente no romance nacional, attingmdo em breve praso a tres edições, por que razão não havia elle de persistir defrontando-se com o publico? Andou bem, pensando assim. Este-



volumezinho da "Bibliotheca da Rainha Mab" é a prova de que a seára de G. R. não foi ceifada de vez com a publicação daquelle romance.

Não se trata agora de romance, mas de contos. "Andorinhas" é uma dezena de narrativas em que a habilidade do autor excede no encaminhar a successão dos episodios até o riso que as corôa sempre.

Do todo homogeneo que é o volume, destaca-se o capitulo final que lhe dá nome.

Em summa, estabelecida a posição de G. R. na literatura de nossos dias como um dos seus melhores romancistas, baste-nos dizer que o contista não lhe é somenos.

*Spencer Vampré — MEMORIA, PARA A HISTORIA DA
ACADEMIA DE SAO PAULO — Livraria Acadêmica —
São Paulo.*

Appanece agora o primeiro volume de uma serie de Memorias para a Historia da Academia de São Paulo — A grande erudição de Spencer Vampré não podia encontrar melhor campo de acção. O assumpto devia fatalmente tentar esse espirito estudioso.

E' um trabalho de interesse geral, no qual o autor expõem, de maneira clara, anecdotica e inílligente, o que foi e o que é a Academia de São Paulo. O volume I vai desde a primeira tentativa de fundação de cursos jurídicos até os factos mais importantes do anno 1857.

Ha paginas, sobre a historia da cidade, cheias de detalhes pittorescos. Assim a descripção desse São Paulo romântico que tanto se parece com uma aldeia perdida do sertão. Paginas como essas e como outras, nas quaes o autor conta algumas anedotas sobre o curso dos grandes homens do passado, realçam o talento de escriptor do Dr. Spencer Vampré.

E' inútil falar do seu estylo e do seu portuguez (este solido, aquelle claro e rápido), pois todos conhecem a personalidade do illustre professor e polyglotta.

Em resumo é um livro que merece uma grande propaganda. Todos os que se intieressam pela historia de São Paulo e das letras brasileiras devem lê-lo, e uma bibliotheca que se respeita possui-o.

*"TERRA IMMATURA" — Alfredo Ladislau — Belcm — Pará
— 1923.*

Este livro cuja leitura levámos a cabo com muito interesse, é a revelação da uma bella intelligencia servida por excellente cultura e reflectindo, ao mesmo tempo, um fino e delicado temperamento de artista.

Em "Terra Immatúra" estremece a alma grandiosa e barbara da nossa Patria, os encantos sem iguaes da nossa natureza tropical. Pagina a pagina, em prosa nervosa e forte, como a própria terra que nella tão intensamente se agita, o sr. Alfredo Ladislau põe diante dos nossos olhos quadros admiráveis da Amazônia selvagem que não conhecíamos em Alberto Rangél, nem mesmo em Euclides da Cunha.

Mais do que uma simples impressão de artista, mais do que um méro motivo esthetico, *Terra Immatúra* é um livro de observação e de estudo, livro de quem conhece de facto todos os segredos, todos os mysterios daquelle fantastico pedaço do nosso territorio.

Os capítulos *Hymncu das Aguas, Psycliologia dos Lagos e Genese* dos Amazonas, são paginas que poderíamos, em exageros qualificar de novas na

nossa litteratura, pelo muito que ellas dizem da formidável natureza amazônica, das suas lutas, dos seus anseios, das suas lendas.

Ao registrar aqui o apparecimento de *Terra Immatura*, o fazemos com a mais viva sympathia, ainda presos á intensa impressão que nos deixou a sua leitura.

E' um livro que ha de triumphar, seguramente.

RECORDAÇÕES, romance, por Canto e Mello. Emp. Typ. Editora "O Pensamento", S. Paulo, 1913.

O sr. Canto e Mello é um caso raro em nossas letras; delectrou na primeira mocidade, com ardor e com brilho, e foi, durante algum tempo, um dos poetas mais interessantes de S. Paulo; depois calou-se durante dezenas de annos, fazendo crer que se desilludira das letras e que os seus ideaes litterários foram um méro fagacho. Ao contrario do que se pensava, o artista que sempre foi, revelou-se de modo e com qualidades que antes estavam apenas esboçados. O sr. Canto e Mello é realmente um romancista, e outro não conhecemos, entre nós, que se lhe avantege, pela acuidade da observação, pela imaginação e pelo calor com que aquece os episodios que dramatiza.

Este ultimo trabalho, "Recordações", é um dos mais interessantes que tem produzido. O narrador entretera, desde o inicio, a attenção do leitor, e a vae prendendo aos poucos até empolgal-a de todo, levando-a até ao desfecho. A acção decorre suavemente, augmentando de intensidade á medida que os episodios se vão succedendo. E' um magnifico romance, destinado, sem duvida, a grande êxito.

EL ERIAL, por Consancio C. Vigil — Editorial Atlântida, Buenos Aires, 1923—,

O realismo na arte trouxe, ao lado de innegaveis beneficios, um cortejo de males tão perniciosos quanto os excessos do idealismo. O realismo, armado de bom senso e observação, aparou judiciosamente as azas á imaginação, que orientava todas as tentativas artisticas, gerando uma arte erudita « eivada de ficções.

Na litteratura a influencia democratica do realismo foi tão decisiva que creou uma nova escola: os satellites dos grandes realistas, esquecidos de que os mestres se serviram do realismo somente como fôrma posta ao serviço de um ideal elevado, produziram exuberantemente uma arte crúa, sem finalidade nem elevação, cujo effeito tem sido documentar, para vergonha do homem, aspectos da vida que melhor fôra nunca houvessem sido observados. Foi o advento dos romances, novellas e contos de sangue e ignominia, cousas que a vida impura e transitória mais facilmente offerece aos olhos observadores ávidos de lances de sensação. E neste cyclo de democracia litteraria, ser sonhador, idealista ou symbolista era ser retrogrado, era ousar tanto quanto proclamar-se imperialista num regimem republicano. D'ahi o subido valor dos que conseguem ser realistas lutando por um ideal: estes trazem as suas ideias com indumentária da época por que não repugnem ellas a quem as recebe, mas não se afastem do proposito de semear um ideal.

Esse fructo é raro na flora da intelligencia moderna e, por isso, mais se justifica o nosso interesse por Constâncio G. Vigil, cujo livro "El Erial", precioso evangelho de intenções puras, revela tres grandes virtudes: ser bom, ter a coragem de confessal-o e fazel-o sem vaidade.



Num tios seus capítulos, "Palabras dei camino", Vigil diz, como um apóstolo: "No puedo traerte a Dios, Hermano, para que lo conozcas; vayas hacia El". Inversamente, poderia dizer também: "Irmão, como não podes subir commigo até o Ideal, eu desço com elle para que o vejas"; pois que, escrevendo para a multidão, operou esse prodígio de falar aos seus irmãos homens numa linguagem que tem a transparência da agua e sem pretender que elles erguessem a frente para ver de onde jorrava tal sabedoria.

E' um illuminado, não ha duvida: um illuminado que, um dia, sem o sentir, foi beijado na frente pela Verdade, por que tivesse o destino de illuminar aos que são pobres de luz. Viveu todas as emoções, soffreu todas as dores, pensou todas as philosophias e attingiu a suprema sabedoria que é apenas a vida. Se, porém, prégasse do alto de uma synagoga, seria um doutrinador; se se preocupasse com o brilho da verdade que alcançou, seria um sábio artista como Omar Khayyam ou Rabindranath. Mas em qualquer caso seria mal comprehendido. Preferiu, por isso, confundir-se com a multidão, mostrar ao seu irmão anonymo os quadros tenebrosos que a imperfeição humana creou, e concluir dizendo-lhes; tu és o contra-veneno para todos os males que te affligem; tu és o proprio amor que eleva e purifica, mas a tua obstinação e ignorancia são iaies, que não te apercebes disso e vives a chorar, com lagrimas sentidas, todos os males todas as penas cuja causa única é a falta de amor.

Dir-se-ia que é obra de uma infinita theoria de desillusão essa maneira de falar mostrando á humanidade o pantano em que pisa, essa predilecção pela fina ironia que parece occultar o pessimismo e o scepticismo que alimentaram o espirito pouco elevado de Max Nordau. Não é assim. Um desiludido jamais diria: "Ser, hoy, mejor que ayer; mañana, mejor que hoy; este es el gran objeto de la vida." E nem pode ser sceptico aquelle que se propõe a conduzir até Deus um irmão obscuro e, muito menos, pessimista quem aconselha o amor e a compaixão sem limites, ou condições, com humildade e modéstia taes que espera ser digno de piedade porque "não poude dar ao mundo um dia siquer do amor á sua mãe.

Quem costuma penetrar o espirito as cousas, ha de, forçosamente encontrar, envolvendo, como uma auréola, as palavras e attitudes de Vigil, um suave e acariciante perfume de esperança e de fé. Elie confia, realmente, na primavera do Bem que está preparando neste outomno de Dor. Emtanto mais admiravel é essa confiança, quanto se pensa que elle tem a certeza de que essa aurora azul só despontará mais tarde e, — o que é extranhamente elevado e generoso — essa certeza, que vai alem da esperança, em vez de lhe amollecere o espirito provocando lagrimas de Jeremias, conforta-o, estimula-o e anima-o para a jornada da sementeira. " Alguien comerá los frutos de este árbol que planto? Alguien comprenderá do que ahora digo?"

Não lhe interessariam respostas a estas perguntas, porque as intenções não se parecem no espaço, as boas e as más. E, sendo ellas boas, um dia se ha de condemnar nos planos superiores para cahir o orvalho do Bem em proveito de alguém. Não existe em sua alma um frade ajoelhado como na de Ruysbroeck; existe, sim, um peregrino meio propheta meio enfermeiro, atravessando os campos inundados de dor, á procura das almas que soffrem, para as quaes tem sempre ao alcance um sorriso de ironia uma retisencia e um sábio conselho. E o peregrino lhe segreda constantemente: ali adiante está uma alma agonizando.

Entre Flaubert e Vigil existe a affinidade que se encontra nos que viveram com a mesma intensidade as mesmas horas de emoção. Flaubert, sonhando a "Tentação de Santo Antão", entreviu, num momento de mysticisim, esse sentimento capaz de identificar o homem ao espirito do universo. Vigil, meditando "El Erial" teve esse mystico momento dilatado por toda vida-



sintiu o amor universal e, per que alguém no mundo pudesse aproveitar o aroma subtil da extranha flor que lhe desabrochara na alma, resolveu generosamente dizer, em palavras simples, da doçura desse sentimento.

Em Vigil, entretanto, o amor ao proximo, elevado á expressão de uma cruzada, obliterou por completo a vaidade do artista. Por essa razão, o seu livro, podendo ser uma obra do mais alto valor literário, como a de Flaubert, limitou-se a ser uma Biblia escripta para a sua época. E' um livro que o tempo deve conservar para refrigério das almas doentes, como os Pensamentos de Pascal e de Marco Aurelio, e que os homens devem ler com a religiosidade que merece a "Imitação de Ohristo", essa extraordinaria obra de elevação espiritual que até hoje ninguém sabe quem teria escripto.

RECEBEMOS MAIS:

Annaes do Museu Paulista — Officinas do Diário Official — São Paulo.

De Ensino e Educação — Maria Amélia Deltos Santos — Offi. Typ. Instituto Muniz Barreto — Rio.

Joaceiro e o padre Cicero — Dr. Floro Bartholomeu — Imprensa Nacional — Rio.

El triumpho dei dolor — Luiz Mallo! — Buenos Aires.

La copa de David — Fernand Felix de Amador.

Patria Nova — Mario Pinto Serva — Cia. Melhoramentos de São

O petrolco no Brasil — Domicio de L. Pacheco e Silva — Monteiro Lobato e Cia.

As Stomasinas — Instituto Inmunitario Stomosina — Rio de Janeiro.

A Sciência Medica n.o de Janeiro — Rio de Janeiro.

Rassegna di Coltura — Milano.

Revista Universitária — Cuzco — Perú.

Natura — Bairreto Sobrinho — Typ. Progresso — Rio G. do Norte.

Bulletin de Museu Nacional — Rio de Janeiro.

Peixes — Alípio de Miranda Ribeiro — Rio de Janeiro.





MORRA O FUTURISMO

CARTA A JAKSON DE FIGUEIREDO

Meu querido amigo. Raros pensadores, neste nosso paiz de velha indisciplina, possuem intelligencia tão clara e tão alto sentimento da vida profunda, como tu. Discutir com um homem de character, que vê as coisas com o teu desinteresse e com a intrepidez de uma sinceridade que honra a nossa gente, não é só um puro prazer, é, por igual, dos mais bellos combatas de que pôde orgulhar-se um escriptor. Estamos empenhados, todos quantos reflectimos sobre o grave assumpto da cultura brasileira, numa batalha, em que a mesma paixão violenta é imprescindivel. Será portanto, desleal e perigosa qualquer fuga nesse terreno incerto, que precisamos conquistar inteiramente, afim de realizar os nossos objectivos.

Disseste, com espanto e sem malicia, disseste, como costumás fazer, directamente, rosto a rosto, que não comprehendias a minha posição no movimento de idéas que se desenvolve actualmente no Brasil. E, sem negar a minha sinceridade, dando-me muito mais do que mereço, tua generosa razão exige de mim uma resposta cabal e oportuna. Já a primeira vez, nessa questão, que me explico. Até hoje, nesse particular, não encontrei no meu caminho se não sombras que rolam surdamente a sua vacuidade estulta, ou paspalhões, apostados nas esquinas, como grosseiros moleques, para injuriar o esforço honesto dos homens dignos. Tu és um ho-

mem, és uma entidade perfeitamente definida, limpa de nodosas moraes ou intellectuaes. Eis-me, pois, aqui. Tua mão vale ser apertada. Com os seres do teu quilate a conversa é uma lição honrada.

Vamos por partes.

Parece-te falsa a minha posição, porque, conforme escreves-te, não enxergas em mim nem sequer traça de futurismo. Não hesito em affirmar, desde logo, que estás cora a verdade. Mas onde viste "futurismo", entre a nossa gente moderna? Sei com certeza que usaste da palavra apenas para argumentar. Querias, como bom cartesiano, apreciar o problema na claridade e na transparência da sua luz.

Ora, quem, de boa mente, pode falar em continuidade de acção futurista nos dias presentes? O futurismo foi uma época, um momento particular na historia da vida italiana. Simplesmente isso, nada mais. Foi a ultima expressão daquella philosophia do desespero, tão implacavelmente denunciada por F. Brito. Futurismo quer dizer Romantismo desenfreado, na sua mais aguda explosão. Reagindo contra o vago, o indeterminado, contra a peor forma do "abstracto", que symbolistas * impressionistas lançaram na moda, o futurismo representou uma volta á matéria. A realidade, ao senso "bruto" das coisas, que se perdera na meia tinta dos continuadores de Whistler, Verlaine ou Wagner. Ninguém lhe nega, comtudo, unia formação salutar, que preparou o equil-

brio a que tende o pensamento moderno, trazendo-lhe forças incontestáveis.

O futurismo foi também um movimento político. A Itália adormecida de Carducci, a Itália papyrizada e congelada da Academia della Crusca, das nevroses d'annunzianas, continuadas por Benelli, da crítica empalhada de Ojetti e Del Lungo, a Itália imitadora de Baudelaire e dos naturalistas; a Itália dos revezes da África, sem prestígio no Adriático, onde Pola, e não Veneza, era a cabeça mestra; a Itália, sem os caminhos do Mediterrâneo, onde a esquadra de sua majestade britânica dominava e cruzava impunemente; a Itália, forçada a entrar num pacto de aliança com os seus inimigos tradicionais; a Itália, entregue aos conservadores intolerantes e seriamente ameaçada pelas sucessivas crises económicas; a Itália, sem carvão e sem ferro, os dois factores das grandes potências modernas, estava deante desde d'lemma inevitável: ou reformar os processos caducos, ou desaparecer, tutelada pela Austria, pela França ou pela Inglaterra. Foi nessa ocasião, isto é, nos últimos annos do século XIX, que Papini rodeado de sua phalange latina, rompeu com um apodrecido tradicionalismo, que pretendia encarnar a tradição italiana dos Dante, dos Julio II e dos Machiavel.

"Futurismo (disse elle) lasciando da parte ogni accompagnamenti stilistici qualche volta inutili o buffi, significa soprattutto reazione violenta contro la superstizione arcaica che rimbellece e indebalisce la massima parte degli intellettuali italiani. Molti, che avrebbero potuto fare cose nuove e forti, si son sentiti respingere da questa pesante atmosfera di antichità, di tradizione, di regole di ricordi nostalgici ch'è l'atmosfera normale dello spirito italiano dal cinque e seicento in poi. Gli italiani d'ingegno hanno sempre, como i dani nati di Dante, la testa voltada all'indietro. Ogni stranezza, ogni ardire, ogni sforzo verso la novità e la modernità vengono subito condanati dai ben pensanti, dai custodi de musei e delle biblioteche, com'imbacillità, debolezze, bambinate, monellerie... I grandi passati sono stati grandi Per conto loro. Li rispettiamo, li amiamo — ma bastai Non debbono avvelenare o anebbiare colle loro particolari visioni. Eobbiamo far noi... Senza ricerca non

c'è creazione nuova..." (Esperienza Futurista, pags. 23 a 25).

Isso quanto á renovação esthetica. Quanto á politica, eis as suas expressões, que tianscrevo no original, para não diminuir o sabor da sua formidável dialéctica:

Futurismo é amore dei movimento dei tumulto ed io sono stato sempre nemico della quiete mia ed altrui; ho imprecato alia lentezza delle cose e inneggiato alia velocità nel 1907; sono stato il capo dell'unico *sturm und drang* che si sia avuto in Italia prima dei futurismo;

"Futurismo é forsennato amore dell'Italia e della grandezza d'Italia ed io ho sognato fin da ragazzo un nuovo primato per il mio paese; sono stato uno dei primi propagandisti dei nazionalismo e ho iniziato nel 1906 una *Campagna per il forcato risveglio* per dare alle forze italiane una nuova e piu' energica direzione" (id. paginas 56, 57).

Quanto á religião, denuncia Papini, no seu "*Discorso di Roma*", o germanismo e o asiatismo de grande parte dos pensadores italianos como um dos males contra os quaes todas as invectivas seriam sagradas, pois na Igreja estava uma das maiores energias da latinidade. "Così è venuto fuori lo spiritismo per le serate della piccola borghesia; la teosofia per i tbe spirituali della buona società, la religione del Pumanità, dei dolore, dell'amore, per i cuori teneri, per quelli che hanno bisogno di regalare loro stessi a qualcosa che li trapassi e l'inghiottisca".

Pergunto-te, agora, meu querido amigo, quem estava *ainda* com a tradição, embora aparentemente se revoltasse contra o passado? Essa livre agitação de idéas, seguindo a regra geral, em taes casos, estratificou-se lentamente numa Escola. O futurismo desapareceu no marinettismo. Marinetti poz abaixo as linhas da architectura papinista, codificando, regulando, petrificando a estrutura admiravel que recebera. O Estado futurista, propriamente dito, foi destruido pela administração Marinetti. Como observou Papini, o marinettismo oppoz á latinidade, á supercultura, ao desprezo do *culto* do passado, á sensibilidade nova, á agudeza, á originalidade, á ironia, á finura, á aristocracia, á paixão da liberdade, ao patriotismo, á combatividade do futurismo, o *germanismo*, o *americanismo yankee*, a *ignorancia*, o *despre-*



zo do passado, o teclmicismo novo, o simplicismo, a forma esdruxula, o profetismo, a publicolatria, o imperialismo liumaniario, a solidariedade estreita, o xenophobia e o militarismo.

Da reacção papinista, porém, saíram grandes poetias, obras admiraveis de civilização, a exemplo dessa "Vida de Christo", universalizada em todas as línguas; por ella se alargaram os horizontes da arte italiana, e delia surgiu a figura dominadora de Mussolini, *condottiere* empolgante da Italia Nova, que, no seu primeiro discurso official, relembra a acção constructora dos que haviam reintegrado a Patria nas verdadeiras tradições, dando-lhe o sentimento das suas realidades superiores, afastando-a de uma inútil contemplação de ruínas.

Cessou, portanto, isso que se poderia denominar "acção futurista", desenvolvida na Italia, para o gênio italiano e para as realidades italianas. Os artistas modernos da Europa e da America já lhe voltaram as costas, desde o segundo lustro deste século. Sômente alguns dos nossos combatentes distraídos põem, de raro em raro, esse nome vasio na circulação, e especialmente, a malta divertida dos beocios internacionaes, que se lembram de acenar com esse espantallo, ante o que não comprehendem, por incapacidade congênita. E' vicio antigo, aliás, dos criticoides que envergonham a espécie humana, arregar a dentuça para os homens de boa fé. No século XVII, erguam elles o manequim de Ronsard em face de Rac ne, insultavam Spinoza, pela boca dos burguezes "honestos" de Voorburg, declarando-o "instrumento de ruina na Republica" — "een schadelijck Instrument in deze republycque" — pois, como escrevia o philosopho hollandez a J. Jelles, "os mais ignorantes são os mais audaciosos e promptos no escrever" — *ignarissimos quosque passim Gudacissimus, et ad scribendum paratissimos esse*. No século XVIII não pouparam remoques senis contra Rousseau e Lamarck — injuriado por Napoleão, no momento em que entregava ao Cesar, poucos annos antes de morrer, já nos principios do século findo, um exemplar da "Philosophia Zoologica" — No século XIX motejaram dos Românticos, entre os quaes pontificava o pae Hugo, arremessando-lhes, no mesmo dialecto de sempre, as pe-

dras conselheiraes, como estas do "Le Classique et le Romantique", de feu Baour-Lormain (de l'Académie Française (?)):

Chaque vers échappé de vos grêles cerveaux
Transforme vos lecteurs en oedipes nouveaux

Et dérouté á loisir leur faible intelligence.

Eis ahí o que se dizia de muitos homens, que são *ainda* os deuses da maioria dos nossos criticalhos. Contra os fallecidos parnasianos até os cocheiros de carros publicos se levantaram. Contra Catulle Mendes que a ultima das injurias proferida por um desses imaginosos cocheiros de Paris, contra outro, com quem travára polemica, de boléa a boléa, foi esta sonora exclamação de nojo: "Espèce de Parnassien, vai" Quem desconhece a grita contra os naturalistas, os symbolistas, *oi* impressionistas?

Sabes de tudo isso tão bem quanto eu, mas era preciso pôr ao sol, novamente, as raizes históricas dessa doença literaria dos "parentes pobres". Eis-me chegando, abusando da tua paciência, ao fim immediato desta carta, que te dirijo como se fôra de irmão a irmão. Explicado o futurismo, suas origens, vida, tragedia e morte, vamos ao nosso caso.

Posto de lado o calor do combate, reserenados os ânimos que fica de pé nos meus artigos "revolucionários"? Fica de pé, mas uma vez, que estamos tu e eu, de inteiro accordo. Porque? Responda-me a tua obra de pensador, naquillo que, fôra do capitulo da tua grande fé, seja capaz de auxiliar os nossos propósitos.

1.º) — Não tens combatido a indisciplina romantica do "Estúpido Século XIX", sobre o qual, na "A Ordem", escreveste paginas tão impiedosas?

2.º) — Não mostraste os erros do scepticismo renanista, do positivismo inflexível, do hellenismo epicurista da descendencia dos Francez?

3.º) — Não procuraste corrigir, no teu profundo Pascal os tormentos da inquietação moderna?

4.º) — Porventura não tens atacado com persistência admiravel os erros monstruosos da nossa educação politica e dos nossos péssimos costumes literários?

5.º) — Não procuras também uma fi-

nalidade para o pensamento brasileiro, ou, ao menos, abrir um atalho que nos conduza aos nossos mysteriosos destinos?

6.º) — Não és inimigo dessa falsa critica, dessa falsa poesia, desse falso regionalismo, desse phillosophismo vago, dessa incongruência mental que atesta a nossa historia literaria?

Mas o que combatemos nós, se não isso? Na essencia, portanto, estamos de accordo, eu "futurista", segundo certos Hornais conservados em álcool, e tu "ciericalista ferrenho", consoante e petulancia ignara de outros. O que desejamos é integrar o Brasil no Universo, libertando-se de um passadismo artificial, que não é o Passado de tradicionalismo fácil, que não é a Tradição. Tu, dentro da Igreja, acompanhado aliás de muitos dos acoiçados "futuristas", e, eu, fóra delia, na medida das minhas possibilidades, pretendemos, em verdade a mesma coisa. Não ha "envolvimentos" de especie alguma, da parte do nosso Graça Aranha. Com-

rosco estão pantheistas, como o autor da "Esthetica da Vida" e catholicos apostolicos romanos, como o sr. Renato Almeida. O que houve em tudo isso, foi a intriga dos fabricantes de rotulos, que estão com os seus quiabos parnasianos, os seus repolhos quinhentistas e o seu fiambre wagneriano completamente desmoralizados. Toda a arte moderna é uma volta á natureza, ás fórmãs livres da natureza.

Porventura, defender Reconte de Lille ou a Batalha de Salamina é defender o nosso Passado? Abaixo, pois, o virtuosismo, o copismo, o conformismo, o formismo, o sádemirandismo, o dicionarismo e mais abentêsmas que desfibraram as nossas energias, reduzindo-as a um jogo caprichoso e tolo. O futurismo é também passadismo. Morra o futurismo!

teu

Ronald de Carvalho.

fDo "Jornal" 29 de Janeiro 1924.

FUNCIONARIOS E DOUTORES

Faz-se ultimamente no Brasil intensa campanha contra funcionarios e doutores. Deu-lhe começo, ha tempos, "illustre parlamentar que por ter alcançado maior êxito na vida não precisou ser uma nem outra coisa".

Esta phrase é do *Jornal do Brasil*, num dos sensatos artigos de fundo que ali tem escripto o seu actual director, professor Annibal Freire, holnem de talento e de juizo.

Transcrevo-a, porque ella toca na questão do excesso de funcionarios e doutores no Brasil de uma maneira mais profunda do que a geralmente usada por jornalistas, oradores e commerciantes parlamentares á cata de assumpto ou de material para periodos redondos.

Ninguém contesta a existencia em nosso paiz dessa plethora de homens formados á procura das funcções publicas. E um facto social que precisa ser estudado nas suas origens, mas facto pelo qual o menos responsável é o funcionario ou o doutor.

Entra pela cabeça do mais chapado djs cretinos que nenhum rapaz são de corpo

e de espirito escolhe a carreira de amanuense, de official de secretaria ou qualquer carreira liberal mediocrementemente remunerada porque quer. Elie não escolhe. Aceita a imposição natural das circunstancias que o *obrigam* a ser doutor para poder, através da profissão, ou das vantagens inherentes ao titulo, ganhar a vida, isto é, o ordenado, o salario, os honorários, o que quer dizer comer, vestir, casar, etc.

Houvesse recursos no commercio, na industria, na lavoura offercidos ou não recusados que *compensassem* as vantagens do emprego publico ou da actividade liberal, e só reduzida minoria ficaria fiel á burocracia, ao "escritorio", ao "consultorio", etc. A verdade, porém, é que, salvo em S. Paulo, ou em certas zonas excepcionalmente ricas no Brasil, não ha como empregar-se um rapaz pobre de boa familia no commercio, na industria e na lavoura com esperanças de obter, mesmo á custa de trabalhos excessivos, salario remunerador e promessas de êxitos solidos.

Convém não esquecer que o desenvol-

vimento economico do Brasil é, á luz de todas as estatísticas, um dos mais lentos e precários do mundo. Parallelamente, o desenvolvimento da população do Brasil é, em proporção, um dos mais rápidos do mundo.

São raras as familias do interior, do norte, do centro e mesmo do sul do paiz, em que o numero de filhos machos não exceda de meia dúzia. Em geral um ou dois desses filhos ficam no engenho, na fazenda ou na C3sa de commercio ajudando o pai. Os outros têm que fazer os preparatórios e, ou procurarem pelo concurso nas repartições, o logar de telegraphista, funcionario do Thesouro, Alfândega, Correios, etc., ou se matricularem na academia para tentar, depois de rormados, a advoocacia, a medicina, a engenharia, a politica, ou o emprego publico de categoria mais elevada.

Encontrassem esses rapazes meios de ganhar a vida no commercio, na industria ou na lavoura, vida independente, galharda, exuberante e saudavel, e poucos seriam os que voluntariamente desejassem os aborrecimentos, os embaraços e as luctas da burocracia e das carreiras liberaes. Dos illusorios proveitos delias já os têm inteirado os irmãos mais velhos, cujas cartas, enviadas das capitaes aos pais que ficaram no interior, respiram tristeza, soffrimento e desanimo, são cheias dessa aspera melancolia que nasce da quebradeira.

Os moços brasileiros, que se dedicam ao commercio, á industria e á lavoura, são em geral pequena minoria levada por circumstancias excepcionaes propicias: ou a fortuna do pai assegurando capital inicial, ou a habitação em zona prospera, onde enxameiem as "ocasiões" ou ligações pelo casamento, com familias em condições de "ajudar", de adiantar capital, proporcionar os meios, ou qualquer causa inesperada, de excepção, sempre de excepção.

Conheço uma familia composta de gente viva, audaz, energica, gente da melhor formação ethnica e moral no Brasil. Filhos homens, nove. Os velhos vêm "gemendo" para formar a todos os nove: tres são já bacharéis em direito, um é officiai do exercito, outro cursa uma Faculdade de Direito, e os demais acabarão médi-

cos, engenheiros ou ainda advogados.

Appareça, porém, a essa gente meio de" se dedicar á industria, que mesmo os já-formados, não obstante se acharem em boa situação, abandonarão tudo pela industria.

O que acontece com esses se dá com todas as grandes familias brasileiras.

Os seus filhos procuram o funcçãoalismo e as profissões liberaes, porque não-têm outro geito. Dêem-lhes esse geito e só um resto é que ficará nesses misteres ingratos, áridos, dependentes e tristes.

Esse geito só lhes será dado quando a paiz tiver vida economica propria, activa, energica, pullulando em todos os cantos, vida onde circule a actividade em suas mil fôrmas attraentes, prendendo, em suas malhas, os moços que passam ávidos, desejosos de bem-estar, de conforto e de alegria.

Por emquanto, ao brasileiro pobre que tente a lavoura, o commercio, ou a industria está destinado a mesma sorte daquelle personagem de Lima Barreto, no seu *Polycarpo Quaresma*. Os que atacam funcionarios e doutores, sem saber o* que estão fazendo, leiam, primeiro, esse livro, em que o admiravel romancista descreveu as iniciativas frustradas do generoso idealizador da redempção do Brasil pela cultura da terra.

Aliás, tem o problema de excesso de funcçãoalismo do Brasil uma causa mais remota, e é a que assignalei, em discurso, na Camara, em 1916, e desenvolvi do *Grão de Areia*, capitulo — *As Instituições Politicas e d Meio Social no Brasil*.

"Se estudarmos o phenomeno do funcçãoalismo, que apresenta, no Brasil, o aspecto de um novo collectivismo, não so nhado pelos communistas, pois assenta no Thesouro publico, veremos que elle tem, a bem dizer, a sua origem na escravidão. Foi ella que, tornando abjecto o trabalho da terra, obrigou a encaminhar-se para os empregos do Estado os filhos dos homens livres, que não podiam ser senhores e que não queriam igualar-se aos escravos. Sendo o trabalho occupação de negros, mestiços e brancos, julgar-se-iam deshonrados nelle.

Quando não possuíam engenhos nem fazendas, e, como assignala Joaquim Nabuco no "Abolicionismo", não logravam,

por meio do casamento, vincular-se ás famílias proprietárias, que os levavam á politica, aos cargos da administração publica, á direcção do paiz, haviam de resignar-se ás carreiras obscuras de advogado da roça, n3s cidades do interior, magistrado mal remunerado, funcionario. em fim.

O bacharelismo foi o primeiro capitulo da burocracia. Delle é que nasceu essa irresistivel inclinação ao emprego publico, que o novo regimen não pôde conjurar, antes acorocou, poraue. não tendo creado o trabalho, nem a instrucção profissional, não pôde evitar que se dirigissem para os cargos públicos moços formados nas academias, inaptos á lavoura, ao commercio, aos officios technicos..”

O assumpto comporta outras explica-

ções e desenvolvimentos, que, como se está a ver, não cabem mais aqui.

”Somos funcionarios e doutores”, dizem muitos moços brasileiros.

”Em vez de nos atacarem por isso, que não é culpa nossa, dêem-nos os meios para deixarmos de o ser, que os aceitaremos com alegria.

”Verão, então, os que nos aggridem do alto da sua ignorancia ou da sua fortuna amparada pela força milagrosa do acaso, ou por outra qualquer causa, como saberemos trabalhar e enriquecer, dando da nossa capacidade, no terreno da actividade pratica, testemunhos iguaes aos que temos dado nos outros dominios da intelligencia, da coragem, do valor, sob todas as suas modalidades.”

Gilberto Amado

CO Paiz”, Rio).

NO MINHO

(VILLA DO CONDE)

O Minho, como aliás todo Portugal, é das regiões mais interessantes da Europa pela suggestiva combinação que oferece de historia, de arte e de natureza. Em Villa do Conde, por exemplo, onde estou passando algumas semanas, temos de um lado a linha ondulante da praia, com seus rochedos negros corrigindo a monotonia da areia branca, e do outro as curvas graciosas do rio Ave, despeitando no oceano suas aguas azues e correndo entre collinas escuras de pinheiras e valles cobertos de casaria entre vinhas e milharaes. A' borda do mar levantam-se um forte, hoje desmantelado e inoffensivo mas ainda imponente como elemento decorativo na sua massa de granito ennegrecida pelo tempo, a ermida alva de N. S. da Guia, padroeira dos navegantes em aguas que nem sempre são bonançosas, e um pequeno monumento em forma de obelisco que os tempo-raes se teem encarregado de ir corroendo e que commemora um dos incidentes da guerra civil entre absolutistas e liberaes. Villa do Conde fica situada entre a Po-voa de Varzim, terra de audazes pescadores, e Mindello, em cuja praia desembarcou a phalange de 7.500 homens tra-

zidos da Terceira e com que o Duque dr. Bragança, o nosso Imperador D. Pedro I, se abalançou a conquistar Portugal ás tropas de D. Miguel.

Sobre o rio Ave debruça-se do alto de um comoro a construcção grandiosa do convento de Santa Clara, fundado no século XIV, por I. Affonso Sanches, bas tardo do Rei D. Diniz, cujo tumulo, juntamente com o de sua esposa, se encontram numa capella lateral da igreja e constituem dous formosos especimens do estylo gothico que precedeu o manuelino. Do primitivo convento restam ruínas. Do claustro apenas subsiste a arcaria de um dos quatro lados. A igreja é a da fundação, mas com muitos acrescimos. A abobada da capella mór é gothica, já na transição para a architectura manuelina; outros trechos são deste estylo que se poderia denominar gothico ultraflorido; ha um púlpito de Renascença italiana da decadencia e retábulos em que se deu larga a imaginação ornamental do século XVII; outros altares são puramente século XVIII, com columna& salomonicas engraldadas de parras, e o orgão monumental é tudo quanto pode haver de mais estylo joanino, com sua riqueza de talha dourada á qual não faltam entretanto belleza e bom gosto na exe-



cução da obra, attenuando o que possa haver de superabundante no material posto á disposição do artista e no desenho de excessivo capricho decorativo.

Essa combinação de estylos é muito commum em Portugal. A própria igreja matriz, que data do anno do descobrimento do Brasil, portanto, da época manuelina, tem uma magnifica frontaria neste estylo portuguez, mas a torre, em que parece haver um regresso á tradição românica, é neo-classica, de transição do século XVII, o que quer dizer sem a pureza dos primitivos exemplares da Renascença. Deste periodo são documentos dignos de contemplação os tumulos hrazonados e opulentos de altos relevos que se encontram em Santa Clara: os dos fundadores, os dos seus netos. Condes de Cantanhede, e o da filha do Santo Condestavel que foi a primeira Duqueza de Bragança.

Além destes tumulos, o que a igreja do convento offerece de particularmente notável são os tectos artezoados de madeira, de bellissima talha, sem exaggeroi de ornatos. O do côro alto ou casa do capitulo passa por ser um dos mais formosos de Portugal e deve sel-o pelas proporções imponentes e ao mesmo tempo pela cuidada execução. Os tectos da igreja, que estavam recobertos de pintura, estão sendo limpos desde que o templo foi incorporado nos monumentos nacionaes, o de uma das capellas já se achando de todo restaurado. Pena é que a escassez dos recursos do erário não permitta recompôr mais a primitiva construcção e concertar o monumental aqueducto de 999 arcos com que, na tradição joanina, se trouxe agua dumal légua distante ao convento clarista, jorrando dos seios de uma sereia que adorna a ponte da cerca e enchendo a bacia da fonte do claustro.

Do fim do século XVIII data a fachada sobre o rio que empresta ainda ao edificio a sua grandiosidade. No topo da cimalha, Santa Clara apoia-se num elephante. Dizem que figura um elephante branco, como se sabe, de grande raridade. O que ainda não comprehendí é porquê lhe dão fóros de symbolo de castidad*. Escrevem os viajantes e naturalistas que se tem occupado desta familia zoologica

que o elephante é um animal pudibundo, mas não me consta que seja casto. A suggestão neste caso provirá da alvira do exemplar ou porventura das defesas de marfim, brancas e fortes, emblema assim "da força moral que resiste ás pihxocs". No convento, que agora ainda mais parece prisão com suas janellas de grades, acha-se estabelecida uma escola de correccão para menores em que sobretudo lhes são ensinados officios manuaes.

Villa do Conde conta grande numero de habitações apalaçadas em cujas ftontarias se ostentam brazões de familias nobres. Eram em avultado numero os morgados minhotos e foi sobretudo com fidalgos dentre Douro e Minho que se fez a primeira colonizaçã aristocrática de Pernambuco. Seus dependentes, já se não podia dizer então vassallos, porque a extensão e fortalecimento da autoridade real acabara com a organizaçã feudal e a todos fizera vassallos do rei, acompanharam a gente dalgo. Dahi a introducção e persistência entre nós de aspectos, de costumes, de tradições, de utensilios domésticos, de genuina ascendencia loca¹, podendo dizer-se da minha terra, uma vez que se leve em conta a differenciação produzida pelo clima e pelos elementos humanos diversos, o indigena e o africano, que é um Minho tropical. Lembro-me da impressã causada cm Eduardo Prado, a primeira vez que veio a Portugal, ha 35 annos ou mais, e em que juntos fizemos algumas excursões, por encontrar nos campos da Extremadura e do Alentejo instrumentos agricolas, processos de irrigaçã e outras reminiscências dos arabes, deixadas pela longa occupaçã bebere. A mesma impressã tenho eu tido agora no norte de Portugal. A natureza differe: a vegetaçã é a dos pinhaes e das vinhas de enforcado, mas o que se pôde dizer a paizagem social offerce quantidade de pontos de contacto.

Em Villa do Conde não ha, por exemplo, casa em que mulheres sentadas no chão, as pernas cruzadas, não tenham sobre o regaço o grande almofadão rjn\ os bilros pendentes. A mulher traba ha tanto quanto o homem. Este vae para o mar pescar* aquella toma o seu logar nos milharaes, "lavrando a terra, cuidando do gado, recolhendo algas na praia ou den-

tro das aguas, para adubos das terras. A que permanece na habitação faz rendas, como a cearense.

No desenvolvimento industrial que se observa em Portugal, varias das antigas industrias tradicionais teem renascido ou tomado incremento, a par das que teem sido introduzidas de novo. Em Villa do Conde havia as velhas características azenhas com suas grandes rodas de moer. Hoje, além de uma fabrica de moagem a vapor e de uma fabrica de lápis de escrever, ha uma fabrica de tecidos de algodão e está-se montando outra de sedas.

Como na Bélgica e na Bohemia, as rendas trabalham para revendedor* em larga escala, por ellas chamadas rendilheiras, as quaes mantêm officinas-escolas em que as profissionaes executam encomendas de maior valor e as raparigas aprendem o officio. Não sei se

Peniche, onde ha 50 annos chegaram a entregar-se ao fabrico de rendas mil mulheres, o desapparecimento da Sra. Dona Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que partilhava das grandes aptidões artisticas da sua familia, fez decahir essa industria de luxo que ella levantou no sentido ceoriental-a num melhor gosto e em superior mestria de execução. No Minho tal industria pôde dizer-se florescente apezar do adiantamento attingido noutros paizes pelos artefactos dessa natureza á machina, o que significa barateamento do producto. Os salarios em Portugal têm subido consideravelmente, mas ainda assim permitem a concurrencia, aiiás favorecida pela maior perfeição do producto puramente manual.

Julho de 1923.

Oliveira Lima.

(Jornal do Brasil, Rio)

O MACACO QUE SE FEZ MOMEM

(Sobre Monteiro)

Monteiro Lobato, o grande escriptor crioulo, antes de tudo é o caricaturista poderoso dos nossos hábitos. Vem dahi a distincção do seu regionalismo, singular, inconfundível. Não se filia, por exemplo, ao de Affonso Arinos, que com o sertanejo conviveu, com elle dormiu, sob as mesmas estrellas, no silencio nocturno, picado de pios tristonhos, com elle arroteou invias paragens, com elle sonhou. Em face do sertanejo, guarda o autor de "Pelo Sertão", uma attitude commovida, que affecta a mais intima communhão com o ambiente rudo. Monteiro Lobato é bem mais cioso da sua personalidade. Não se identifica jamais com os seus heroes. Antes, ao través das suas narrações, a cada momento entreouvem-se-lhe os cochichos de mófa, com que pontilha as praticas da terra, a cada momento lhe estão os olhos a brilhar de malícia.

Mais fácil fóra approximar a sua obra a obra de Euclides da Cunha, que ambas traem o mesmo animo critico de julgar. Na do primeiro, apparece-nos o individuo na sua acção quotidiana; na do segundo, de maior folego, elle apparece-

nos como expressão ethnica. E' a posição do escriptor e é a posição do sociologo. Ainda têm ambas o mesmo fim social de acordar os nossos cuidados com relação ao interior desconhecido, que não é apenas magestoso nas suas florestas e rios, sendo, também, doloroso no seu atrazo e nos vicios...

Mas, ainda aqui, o autor de "Urupês" mantêm, com valor, a sua physionomia própria. Euclides da Cunha não sabe rir. E' de uma gravidade que, si por vezes se desfaz, é para dar logar áquella ironia barbara que lhe conhecemos, ironia sem sorriso, ironia secca. E Monteiro Lobato ri, ri a bom rir, embora ao seu riso se misture algum amargor.

De Monteiro Lobato acaba de sair um novo livro de contos — "O macaco que se fez homem".

O macaco que se fez homem...

Não vos está a ferir a pontinha que ahi vae de desrespeito ao culto muito nosso desses titulos impertigados, adocicados? Mas não é caso de estranheza; de



muito que deveramos estar afeitos ao natural desabusado do creador do Jeca Tatu. Já o nosso lyrismo congênito, tão dos nossos gabos, que se desentranha, desde a loucura das cidades até ao mais humilde ranchinho de sapé, em redondilbas muito languidas e mais ou menos scepticas, delle tem merecido todas as irreverencias. Ninguém, como elle, tem tanta impiedade com os nossos preconceitos e superstições. Uns e outros penetra, e não teme trazer á baila, ruidosamente, o mais sagrado dos preconceitos, a mais sagrada das superstições.

Desde essa prova de talento e de audacia, que são os "Urupês", Monteiro Lobato entrou a ser, para mim, a figura roais viva d'entre os novos. Ha, no seu estylo, uma forte vibração individual. E, nas suas historias, não se sabe o que mais captiva: si a energia da imaginação, si a grande originalidade np arte de contar.

Monteiro Lobato é um representativo, na accepção conveniente da palavra. Nos seus contos, não é apenas o colorido, é a propria essencia delles que denuncia o ambiente onde se tramam. Scenario e personagem, o artista sabe casá-los de lai geito, que fôra impossivel separar um de outro, a menos que daquelle resultasse um borrão e que este figurasse de inverosimil fantoche. Entre os individuos e as coisas mutuos reflexos se estabelecem. Por isso, como que se aviva a intimidade entre o homem e a gleba. Já é tal tregeito de caule secco que lembra uma figura humana, já é tal imagem humana que se attribue a ura vegetal.

Os contos de Monteiro Lobato hão de ficar-me, por longo tempo ainda, gravados na memoria, tanto são différentes dessa literatura modorrenta, que dá enfermidade a todas as flocres e olheiras symbol'stas a todas as mulheres. Talhados com rudeza, e alguma vez até com brutalidade de estylo, elles são fortes, são vivissimos. Lê-los, é ter deante dos olhos, não o estylo, cujos cuidados com tanta frequencia levam a acção a encolher-se, mas a acção mesma, que se desenleia livremente, em atropelo, sem indecisões, nem tropeços. E' que Monteiro Lobato chegou, na narração, a uma naturalidade extrema.

E é que soube rir, ainda, das pragmaticas officiaes da linguagem, que não pasam, também, de innocente superstição. Monteiro Lobato foi avisado em entender que a grammatica que nos ensinam es livros, e particularmente os de lingua portuguzca, é uma grammatica morta, a que convém dar vida. E dá-se-lhe vida, tornando-a lógica, isto é, reconciliando-a, tanto quanto possivel, com o linguajar do povo, esse desattento discipulo, esse discipulo curioso, que, ao cabo, vae a ensinar aos pedagogos mesmos. Trata-se, é claro, não de destruir o que existe feito, sinão de crcar o que ainda não se fez, que é nada mais que fixar o que ameaça ser esquecido. Ora, Monteiro Lobato não faz contos só para gáudio da gente. Os seus contos cumprem destino mais elevado, qual seja o de registrar, em todos os seus aspectos, determinado momento da vida social interior. Não importa que o faça caricaturalmente. Isto bem que lhes dá mais relevo, e mais lhes denuncia a intenção.

Por taes motivos, é que lhe appetee a grammatica viva, essa que se sujeira, bem como os organismos, a leis vitaeas, essa que, em sumraa, é a grammatica legitima.

De resto, no autor de "Urupês" parece mais apurado o senso da verdade que o senso da belleza. Mas é licito ajuntar que a sua verdade é inteiriça, nella se contendo, em alternativas, o que na vida ha de sordido e ha de bello. Aspira que topamos, a cada passo, nas suas paginas, quadros de amovel pittoresco, cheios de frescura e de humidade, onde sobejam motivos para afirmar a vida. Scenas infantis, impregnadas do terror maravilhoso das creanças, tão frequen'es nos seus livros. Neste ultimo, ha a historia do "Camicêgo", onde brinca, com encanto, essas almas tontinhas.

Mesmo o homem, para Lobato, não é um ser mau, não é o temivel "lupus" do philosopho. E' apenas um ente infeliz, cujos gestos desconcertados o fazem, quicá, menos infeliz que ridiculo. Em "O macaco que se fez homem", agora é uni bre diabo que rebenta os miolos por ser honesto de mais, agora é outro que, por ser o melhor dos maridos, se julga ccni o direito de matar a mulher... Neste lº



vro, ha um conto, que cuido ser o melhor, vivamente colorido de tintas e de ironia, onde o homem apparece como nota destoante da harmonia universal, o "sustentado anarchico" da grande symphonia. Era elemento alheio aos planos do Creador. E tudo andava em paz sobre o orbe, "aqui bactéria e mastodante, alli musgo e baobá, além craca e baleia — a summa variedade de formas dentro da perfeita unidade de plano". Mas certo dia, eis cá de alto ramo um chimpanzé descuidoso, ferindo o craneo, numa pedra que em baixo havia, posta pela serpente. "Desd'essa quêda desastrada nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e elle se queixava de vágado e de estranho mal-estar."

"... Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreocupação e deu de elaborar uns mostrengozinhos informes, aos quaes, com algum esforço, caberia o nome de idéas. Vacillava, elle nuncá vacillára e agira sempre com os soberbos ímpetos do automatismo. Entre duas bananas, pateava na escolha, tomado de incompreensível indecisão e por vezes perdeu a ambas, illudido por mônos de bôte prompto, <jue nem vacillavam, nem escolhiam. Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, elle que antes da lesão nunca errara pulo. Até em suas relações sentimentaes com a velha companheira o chimpanzé variou. Ganho de malsãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e

emittia suspiros profundos"...

A lesão se fez intelligencia e o macaco se fez Adão. "Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguisse a Vida, tudo rigorosamente de accordo com a senha divina. Sô Adão discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa idéa. Gabriel parou perto delle e deixou-se ficar a observá-lo. Viu que Adão, de olhos ferrados numa toca de onça, "pensava": — EUa sae e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha..."

"... Nisto a onça deixou o antro e foi tocaiar uma veadinha. — Acompanha-me, disse Adão á companheira, e ambos se precipitaram para dentro da casa da onça, cuja porta fecharam com uma grande pedra roliça. E ficaram "donos".

Intelligencia... Intelligencia...

Como se vê destes simples fragmentos. Lobato não descae, com a publicação de "O macaco que se fez homem", da sua dignidade de grande "conteur". E' o mesmo pittoresco na expressão, a mesma mobilidade de enredo, a mesma viveza nos processos narrativos, a mesma graça emfim.

Nem rouba a frescura aos novos contos o caracter mais universal que têm quasi todos.

Pauto Arinos

(Correio do Povo).

O "CASO" DE CRUZ E SOUZA

Cruz e Souza tem sido glorificado, "estes últimos dias. E é commovente essa serie de artigos e commentarios, feitos em torno do nome deste poeta, por críticos das mais differentes cêres literarias. Cruz e Souza é realmente impressionante. Nascido numa senzala, filho de escravos. ^{CS}e homem chegou, entre combates atro ^{2CS}, a ser o chefe de uma escola de poetas. As fôrmas de belleza que cultivava ^{CS}pressionavam fundamentalmente os seus discípulos e admiradores. E algumas das mais interessantes intelligencias, que delie

se approximaram, ficaram para sempre marcadas pelo influxo do seu talento. Ao lado dessa seducção, com que dominava os amigos e companheiros de escola, despertava, nos escriptores e poetas de outros ideaes, irritações profundas. Ainda hoje ha em seus livros versos que são verdadeiras vergastadas: e em muitos dos seus sonetos, em muitos dos seus poemas, fulguram cóleras, que o dominaram deante de tal ou qual adversario.

Depois de tudo isso, uma infinita desventura no lar: a mulher louca, interna-

da num Hospício, o poeta vendo-se forçado a trabalhar como despachante de uma estrada de ferro, para obter a subsistência sua e dos seus, amargando ao mesmo tempo o desespero de ver que os seus filhos iriam ter uma sorte infeliz como fôra a sua própria. Esses sentimentos todos enchiam as paginas das poesias de Cruz e Souza que o sr. Nestor Victor acaba de dar á publicidade, commemorando o 25° anniversario da morte do poeta.

Mas eu não tratarei neste artigo de estudar a obra de Cruz e Souza. Depois de ter relido cuidadosamente todos os poemas e sonetos de Cruz e Souza, estou convencido de que este poeta deve ser estudado num ensaio completo. Através dos seus versos, poderemos mostrar primeiramente o que representa a rhetorica de Cruz e Souza, demonstrando como em todos os tres livros do poeta, se exceptuarmos talvez uma parte dos *Últimos Sonetos*, o que existe é somente o exagero da pompa verbal, terminando por irritar os nervos dos leitores coramuns; poderemos mostrar, também, como, numa geração preocupada com o pensamento, com a idéa, onde se destacava Raymundo Corrêa, onde se fazia adivinhar o Bilac da *Tarde*, Cruz e Souza não soube ou não pôde pensar; suas idéas mais bellas são systematicamente anti-scientificas; poderemos analysar, emfim, certas tendencias da alma do escriptor — um certo idealismo — já se fazendo adivinhar no soneto *Apparição*, dos *Broqueis*, para vir culminar em alguns dos mais formosos trabalhos dos *Últimos Sonetos*; um vivo pessimismo, diante da vida e diante de tudo; e, por ultimo, um certo poder de dramaticidade, que se encontra em poemas impressionantes, como o *Pandemonium*, a *Caveira*, etc. Mas eu não tentarei hoje fazer esse estudo. E unicamente desejo tratar de uma certa exaltação, de uma especie de embriaguez, que tem ultimamente despertado a figura de Cruz e Souza.

Não é de hoje que os discipulos e amigos de Cruz e Souza enxergam nelle um bello gênio. Esse gemo tem um desagradavel defeito: é mysterioso, é trancado aos homens normaes. Sômente podem percebê-lo inteiramente os espiritos, mais fe-

lizos ou mais agudos, que se acham numa predisposição especial para decifrar mysterios. Mas o "caso" de Cruz e Souza é facilmente explicável. Trata-se de um homem em quem predomina, com exclusão de qualquer outra, a faculdade verbal, tão commum nos brasileiros. Nos versos dos *Broqueis*, dos *Pharões* ou dos *Últimos Sonetos* descobrimos, a cada passo, jogos de palavras, assonancias propositaes, o desejo de buscar effectos inéditos, no brilho ou na sonoridade dos vocábulos. A cada passo, lemos versos como estes: "Vagas visões volupicas velozes", "pompas e pompas, pompas soberanas", "passa cantando, vae cantando e passa", "morta, já morta, muito morta, morta"; isso quando não e uma coisa mais grave: um alexandrino feito com a mesma palavra repetida seis vezes: "Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!", um decassylabo formado com um vocábulo que se repete até que o numero de syllabas esteja completo: "que vòa, vòa, vòa", "florescimentos e florescimentos", etc. E' claro que nada disso é comprehensivel.

Ha, porém, duas classes de gente que affirmam comprehender o sentido occulte desses versos todos: a primeira classe affirma por um puro sentimento de amor e de dedicação, constando de pessoas que foram amigas de Cruz e Souza, como o sr. Nestor Victor; e é natural e meimo nobre que taes pessoas procurem encontrar naquelle que chamam symbolicamente "o Poeta Negro", revelações bellas e transcendentas. Quanto á segunda classe, é composta de espiritos de uma predisposição especial para uma certa nebulosidade germanica, e essas pessoas naturalmente encontram profundas delicias nas musas complicadas. Esses dois grupos, que entendem ou affirmam que entendem *todo* Cruz e Souza (porque *algum* até eu próprio entendo), usam uma politica interessante: proclamam que Cruz e Souza é um poeta para as élites — e que todos quantos não o comprehendem são imbecis. Que resulta disso? Resulta um facto singularmente curioso. Em geral, os homens têm horror ao titulo de imbecil; e, postos no dilemma angustioso — ^{ou} comprehendem Cruz e Souza ou recebem esse titulo — preferem a primeira

das soluções. Resta uma classe de gente muito diminuta, que tem a coragem de confessar que ha certas coisas nestes versos absolutamente vedadas aos cerebros communs, muito embora essa confissão venha acarretar-lhe antipathias e titulos pouco gentis.

E' espantoso realmente: ha quem pretenda fazer de Cruz e Souza uma especie de religião literaria nacional! E um certo ar de solennidade e mysterio, tomado por algumas das pessoas que commentam a sua obra, indica que esse culto é levado muito a sério. Mais um pouco, e Cruz e Souza será para o Brasil uma especie do que é para a França Stendhal: isto é, um gênio mysterioso e profundo, de cujo influxo decorrem fôrmas de arte novas, novas e esplendidas manifestações de belleza. E talvez não falte muito que tenhamos os nossos *cruzistas* — como na França existem os *bycylistas* — encarregados de zelar piedosamente e interpretar, á luz de uma exegese especial, a turbulenta obra do poeta.

Desse chocante exaggero é que nos precizamos precaver. Reconhecemos todos que Cruz e Souza foi um alto e luminoso espirito; que através de mil e uma quedas, onde procurava inutilmente exprimir pensamentos que não existiam, seu estro conseguiu algumas vezes attingir á ternura daquellas estrellas de *brancas sonoridades*, de que elle proprio falava; re-

conheçamos que elle teve um alto espiritualismo, algumas vezes — tão raras... — approximando-se da torturante dôr de alma de Anthero do Quental, e também que em suas melhores horas soube falar com uma incomparável suavidade, como no sonto em que teve esse pensamento raro:

*O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade.. .*

Sim, reconheçamos tudo isso. Reconheçamos, se quizerem, que Cruz e Souza foi um grande poeta, um grande creador de symbolos, o maior dos symbolistas do nosso paiz. Mas, por Deus, não lhe tentemos dar essa grandeza de gênio, de martyr e de santo, que lhe têm empregado ultimamente. Sejamos justos — mas sejamos commedidos também. E sobretudo não queiramos transformar em mysteriões supremos, em verdadeiras revelações de uma religião nova, o que era apenas o violento verbalismo de um poeta dos tropicos, cheio de um excesso de luz, de esplendor, de côr e de paizagem, mas sem as qualidades, compensadoras desses excessos, de uma solida cultura e de uma bella faculdade de meditação.

Mucio Leão

(Correio da Manhã, Rio).

MELHOR E' RIR

(Do meu diário; 1923.)

ABRIL, 13 — Dia nefasto. Desde cedo me não tardam contrariedades. Tivesse eu a superstição romana, e inscreve—"o-ia Perto do de Allia ou proximo ao morticínio dos tresentos e seis Fabios.

Perfidamente antes do café, consegue Penetrar-me o quarto e a paciência fim álbum de marroquim com o sedição pedido de "qualquer cousa serve, duas linhas "Penas ou mesmo a simples assignatura". O álbum é uma calamidade nacional. Septuagenário, acreditava-me livre dessa epidemia cuja preferencia pela mocidade é explicável.

Saio para respirar meia hora a pr

Aborda-me á calçada a consequência dum "grêve" de lixeiros; consequência lógica: fedor. Fedor logico porque, quando diminuem os lixeiros, o lixo augmenta

Decidi ir respirar, sentado, qualquer emanação mais aromatica. Tomo bonde para o alto de S. Anna, o mais salubre dos arrabaldes da Paulicéa, mas sou immediatamente apresentado a funcionario do Saneamento, cujas cortesias se dilatam até que lhe eu pague a passagem. Preferindo minha companhia á delle, vo'to para o meu quarto e abro o *Jornal do Brasil* da vespera. Não tem artigo meu. Muito bem.

Supplicio mais cruel do que, num baile, ouvir ao piano tres filhas consecutivas-



da dona da casa, é reler o jornalista os seus proprios artigos. Quando, por exemplo, tendo escripto "multiplicados racionios", soletta elle "media todos racionios", o desespero quasi o apresenta candidato ao diluvio universal!

Ainda quando essa completa perturbação do sentido succedê em S. Paulo, onde escrever é monologar, e onde a imprensa, para o estrangeiro predominante, começa e acaba na secção commercial, o caso, passa-culpas, começa e acaba no proprio caso. Não assim lá no Rio de Janeiro, cerebro do paiz e hoje também de sua syntaxe, onde agora um erro de imprensa vale por dous: erro da revisão que não reviu e erro também do governo que lhe governou a publicidade.

Mas eu tenho de ler artigos dos outros, e sou dotado de resignação quando se trata de padecimentos alheios. Mobilio de expectativa o espirito. Vou compensa-lo dos dissabores do dia. Vou receber, e pelo ultimo correo, informações da patria presente; devem ser boas, óptimas talvez, pois segundo me dizem anda ella a festejar centenário de independencia e, gerida pela firma Republica & Cia., está provavelmente vestida como Rhéa Sylvia enquanto o foi, e pura como a agua da Carioca antes de canalizada.

Ora! Dia nefasto como o que mais o seja, o de hoje. Decididamente acordei com o pé esquerdo.

Mal desdubro o *Jornal do Brasil*, vai elle contando que a esperada Rhéa se fizera realissima ré: ré de desidia no exercicio de suas funcções federaes, estaduaes e municipaes; ré em vespas de perder o emprego de patria por incurta, perante a moral policiada, nas penas do artigo 238 do Codigo Penal. E assim articula em suas columnas editoriaes libello não contestado:

— "Porque tuberculosa, foi repellida da Santa Casa de Misericórdia uma moribunda pobre."

Santa Casa de Misericórdia? Não. Não é verdade. Houve três mentiras nessas quatro palavras.

Santa? A santidade exclue o peccado e inclue a innocencia, e o mais elementar critério recusa o qualificativo de innocente a quem, quando lhe a desgraça

pede um leito, prefere dar-lhe um em-purrão.

Casa? Mas era justamente o que a infeliz pedia e foi o que não obteve. Por muito favor a consentiram, na visinhança da porta principal.

Misericórdia? Pois sim! A misericórdia é tolerante, é sensata; concede, não impõe. Misericórdia intolerante é phenomeno tão inassimilavel como o de deputado sem subsidio. I) misericordioso responsabilizar alguém por tuberculose que não pediu nem desejou? Não está a sensatez a ensinar que, se essa desventurada mulher pudesse escolher a moléstia que a eliminaria dentre os seres vivos, necessariamente escolheria a velhice?

Triste? Triste, mas brasileiro e actual; engraçado, portanto. Melhor é rir.

— "Na rua Pertence, permanece ha um mez automovel quebrado, não se sabendo a quem eile pertence. Ninguém o reclama. Tem uma roda partida".

O facto é interessante e significativo. Desobedeceu, porém, a chronologia e não abundou de perspicacia quem o delatou a esse generoso orgão fluminense, que me acceita a collaboração não sei porque. O abandono estacionário da rua Pertence foi mas já não é: foi automovel, não é automovel. Automovel que não se move é como saldo orçamentário, inexistente até nas regiões da phantasia. Demais, torceu elle, o ex-automovel, a vocação: construido para correr, parou no meio da rua onde impede que a gente corra.

Falta-lhe gaz? Não tem direcção? Está mesmo quebrado? Mas que esplendida photographia administrativa! Que extravagante capitulo de nossa autonomia centenária!

Extravagante, sim, porém muito municipal. Melhor é rir.

— "No Estado do Paraná, que durante trinta e seis annos dos ominosos tempos teve vinte e sete presidentes, o cidadão Rocha reelegueu-se governador por unanimidade".

Que ha nisso senão harmonia do cargo com o sobrenome. E' dever duma rocha ficar firme; rochas em regra não mudam de lugar, especialmente se nelle se sentem á vontade com es rochedinhos que a natureza lhes proporcionou.

Nessas condições, e mais consultada a própria pessoa do que a indole do regimen, o administrador paranaense resolveu resolver o complicado problema do inquilinato: decidiu morar no governo. Seu ideal, respeitável como todos os ideaes sinceros, vê-se e não destoa da musica tocada pelas bandas em vigor, é substituir o "consolidemos as instituições" pelo "consolidemo-nos nas instituições." Inticpido programmal

Intrépido, mas excessivamente estadual. Melhor é rir.

— "Rubens, dez annos apenas, fardado, alumno do Collegio Militar de Barbacema, foi mettido num trem ferreo e remetido para a Avenida Central".

Ha evidentemente no amago desse facto um intuito educador com soffríveis evocações históricas. Viajar e aprender são proveitos inseparáveis. Quem disso duvidar esbarrará nas peregrinações orientaes e occidentaes de Pythagoras. nas romarias legisladoras de Lycurgo e Solon e, talvez, nos relativamente modernos passeios de Frederico Le Play, notorios e notáveis propagandistas da instrução andeja.

O que o mineiro instituto premeditou e que foi o projecto, em parte conseguido, de ir desde já habituando o joven Rubens aprender, viajando, as cousas e os homens; e bambem as mulheres, pois, atirado á Avenida Central e outras, poderia Rubens, curioso por ordem da natureza, reparar, embora friamente, nas meninas muito bem despidas que a frequentavam.

Observar-se-á que deveria o director de despedimento ter fornecido, ao futuro defensor da patria, no momento da partida, algum dinheiro para as primeiras despesas. Observação errada, porém. Acima do seu acerto apparente está o bellissimo designio militar que inspirou e effectuou

a remessa duma creança, sem comida, sem vintém, mas com a farda do exercito nacional, para o centro mais populoso e movimentado do paiz. Tratava-se, irretorquivelmente, de fortalecer-lhe corpo e alma, incitando-lhe a energia por meio do jejum, educando-lhe a altivez pelo pedido da esmola, para mais tarde, preparadissimo defender com êxito a integridade moral da geração do seu tempo e a integridade territorial da gloriosa terra brasileira!

Bem examinadas as circumstancias do caso, Rubens até lhes deve gratidão. / desgraça imerecida é o melhor dos ensaios para a lucha da existencia. Eleva a audaciã á altura do dever. No ultimo degrau do patíbulo, respondendo ao carasco que lhe perguntava o ultimo desejo, proferia Auguste Manette:

— Cuspir nesta sociedade que me não soube educar.

Penoso, penoso; mas melhor é rir.

Dia ruim. Desagradavel. Nefasto. Lendo-lhe a vespera tive de supportar, longamente e mais uma vez, essa obstinada ostentação de incoherencia que constitue, no Brasil hodierno, o ambiente intellectual tanto dos governantes como dos governados. Sociedade contradictoria!

Quer que eu acredite numa caridade que enxota a indigência moribunda, num municipalismo indifferente ao transitio publico, em eleições, em ensino official que está a pedir ensino, e contesta... quando lhe eu conto que em Sarapuhy, em 1874, a sogra do coadjutor da parochia tinha uma perúa vesga que punha ovos fritos uma vez por semana! Melhor é rir".

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil", Rio.)

SUAVIDADE DA LINGUA PORTUGUEZA

Si da linguagem em sua generalidade se diz que é a expressão do pensamento, a da linguagem portugueza fôra licito dizer que é a modulação do pensamento.

De todas as línguas que me têm sussurrado ao ouvido, não sei de nenhuma que

se vista de tanta harmonia e dulçor, que tanto forceje por aplinar as arestas dos sons e por avelludar a tonalidade das palavras do que esta doce linguagem que de Portugal se transplantou ao Brasw, a cujos sons se acalentou o meu somno

de infancia e cujo verbo me foi revelado pela bocca extremosa e santíssima de minha mãe.

Quem quer que, com isenção de animo, se dê a um estudo confrontativo da phonetica portugueza e da phonetica das linguas suas co-irmãs, filhas por igual do idioma do Lacio, concluirá que nenhuma (nem ainda aquella que se convencionou investir dos fóros de lingua official do canto e da musica, mercê dos maravilhosos surtos de arte do paiz de que é idioma), nenhuma curou tanto de ameiçar as palavras de attenuar a dicção, de polir as asperezas phonicas do que essa linguagem que, exsurdida do latim pedestre ou castrense, começou por ser a lingua dos bardos e trovadores, a lingua dos poetas erradios, a propria poesia, ou fosse a palavra musicada e rythmica.

Consoante e expressão do velho clássico "lingua é excellente, assim na suavidade da pronunção como na gravidade e composição das palavras; branda para, deleitar, grave para engrandecer efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, em que a pronunção não obriga a ferir o céu da bocca com aspereza nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo; suave para cantar, com um certo sentimento que favorece a musica".

Ao passo que o francez é lingua essencialmente nasal, em que as correntes aereas emissoras da articulação da palavra refluem mais para as fossas nasales do que para o âmbito buccal, e gutturaliza o *r*, tornando-o de ruidosa e aspera enunção, e possui o *u* dual, misto de *u* e *i*, cujos sons consorciados forçam á junção dos lábios ou semiocclusão da bocca; ao passo que o italiano padece de sons dúplices como *iché*, *dgé* e *isé*, na articulação dos quaes a corrente emissora gera um ruido chiado e trepidante, e prefere insular as vogaes consecutivas em hiatos frouxos a fundil-os em diphthongos como faz o portuguez, e, por influxo da lingua mãe, fere com estrepito a vogal final átona dos vocábulos graves, ou exdruxulos; ao passo que o hespanhol é copioso de sons duros e guttturaes, e de sons aspirados como o *;* do vocábulo *mujer*, — o portuguez foge, em sua prosodia, a tudo isso: as dicções esfolham-se

dos lábios como sons alados, líquidos, leves, claros, macios.

Fazendo convergir a accentuação para a syllaba tónica e pronunciando as demais quasi átonas; tendo operado, em maior escala que as suas co-irmãs o abrandamento das consoantes fortes latinas em ho morganicas fracas, a eliminação das consoantes intervocalicas (d'onde a profusão de diphthongos que a caracteriza, pois nenhuma outra lingua romanica os possui nem tão característicos), a diphthongação, do som nasal *om* em *ão* (diphthongo que é um verdadeiro idiotismo, pois nenhuma outra lingua o possui, e os estrangeiros, difficilmente conseguem reproduzil-o); tornando lingual o *r* guttural dos francos e germanos, tendo horror ás aspirações e aos sons dúplices, — o portuguez descencilhou-se de todas as asperezas e dissonâncias que pudessem afear-lhe a prosodia, muitas das quaes herdadas do germano, do provençal, do gallego e do hespanho*.

E) assim veio a constituir-se, no quadro das linguas romanicas, a de pronunção mais eustomica, a de fala mais branda e suave, a de vozes mais tenues e líquidas, aquella em que a palavra ou dicção se enuncia mais leve, mais subtil e mais alada...

Mas não é só a suavidade de pronunção que lhe aligeira e dulcifica a enunção: o seu admiravel systema de conjugação verbal e a basta cópia de sua suffixação.

A differenciação das desinencias verbales, geralmente distinctas na sonancia, caracteriza tão singularmente cada uma das pessoas que a simples enunção da desinencia determina por si a pessoa gramatical, a ponto de a ellipse do pronome sujeito constituir um de seus mais bell-s idiotismos e um de seus mais gratos encantos, que, entretanto, a nefasta influencia da contaminação franceza tem procurado turbar.

A variada e múltipla profusão de seus suffixos (de que nenhuma outra lingua é mais aparelhada e rica) permittelhe propagar indefinidamente o vocabulario (mantida em todos os cognatos a idéa fundamental expressa pela raiz*, resalvada a categoria gramatical de cada cognato por seu morphema proprio, —

e d'est'arte os vocábulos cognatos fAr-
mam verdadeiras constellações de pala-
vras, em que o centro do systema astral
é figurado pelo vocábulo primitivo ou vo-
cábulo patriarcha, em torno ao qual os
outros gravitam como satellites.

Mas, como a mulher formosa e faceira
que não se rende sem primeirj se deixar
requestar e cotejar, — a lingua portugue-
za retarda ao extrangeiro a assimilação e
retentiva de sua encantadora prosodia: im-
põe-lhe, como noviciado ou prova inicial,
desbatar primeiro o ouvido das asperzas
e dissonâncias de sua lingua aspirada, gut-
tural, ou nasal para, só então, permittir-lhe
apprehender e recolher-lhe os sons mavio-
sos e mellifluos, a principio vagos, diluí-
dos como échos de sons, como flóccos ou
farrapos de sons, depois encorporados, ves-
tidos de fôrma e de idéa, e, finalmente,
cheios, tímidos, tangíveis.

Uma vez treinado o ouvido em seu tra-
to diurno, uma vez fixada a sua fácies
prosodica, — a doce lingua penetra, como
um filtro magico, a alma do extrangeiro,
enlaça-a, sitia-a, enleva-a, e assim se torna
o primeiro passo á naturalização, o pri-
meiro impulso á adopção da terra como
Patria adoptiva, o élo incoercível que
prende e fixa o ádvna ao ambiente e ao
sólo, o grande factor, o máximo factor
da nacionalidade!

E' admiravel que, talado o nosso sólo,
"a época colonial, por hespanhões, fran-
cezes e hollandezes que chegaram a con-
stituir núcleos da respectiva nacionalida-
de, de que as guyanas são os últimos re-
manescentes; que, fomentada a immigra-
ção, após o advento da lei Áurea, de
italianos, allemães, polonios e hespanhoet,
— a lingua indígena tenha resistido a
'odas as tentativas de absorção no âm-
bito vastissimo de nosso immenso terri-
torio, mantendo inalteravel a sua physio-

nomia no Acre, no Amazonas, no Rio
Grande do Sul, em Matto Grosso, salvo
as differenciações decorrentes do clima e
do habitat. Ao passo que paizes de terri-
tório pequeno como a Bélgica, a Suissa,
a Hespanha tiveram quebrada a integri-
deda do idioma com a infiltração alie-
nígena (pois na Bélgica se fala o wallão,
o francez e o flamengo; na Suissa, o
francez, o allemão e o italiano; na Hes-
panha o castelhano, o catalão e o gallego),
— o Brasil, com o seu territorio dezenas
de vezes mais vasto, o Brasil, muito mais
exposto (dada a pouca, ou quasi nulla,
densidade de sua população,) ás tentati-
vas da infiltração e absorção exótica,
offerece o espectáculo quasi virgem da
integridade do idioma sobrepairando so-
berano e intangível acima da babel das
correntes avassaladoras alienigenas!

Não possuísse a lingua portugueza no
Brasil o admiravel condão de um encan-
tamento irresistível; não fosse ella, pela
magia de sua tonalidade, o verbo que fas-
cina e seduz, a musica orpheonica que
adormenta os sentidos numa especie de
hypnose empolgadora, não se infiltrasse
por ella, no Brasil (onde a sua enunciação
augmenta de mollicie e languidez, mercê
do clima tropical e dos factores ethnicos
do calcamento tupi e africano) o pro-
prio génio da terra, o nume das selvas,
o espirito dos rincões e socavões, o sopro
anímico de sua natureza estuante e ubér-
rima, — e ella não teria sido, como é,
como será, a grande força centripeta de
cohesão nacional, o grande factor da uni-
dade patria, o espirito maternal que en-
laça na mesma communhão de affectos e
destinos vinte e um Estados Federados!

CARLOS GOES

(Revista Mineira)

DRECHERET

Dentro de pouco tempo — talvez bem
Pouco — o que se chamou em Fevereiro
de 1922, em S. Paulo, a Semana de
Arte Moderna, marcará uma data me-
morável na desenvolvimento literário e
artístico do Brasil.

Esse ensaio, ingenuo e ousado, de rea-

ção contra o Mau Gosto, a Chapa, o
Já Visto, a Velharia, a Caduquice, o
Marcantilismo, obteve um resultado im-
previsto e retumbante. Assanhou o odio
dos philisteus, introduziu a duvida nos
espíritos de boa fé, e fez cair ás garga-
lhadas um publico triste e conselheiral.



Teve senões evidentes, e falhas inevitáveis em emprehendimento desse genero levado a effeito num meio acanhado e em cidade provinciana, apesar do concurso do bello contingente que o Rio nos enviou. Mas nelle soou, clara e vibrante, a nota do talento e da mocidade. A ella devemos o terem-se aberto, bem largas, as portas do Municipal, para uma rajada de ar puro que limpou o palco e corredores do theatro, ainda quentes do bafio rançoso das operas da Companhia Mocchi e do Coty suspeito das peças de monsieur Brulé. E, pela primeira vez, S. Paulo se interessou, com paixão, por um problema de arte; pela primeira vez em meio do nosso industrialismo, salitram as conversas do ramerrão das preocupações materiaes e da maledicência para o terreno das idéas geraes. A própria indignação dos adversarios, prolongando-se por mezes e mezes, foi um phenomeno animador, sendo uma das provas da existencia de forças latentes de reacção no nosso organismo social. Quem tanto odeia, não está longe de amar...

No entretanto, que estranho caso o desse publico moço, intelligente e apegado como um velho a um passado defunto! A explicação talvez seja de ordem mais geral e indique uma falha ou um vicio na própria vida intellectuai do paiz inteiro.

O Brasil, de facto, e por motivos que merecem maipr estudo,, sempre nos apparece em atraso de cincoenta a trinta annos, em todas as questões referentes á Arte e á Literatura. Quando as novas formulas, já gastas e esgotadas, desaparecem, ou se refugiam nos museus e bibliothecas da velha Europa, surgem ellas envelhecidas e fóra da moda nos nossos centros intellectuaes.

Todo o romantismo descabellado da geração de Castro Alves — de influencia tão perniciososa na formação do espirito brasileiro — desconheceu o "frisson nouveau" da poesia baudelaireana; o symbolismo de Verlaine e Mallarmé, o neo romantismo de Rimbaud (de onde sae todo o movimento poético moderno) quasi nenhum vestigio deixaram na literatura patria.

Os nossos poetas crystallisaram-se numa curiosa mistura de romantismo e parnasianismo, que produziu, é, certo, um

grupo de primeira ordem como a de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Bilac, mas que já destóa na evolução moderna, como destoava no período romântico uma tragedia classica ou uma ode anachreontica.

No romance, só trinta annos depois da publicação de "Madame Bovary" appareceram entre nós os primeiro^ ensaios do naturalismo, e em toda a litteratura brasileira da ultima metade do século XIX, nem uma vez se citam os nomes de Stendhal, Balzac e Flaubert, que são os grandes mestres latinos e as fontes inesgotáveis do genero.

E' inútil falar na pintura, na escultura e na musica. Ahi o nosso atraso foi — e é — secular e a nossa indigência insondável. Ficámos nas operas de Carlos Gomes, de um italianismo de reallejo, que totalmente ignorou a inspiração social e folklorica da nossa ethnographia, — e nas estatuas de Bernardelli, que faz parte, ha mais de trinta annos, de uma olygarchia artistica, tão deprimente e vergonhosa, numa terra livre como a dos tyrannetes da politica. Na pintura os esforços de Victor Meirelles e Pedro Américo, dois, grandes artistas explorando um genero bem chamado historico — basta uma visita ao "Salon" annual do Rio para se ter uma idéa da nossa pobreza artistica. Só agora, alguns innovadores descobriram o impressionismo Je Monet, Bonnard e Vuillard, como as maio recentes expressões da belleza — quando para ellas já se abriram, em consagrações officiaes, os museus mais conservadores dos velhos paizes.

A Semana de Arte veiu revelar a? deserto do nosso mundo lunar que urra nova modalidade dtf pensamento surgira como uma grande Renascença moderna. Com ella apparece entre nós, o sentimento de inquietação e independência que é caracteristico da nova feição do espirito humano. O mundo já está cansado das formulas do passado; em toda a parte, em todos os terrenos — na esthetica da rua, no annuncio, nos reclames, nos jornaes illustrados, nas gravuras, na mobília, na moda — com uma alegria iconoclasta e juvenil se quebram os antigos moldes e desaparecem as velhas regras, pesadas como guilhões. Politica, Arte, Literatura, Sciencia, Philosophia —



todo o esforço humano — soffre dessa radical transformação do ideal, em que se exerce, de maneira tão luminosa, a sensibilidade livre e individual dos homens de hoje. Nunca, desde a Edade Média, se viu tão esplendida manifestação collectiva. Um vento másculo de revolta e renovação sacode e abala o antigo arcabouço das civilizações classicas. A regra será — diz Maurice Raynal — abusar da liberdade, mesmo para errar.. Ainda é o melhor meio para atingir o fim desejado.

Só ahi, como sombras estranhas era meio do esplendor da nossa, terra, ainda vivem, e dominam, os personagens anachronicos que são o poeta parnasiano, o escriptor naturalista, o pintor anecdótico, o musico de opera, e o politico — feição "liberal do Porto" — acreditando nas leis da velha Economia Politica.

A Semana de Arte foi o primeiro protesto collectivo que se ergueu no Brasil contra esses fantoches do passado. Graças aos seus ataques irreverentes — de um delicioso exaggero — á virulência das suas invectivas, muito livro de versos de rima rica e idéa pobre, deixou de apparecer em publico; muito quadro fugiu para outros amadores ignaros de plagas mais remotas, e muita caduquice rabugenta voltou amedrontada para o «lencio e incenso das capelinhas. Assim iniciou o grupo da Arte Moderna a obra de saneamento intellectual de que tanto precisamos.

Nessa manifestação de mocidade e independência, de talento e audacia, ninguém mostrou mais probidade artistica, mas chamma sagrada, mais maestria na tecnica do que o escultor paulista Victor Brecheret. Os seus trabalhos expostos no vestibulo do teatro de S. Paulo Já tinham a serenidade definitiva de obras de museu, e impunham respeito e admiração, mesmo aos mais indifferentes ou hostis.

O soberbo monumento aos "Bandeirantes" a massa imponente do seu "Genio" criador e submisso como uma força da Natureza domada, a graça alada e sinuosa das "Dansarinas", a alvidez da Magnifica cabeça de "Nubio" — fornucavam um conjunto, digno das melhores exhibições de arte na Europa. Pariz aca-

ba agora de o consagrar grande artista; Brecheret, na escultura, foi o triumphador do "salon d'Automne", deste anno. A gloria e a fama, indiscretas e teimosas como mulheres, souberam descobri-lo na nobre pobreza do seu atelier de operário perdido nesta immensa cidade, implacável e justiceira. Para tiral-o do anonymato de artista estrangeiro e desconhecido bastará o "Salon" deste fim de anno.

A obra exposta representa um grupo de quatro figuras de mulheres chorando com a "Mater Dolorosa" o corpo inanimado do Christo. O assumpto e a collocação foram impostas pelos organizadores do Salon. Vencedor num concurso preliminar em que figuraram 60 escultores parizienses, Brecheret teve de limitar a execução da sua obra a um espaço de 60 centímetros de largura e 4 metros de comprimento. Os criticos salientaram esse "tour de force", comparando-o Thiébaud-Sisson, do "Temps", ao processo decorativo dos artistas da Edade Média que tão harmoniosamente sabiam subordinar as suas esculturas ao conjunto architectonico que as rodeava.

Brecheret, porém, não imita nem copia os mestres do passado; é moderno na concepção e na execução. O escultor não pertence a nenhuma escola em "ismo" e da sua imaginação criadora bream espontanea e ingenuamente as formas plasticas do seu sonho, A serenidade hieratica das personagens, a graça discreta das figuras, de uma frescura de "primitivo", a poesia das mãos espalmadas, caridosas e plangentes, a curva perfeita, da primeira das mulheres até os pés longos e finos que terminam o grupo — dão á obra do nosso escultor um encanto e um sentimento que empolgaram a critica pariziense e o publico do "Salon".

Ao ver tanta admiração e curiosidade em torno dessa obra de arte — mais do que nas propagandas estipendiadas, nas reclamaes das agencias telegraphicas, nos banquetes officiaes, e nas embaixadas, mais ou menos de ouro — tem-se a visão de que um povo vivo e moço, surge do outro lado do Atlantico. E' a melhor e mais intelligente informação sobre o que vae ser o Brasil moderno.



Ha neste momento em Pariz outros artistas e escriptores brasileiros — do mais alto valor — empenhados na patriótica campanha de reabilitação de um paiz, em geral conhecido unicamente como a terra pittoresca do Pão de Assucar e do café. Vivem elles ainda nessa sombra onde se preparam os dominadores futuros da cidade incomparável; surgirão repentinamente, como Brecheret, numa onda de popularidade, ou pelo lento trabalho dos perseverantes e illuminados que ignoram a impaciência. Que apoio lhes dá a patria longínqua e indifférente? Viveremos sempre, em matéria de arte e literatura, nesse periodo colonial em que o estrangeiro adventicio nos domina e explora, como o conquistador primitivo seduzia os morubixabas indigenas com as suas bugigangas de pacotilha?

A obra prima de Brecheret não deve ficar exilada na Europa; ha de haver no Brasil, ao lado das obras de fancaria dos italianos, francezes e hespanhoes de exportação, um lugar de honra para o trabalho de um patricio. S. Paulo, pela

sua historia e por suas tradições, já não é simplesmente um terreiro, um armazém ou uma fabrica; aos povos, como aos individuos, o fardo pesado da riqueza impõe nas terras cultas, deveres e obrigações. Os mais repugnantes novos-ricos de Chicago ou Buenos Aires consignam nos seus orçamentos verbas cada dia maiores para as despesas de caracter intellectual ou artistico: assim se estabelece a harmonia entre os progressos materiaes e o que Renan chamava o culto do Ideal.

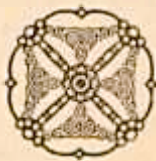
O governo de S. Paulo modestamente subvenciona a estada de Brecheret na Europa, como se fosse um tenor protegido da politica, ou uma menina pianista. E' preciso completar esse acto louvável, adquirindo para nossa Pinacotheca, ou para nossa Cathedral, a "Mater Dolorosa" do esculptor paulista.

Por esse gesto intelligente dos nossos governantes, muito lhes será perdoado.

Pariz, Dezembro.

(Estado de S. Paulo).

Paulo Prado.





DEBATES E PESQUIZAS

MIGUEL COUTO

Confissões de um grão-mestre

A calva de Miguel Couto é o espelho venerando onde se miraram vinte e cinco bandos de doutores, durante vinte e cinco annos de magistério.

Um acontecimento dessa natureza, qu? na carunchosa Europa ou na Asia dos Confucios é o "ram-ram" dos ambientes universitários, aqui, entre os americanos livres da livre America, é a realização de um "raid" phenomenal, que assume, perante a instabilidade tropicalissima de nossa anarchia didactica, as proporções de um patriarchado biblico.

Passível de antagonismos doutrinários, mas inacessível á discussão da personalidade sob o ponto de vista global, a figura de Miguel Couto é, nesta hora que passa, um marco irremovível na historia da medicina brasileira.

Teria elle fundado uma escola?

Para respondermos com precisão a esse quesito, resolvemos importunar o grande medico, quando, empalhado uma casaca hebdomadaria, encerrava na Academia Nacional de Medicina, a secção a que presidira.

— Poderia o professor conceder-nos algumas palavras sobre sua vida didactica?

— Miguel Couto sorriu por baixo daquella bigodeira untada de bondade, e falou-nos:

— Eu estou inteiramente ás ordens GO meu caro amigo, mas não sei ST a minha memoria estará igualmente ás minhas ordens.

— Mas si o professor não puder de prompto concatenar suas memorias, amadurecidas de vinte e cinco annos, fará um grande obsequio si se dignar marcar-nos uma outra entrevista, após haver consultado as annotações de seu diário. Com certeza o mestre tem annotado, por escripto tudo quanto de interessante se haja passado neste quarto de século de universidade.

— Perdão, mas eu nunca escrevi coisa alguma, das que me impressionaram. Algum ligeiro volume, saído do pre:co com o meu nome é mera obra de gentileza para com os meus contemporâneos, que me investem nos vários departamentos da immortalidade, obrigando-me a gravar em letra de fôrma não as minhas idéas, mas uma phase das minhas idéas.

— Então é o professor contrario ao tratadismo?

Miguel Couto sorriu, mas agora ja não foi por baixo do bigode; foi do fundo



daquellas olheiras universaes onde se em-
buçam todos os segredos do magnetis-
mo social; sorriu e respondeu.

— Eu não conheço essa funeção —
ser contra —; todavia, tenho procurada
ser a favor da tradição verbal. A pala-
vra falada muito mais plastica do que
a escripta, tem a grande vantagem de
satisfazer á verdade de cada tempo e em
todos os tempos.

E' a mesma natureza que nos ensina
essa noção quando nos concede meca-
nismo orgânico de phonação articulada,
deixando a nossa imaginativa o traba-
lho artificial de convencionar e inter-
pretar caracteres.

A tradição verbal é muito mais vi-
talizante e conservadora do que o regis-
tro graphico.

— Mas porque assim pensa o mes-
tre?

Desta vez Miguel Couto não sorria e
continuou:

— Por uma razão muito simples e
imuito forte. A cada momento que de-
corre na vertigem do tempo o cerebro
humano occupa um logar differente na
amplitude do espaço; o phosphoro que
se comburiu para lêr o jornal do ma-
nhã, provém da lagosta que se comeu
ao jantar na vespera; para lêr os jornaes
da noite já se recorre, ao omelette do
almoço; ora, lagosta está para o orne-
lette, como Troussan está para Macken-
zie e como Ticho-Brahe está para Fla-
manou.

Quando eu, ha 30 annos fugia ao
"miasma"* do Rio da Joanna, não podia
suspeitar de um pernilongo suburbano
que me vinha morder com muito mais
piedade do que as damas da Cruz-cor-
de-burroquando-foge; Entretanto, hoje,
já existe quem mande suffocar na sub-
vida de uma enxovia asseida, o tu-
berculoso que, a meu conselho procurou
saturar o boffe com todos os oxygenios
da Natureza.

"Tout passe, tout casse, tout lasse",
dizia o sr. Adrien mesmo antes de ser
Delpêche.

E o amigo já teve occasião de ma-
nifestar-se a este respeito em um de
seus livros.

Quando Jeovah houve por bem pro-
mular aqueJla sabia constituição que

foi o decálogo, teve o cuidado de gra-
var, sobre as taboas de Moysés, apenas
os números de ordem, dos mandamentos;
quanto ao enunciado dos artigos, que os
fosse arranjando a humanidade a seu bel
prazer.

Felizmente o Decálogo até hoje vem im-
pondo condições da mais lógica moral.

— Com que então o mestre julga que
escrever é contrair para com a poste-
ridade o compromisso de manter o mes-
mo modo de pensar, o que é absolu-
tamente incompativel com as leis da evo-
lução e do progresso?

— Nem mais nem menos.

Imagine o amigo que fossemos guar-
dar fidelidade ás nossas primeiras ma-
nifestações da inteÜigencia; que succede-
ria? Apenas isto. O dr. Lauro Muller a
passar em plena avenida, de chupeta
æ beicho, babador ao collo, comprando
lembrigueiros para curar as suas en-
xaquecas quinzeaes.

— E no que respeito, ao critério de
examinado, como pensa o mestre.

— Em principio, começo por não pen-
sar; chega a hora da bomba, o cama-
rada está cru', mas eu me lembro de
que Hypocrates também não conhecia as
cadeias lateraes de Erlich e... deixo o
passar.

Banca que eu presida é um arco de
triumpho aos doutos e uma cancella
magnanina aos doutores.

— Que pensa o mestre da falibidade
da sciencia.

— Si eu fosse, pensar sobre tudo que
o amigo pergunta acabaria falando so-
sinho. Creio que a funeção do medico
não é curar, e sim retardar a hora da
morte ou fazer morrer mais de vagar.
O termo "medico" nenhuma analogia tem
com a vida ou com a saúde; o medico é
justamente o único elemento social que
tem o direito de attestar obitos. E' o
que se dá com o sacerdote, esse santo
homem que, soccorre aos moribundos,
aos doentes já desenganados; e apesar
disso continua a ser o "cura".

Quando recuperei os sentidos, dei de
cara com o leitor furibundo, amarrotan-
do entre as mãos coléricas o exemplar
desta folha.

Mendes Fradique.

"O Jornal", Rio.



A INFLUENCIA DA ELECTRICIDADE ATMOSFERICA SOBRE OS ORGANISMOS

Além da electricidade que se produz nas cidades e que actua sobre os organismos, a natureza se encarregou do fazer-nos respirar constantemente em uma atmosfera intensamente electrica.

Em todas as regiões do globo terrestre, existe, normalmente, entre a atmosfera e o sólo, uma differença tal de potencias que, em geral, a terra se encontra negativamente eletrizada. Essa differença em termo médio, é de 400 a 500 volts, por metro, em altura. E' fácil de se comprehender o alcance dessa situação, bastando recordar que, em Paris, as lampadas electricas, são accesas pela manutenção, entre seus polos, de uma differença de uma centena de volts.

A atmosfera está constantemente atravessada, de cima abaixo, por uma corrente electrica. Por metro quadrado de superficie terrestre, a intensidade é fraca, devido a ser o ar muito máo conductor da electricidade.

Quando, porém, uma depressão atmospherica, violentamente, approxima duas massas de ar, ou de nuvens que contenham differenças de potencias num certo numero de milhares de volts, a despeito da reslstencia ambiente, a tensão eléctrica é tão poderosa que produz descargas formidáveis. E' a produção do relampago, com estrondo. A cólera de Júpiter não toma nisso, a menor parte, como se acreditava entre os antigos. Se Perdurasse essa crença, haveria a difficuldade de explicar porque Júpiter se mostra mais irascivel no verão do que no inverno.

Não ha quem não haja notado que nos dias tempestuosos, é muito mais intenso o estado nervoso de certas pessoas — principalmente mulheres — e de certos animaes, principalmente os gatos. E' muito provável que o nosso systema nervoso se sinta mais ou menos excitado Pelo banho de electricidade estatica em Hue nos mergulha a atmosfera, banhj Permanente, cujos fluxos e refluxos só^{sc} fazem sentir com as tempestades. Esse banho varia muito e os electro-metros adijam que, em um mesmo local, a

tensão electrica do ar muda frequentemente de intensidade e de direcção.

Os effeites da electricidade estatica são muito conhecidos dos scientists e produzem, durante as tempestades, manifestações de alta frequencia.

Em summa: os phenomenos electricos têm acção directriz em nossa, existência, em nossa saúde, em nosso proprio caracter.

E' fóra de duvida que o homem de sciencia que estudasse systematicamente esses phenomenos, seguindo o caminho, outr'ora aberto por Assouval, faria formosa colheita de úteis descobertas.

São muitos já, aliás, os sábios convencidos dessa verdade, principalmente René Quintoir, que propoz um plano de estudo a respeito. Não será difficil vermos uni apaixonado de estatistica procurando encontrar a relação precisa que ligue ao potencial, eléctrico do ar, enr. determinado logar e a determinada hora, com o crime praticado.

Não será também impossivel vermos o scientist a conduzir, às casas, onde seja convidado para comer, um electro-metro, afim de estabelecer a lei, ainda desconhecida, mas certa, que determine a irascibilidade do amphitryão, em funecção de seu temperamento, a leveza de seu espirito, ou o peso de seu aphorismos, relativamente aos "ions" do ar respirado em torno á mesa.

No dia em que essa nova sciencia fique estabelecida, no dia em que se hajam bem definido os factores electricos de nossos estados de animo, o mundo terá conseguido um extraordinário progresso. O principal elemento, na vida será o "electrometrista" atmospherico. Quando GS agulhas de ouro de seu electroscopio se mantenham muito separadas, além de determinado angulo, mandará que cessem os debates parlamentares. Desde que a "ionnização" do ar não exceda o limite préviamente fixado, poder-se-á permittir que os diplomatas continuem, no ocio internacional. Terá então, chegado a idade de ouro para a humanidade.

Charles Nordmann.



A SYPHILIS

Pela importancia que tem para a população, não podemos deixar de reproduzir aqui, a comunicação levada á Academia de Medicina de Paris, na sessão de 17 de Abril ultimo, por Letulle.

Aqui, infelizmente, é grande o numero de casos como sendo de tuberculose pulmonar; o que dá logar a perda de preciosas existencias que se pdderiam facilmente salvar com o tratamento anti syphilitico feito em tempo.

O professor Letulle disse que "se a syphilis pulmonar é bem conhecida sob o ponto de vista anatomo-pathologico, depois dos trabalhos de Lialzer, Darier, Tripier, Bcriel (e podia mesmo ter começado por Witchow: 1858), pelo contrario sob o ponto de vista, clinico merece pouca importancia por parte da maioria dos médicos que chega a por-lhe em duvida a authenticidade!"

Tem razão o professor Letulle. O que elle disse lá, podia muito bem dizer-se aqui.

Um dos maiores males do medico, é o costume. Do costume sáe a idéa preconcebida, que dá, por sua vez, um julgamento falso: E' o diagnostico errado.

O medico acostumado a pensar, por exemplo, que a tosse, a massicez da percussão do pulmão, o escarro sanguíneo, a hemoptyse, são phenomenos que se encontram, o mais das vezes, na tuberculose pulmonar, é incapaz de pensar, que esses mesmos phenomenos se possam encontrar em outra doenças do pulmão. E o rotulo de "tuberculoso" é applicado, muitas vezes, a um syphilitico, ao portador de uma blastomycose, etc. E com a depressão moral que um tal erro diagnostico produz, o paciente, que não era tuberculoso, acaba sendo-o!

E é preciso accrescentar que não são só os pequenos médicos que cahem nesse erro fatal. Temos visto mesmo alguns grandes espiritos. Aqui morreu, ha annos, um grande medico, que era, ao mesmo tempo, professor illustre, e um verdadeiro luminar da sciencia medica, ar qual o actor destas linhas deve muito do pouco que sabe. Esse homem eminente, preferiu um diagnostico terrivel, pre-

feriu o diagnostico de câncer maligno aj diagnostico da syphiüs pulmonar! Nas admittiu a existência da syphiüs até a hora da morte! E, entretanto, elle tinha syphiüs. Tinha tido exame de sangue "fortemente positivo", em Berlim. Dous ou tres proiessoesi da Universidade daquella capital, que o haviam examinado por causa de uma neurastenia, tinham sido unanimes no diagnostico.

Mas esse diagnostico o indignára, c quando nos encontramos em Paris, o referia nestes termos amargosos:

— São uns brutos! Quando chegam a ser *Herrn professor* julgam-se tudo. "Obrigaram-me" a fazer exame de sangue. E deu — fortemente positivo... Ha de ser engano!

Esse exemplo servirá para dar uma idéa do que se passa na vida pratica da Medicina, a respeito do diagnostico das doenças pulmonares. Entretanto, os antigos, sem microscopio, sem reacção de Wassermann, diagnosticavam admiravelmente a syphiüs do pulmão. Basta, dizer que, sendo para elles a syphilis uma doença nova, pois fora importada da America pelos companheiros de Colombo, em 1494, já no anno de 1500 se conheciam os seus estragos sobre o pulmão! Parece que elles eram mais observadores do que nós.

Pancritus, segundo Fournier, em sua monographia sobre a syphilis pulmonar, diz que é preciso dividir a historia dessas affecções syphiüticas em dous períodos: 1.º, de 1500 a 1800, isto é, de Paracelso a Laennec; 2.º, de Wirchow (1858) aos nossos dias.

Temos noticias de que os primeiros casos positivos de syphilis pulmonar, verificados pela autopsia, datam do século XVII e se devem a Severino e a Grafenberg; mas, antes disso, desde 1500, Paracelso, Peter Pinctor (1500), faltavam de "Physica venerea", de "Physica syphilitica", de "tabes venerea", <f "phtisis gallica", etc. Está claro Q^{uc} a syphilis pulmonar é tão antiga como * própria syphilis.

Wirchow foi o primeiro a estudar ³



syphilis pulmonar da creança sob a luz hodierna, da anatomia pathologica, denominando-a "Pneumonia branca". Em 1869, se refere, embora com reserva, também a syphilis pulmonar do adulto no seu tratado sobre os tumores.

Como se pôde differenciar a syphilis da tuberculose?

Fournier quer fazer esta distincção entre syphilis e tuberculose pulmonares: 1.º — a tuberculose começa intoxicando o organismo, dando logar, por exemplo, a anemia, ao passo que a syphilis não se dá. Isso pôde ser verdade nos paizes frios, aqui a anemia syphilitica é observada muitissimas vezes; 2.º — o augmento de volume dos gânglios, produzindo a compressão do pneumogastico, da logar 't tosse coqueluchoide, a tachycardia, as perturbações gastricas, etc., na tuberculose, e affirma que na syphilis isso não se dá. Esta affirmação era licita no tempo de Fournier. Hoje, com os raios X sabemos perfeitamente que os gânglios do hilo do pulmão tanto se hypertrophiam na tuberculose, quasi como na syphilis. Se differença ha, ousamos affirmar-o mesmo contra o grande Mestre da Syphiligraphia, essas differenças não estão nem na anemia e nem nos gânglios. E' no estado geral que ellas se notam.

Um observador minucioso, (e não basta só ser minucioso, é preciso também que veja o doente muitas vezes!) raramente deixará de notar no tuberculoso um "caso" mais grave. Com as palavras difficilmente se pôde pintar essa differença. E' um conjuncto, porem, que falia por si a quem sabe olhar e sabe entender. O tuberculoso tem os olhos mais profundos e mais brilhantes, o cabelo parece mais escuro e quasi sempre húmido, o rosto apresenta um descoramento que contrasta com o pouco de vermelho que tem nas maçãs. A sua palavra é mais lenta, a mão é mais quente. As orelhas transparentes, voz fraca e cavernosa. Quando tosse leva, instinctivamente a mão a boca, muitas vezes engole o escarro e é um optimista: Diz sempre que está melhor!

O syphilitico tem o olhar mais ou menos normal, o cabelo... pode até faltar! E' sabido que o cabelo cêe mais na

syphilis do que na tuberculose. O rosto apresenta uma côr mais ou menos uniforme, sem o contraste do rubor das maçãs. Quando escarra faz mais barulho do que o tuberculoso: tem mais força. Falia mais alto. E é antes pessimista do que optimista. Diz que melhorou pouco, ou quasi nada. De quando em vez, vem-lhe verdadeiras crises de desanimo, julga estar peor. Tem sempre medo de ser tuberculoso!

Ha, ainda, os vários exames de laboratorio que hoje tornariam o engano quasi impossivel... se o medico se lembrasse de os mandar fazer. E* a possibilidade de se tratar de um caso de syphilis pulmonar e não de tuberculose, que não lbe entre na cabeça! E' isso, justamente, o que Letulle lamenta:

Esse professor apresentou á Academia a photographia colorida um caso analytico de syphilis pulmonar, de fôrma esclero-gommosa. Ha nellas lesões folliculares, gomas, invadindo os lobulos pulmonares. Outras são mais extensas e invadem também os septos; outras o são ainda mais e attingem os bronchios, destruíram as fibras elasticas e determinaram uma verdadeira bronchopathia isolada. Os bronchios intralobulares e acinosos se acham obliterados; outros bronchios se acham dilatados e ulcerados, mas com lesão do pulmão, sob a fôrma de broncho-pneumonia. Adeante se vê uma caverna, como as da tuberculose!

Todo doente do peito, no qual não se encontrou ainda o bacillo de Koch (e não são poucos esses casos!) devia ser collocado sob o ponto de interrogação de uma possivel syphilis pulmonar. Salvar-se-iam, dess'arte muitas vidas. E foi assim que, quando director do Hospital do Isolamento de Nictheroy, salvamos a vida de alguns infelizes, que nos eram mandados do Hospital de São Baptista como tuberculosos em "ultimo gráo"! — Um delles é carroceiro da Prefeitura de Nictheroy, vive, trabalha ha dez annos e ainda nos visita, dando provas de sua gratidão, sempre que pôde.

Deve a vida a umas 60 injeccões de mercúrio!

Dr. Nicolau Ciancio

("Jornal do Brasil", Rio).

jj





CURIOSIDADES

UM ANIMAL ESTRANHO

— De certo você sonhou.

— Ora sonhei, compadre! Se te digo que vi! Verdade que não pude divulgar o que era, porque uma coisa me atrapalhou a vista. Eu estava sentado aqui, á porta de casa, quando "elle" passou correndo naquella ponta do barranco, se amoitou ali. Ali, compadre Tião — c o dedo estirado em direcção ao alto do barranco, indicava o que quer que era no meio dos graguatás.

Afinal, semi-convencido, o interlocutor de sô Quito arriou no chão o sacco de rapaduras que levava para a roça, disposto a fazer o que o compadre da cidade queria, isto é, trepar ao alto c acuar o bicho para a beiri da estrada.

Isto se passava numa rua ao sahir da povoação. Do lado de baixo era o correr das ultimas casas rareadas. As duas mais próximas eram a de sô Quito, e a de um vizinho alfaiate, *> sr. Ambrosio, um exqu Coastão que nunca sahia de casa, e morava com uma filha casadeira, que passava os dias á janella. Do lado opposto, cahndo » pique na estrada, havia um chanfrado de pouca altura, em cujo topo proliferava um entrançado de espinheiros, carrapichos e bromelias.

O do sacco de rapaduras, agarran-

do-se as raizes c cipós, difficilmente galgou-o. Chegando ácima, desembainhou a larga lamina do facão, para fazer caminho.

— P'ra que lado, compadre?

— P'ra mão direita.

— Ali, está vendo? Cerque mais pelo fundo, para "ella" cahir na estrada.

— Naquelle joazeiro?

— Um bocadinho para lá. Acompanhe o rumo deste páo.

E sô Quilo fez pontaria com a mangara de que se armára, á espera dos acontecimentos.

Amparando a vista com as mãos, o compadre reparou attentamente, rompendo, afinal, numa exclamativa:

— Agora! Já estou vendo. Não é uma coisa a mó que côr de pinhão^

•— Exactamente!

— Ora, ora, sim, senhor! E ficou encorujadinho que nem mexe. Tem os zoinho do porte de dois bago de chumbo.

— Será preá?

—A mó que não... Preá é mais cinzento.

— E largato?

— Também não. E' bicho de pello. Tá c'os zoinho lumiando!

— Mas, o que será, compadre?

— Não sei! Como este eu nunca vi-

Pararam de falar e Tião continuou a abrir caminho com a faca. Não era fácil. Precisava defender dos rasgões dos espinhos a preciosa pelle e a preciosíssima roupa domingueira.

Que era domingo, não o indicava apenas o traje do roceiro; dizia-o ainda o transito inusitado da afastada rua. Dos transeuntes alguns se detinham com curiosidade de saber o (l)uo faziam aquelles dois homens: um trepado llo barranco, outro esperando, de cacete alçado, do lado de baixo. Perguntavam o que succedia, e só Quito expunha o caso com todos os pormenores. Alguns ficavam ali, formando grupo, a ver no que dava a batida. Trocavam-se conjecturas, todas rejeitadas, e com isso a cada momento o interesse subia de ponto.

Como a curiosidade é contagiosa, aconteceu, então, um caso notável: deixou de fazer-se ouvir, no fundo escuro da sala da alfaiataria, o ruc ruc da tesoura do sr. Ambrósio. Pela primeira vez, algo do que se passava no mundo exterior, conseguia prender-lhe a attenção. Era elle um excentrico, talvez um misantropo, cujo rosto nunca havia sido contemplado á luz do sol. De sua vida sabiam-lhe apenas a profissão, e que tinha uma filha janelleira. De memoria de homem, nunca sr. Ambrosio se arredára de ao pé da mesa do córte ou da machina de costura, a não ser para satisfazer as necessidades mais essenciaes da vida. Elle a trabalhar e a filha a janellar, pondo-o espaço a espaço ao corrente do que succedia fóra — assim passavam os dias. O olhar vigilante da moça a devassar a rua, era como um periscopio que lhe levava ao lobrego refugio alguns reflexos da vida exterior, que elle parecia haver repudiado. Pela originalidade de seu viver, sr. Ambrosio Krangeara certa fama de homem mysterioso. Não faltava quem asseverasse que elle sabia evocar os mortos, tornando-os, a seu falante, visíveis e conversáveis.

Nos momentos em que a tesoura parava de cortar, o periscópio trabalhava activamente, pondo o sr. Ambrosio a par do que se passava fóra.

Na rua ia crescendo o magote de povo, que vozeava commentarios diversos, alvitando todas as hypotlicses possiveis, enquanto o compadre continuava a abrir matto, cautelosamente. "Que será? Que não será?" era o mote das conversas.

— Atrapaçou a vista? Opinou uin preto papudo. Então é cobra. Repara, Tlão, e, se fôr, amarra ella com nó na flarda da camisa.

— Esperem que já digo.

E Tião interrompeu a labuta para afirmar a vista no animal.

— Tem rabo comprido, tem...

— E' cobra! pois eu não dizia?

•— Mais a mó que estou vendo duas mãozinha.

— Antão não i.

— E perninha não vejo.

— Diabo!

Este pormenor, que os deixou sumamente intrigados foi logo confirmado por vários dos observadores <la estrada.

— Bole co' ella, Tião! propoz uma voz.

O compadre colheu uma fructa de graguatá e atirou-lli'a.

•— Não ouviram? Fez "cui! cui!" disse o Sabino da Rita, que estava perto do barranco.

Muitos ouviram o cul-cul.

Outros acharam que era antes uma especie de ronco.

Compadre Tião resolveu-se a continuar destroçando os espinheiros, para abrir passagem.

Nesse momento uma voz mysteriosa, que mais parecia uni regougo, chamou a si a attenção dos circunstantes.

Grande novidade! Era o vizinho alfaiate, que pela primeira vez mostrava a cara á luz do dia. Inteirado miudamente pela filha, do que se passava na rua, não pudera resistir e sahira para juntar-se aos demais curiosos.

O acontecimento causou sensação. Algo de maravilhoso ia succeder, por liaver-se dado caso de tanta monta.

Sr. Ambrosio, entre a attenção geral engrolou suas conjecturas com uma voz cava de propheta que está a desvendar arcanos.

Continuaram a trocar-se as supposições mais desconstruídas sobre a natureza do exqu岸ito animal. Em quanto compadre Tião vencía mais umas touças de espinhos, sô Quito poz-se a balancear os indícios com que cada qual concorria para a identificação daquelle:

— Animal de pello — olhinhos miúdos — côr de pinhão — faz "cui-cui" e ronca — rabo comprido — duas mãos — nenhuma perna — focinho de buldogue...

Força é confessar que o resultado do balanço era para o deixar perplexo. Sô Quito mordeu a junta do dedo, assumptando:

— Diacho! Que será?

No alto, compadre Tião amassava, ás pranchadas, as folhas enristadas das ultimas bromelias.

— Mais depressa, Tião! estimulavam os espectadores.

— E' um instantinho mais.

Afinal, estava ao alcance de seu braço a coisa, cuja passividade enchia a todos de pasmo.

— Guenta povo! que é a hora do bote, avisou elle.

E' indescriptivel o interesse que todos sentiam, nesse momento decisivo. As boccas emmudeceram, dez mangueiras se armaram, promptas para a offensiva.

E todos olhavam Tião, acompanhando, hypnotizados, seus menores movi-

mentos. Eil-o o que se curva, murmurando: "São Bento que me valha!" O facão desce, e a medo tacteia o bicho: "Uai! uai!" Tião arregala os olhos, e tacteia de novo: "Uai! uai!" Toca-o de leve, toca-o mais forte, e por fim larga da lamina, com dois dedos pégas "no estranho", e exhibe aos olhos de todos — uma sola de sapato velho.

Quando Tião desceu do barranco, inda os espectadores seguravam a barrega para não rebentar de riso. Entre elles não figurava o sr. Anibrosio, que já havia reentrado llo seu antro, com um modo de quem definitivamente se alienou do interesse da vida. l'odiam ler certeza de que era aquella a primeira e ultima vez que elle mostrava a facha á luz do dia.

Mas ali nem todos riam. Sô Quito estava sério. O compadre também. Certo momento parece que o Tião deu em querer achar graça e remoqueou o primeiro:

— Antão, compadre Quito, a sola foi correndo pelo barranco e lhe atrapaçou a vista.

—Mas não fui eu que vi os zoinlio do porte de dois bago de chumbo, compadre, revidou sô Quito.

O Trão ficou sem graça. Jogou o sacco de rapaduras p'ras costas e tocou para a roça, sem dizer "turdia" a ninguém.

Godofredo Rangel.

COMO SE ORTEM A CONFISSÃO DOS CRIMINOSOS

Um medico dos Estados Unidos, o dr. House de Feris, quiz cooperar no árduo trabalho de arrancar a verdade a um réo que a não quer declarar.

Como se sabe, os antigos processos estão em crise, hoje não seria possivel amarrar um homem a uma roda e tortural-o até fazel-o dizer a verdade, o que se deseja e que não é muitas vezes a verdade.

Com effeito, o dr. House designou, em apoio do seu novo processo numerosos casos da antiguidade, em que as confissões pelo terror não correspondiam á exactidão dos factos. As victimas de tão dolorosos

processos declaravam o que se lhes pedia pelo terror da morte. Citou também o caso de almas heróicas que amarradas ao poste do tormento nada confessavam e morriam afogados no soffrimento, mas com os lábios cerrados até o ultimo Instante da agonia.

Hoje repugnaria á moderna consciência o uso de taes processos, já abolidos pelas leis penaes. Apesar de tudo, não é raro escutar, de quando em quando, que se empregam esses barbaros processos, que melhor parecem o producto de uma imaginação infernal.



Mas, o dr. House encontrou, segundo elle diz, um processo que pôde substituir com vantagem aquellas fôrmas inconcebíveis para um homem civilizado. Com vantagem — diz o dr. House — porque desapparece a dôr e porque as probabilidades de obter uma confissão são mais seguras.

O caso parece simples e elemental, apresentado por essa fôrma. Mas os psychologos "yankees", os médicos, os neurologos, não encontram muito simples a questão.

E' certo, dizem, que mediante certas drogas é possível obter que uma Pessoa fale dormindo, sonhe, mas isso não quer dizer que se diga a verdade. Não se vê, pois, a vantagem do novo processo.

Além disso, os médicos são de opinião que essas drogas nem sem-

pre são recoimendaveis, devido aos resultados perniciosos que provocam no organismo. Por sua vez, os advogados, protestaram contra a legalidade de taes processos, e os sentimentalistas declaram que os homens não são coelhos, para os sujeitar a experiencias de drogas que pôdem até ser venenosas. Não ha necessidade de fazer taes experiência em homens, para constatar tão tristes resultados...

Em synthese, a iniciativa do dr. House obedece a um nobre anhel, mas a sua applicação pratica nem sempre é recommendavel, por estar sujeita aos mais grosseiros erros. Assim o demonstram os médicos especialistas e os advogados, e, assim, o devemos crír, nos outros, os que formamos o vulgo profano...

RETIRA-SE da redacção da Revista do Brasil o snr. Julio Cezar da Silva, que durante longo tempo desempenhou o cargo de secretario. A Revista agradece o trabalho intelligente prestado pelo distincto homem de letras e deseja-lhe os melhores successos na actividade a que se vae dedicar.

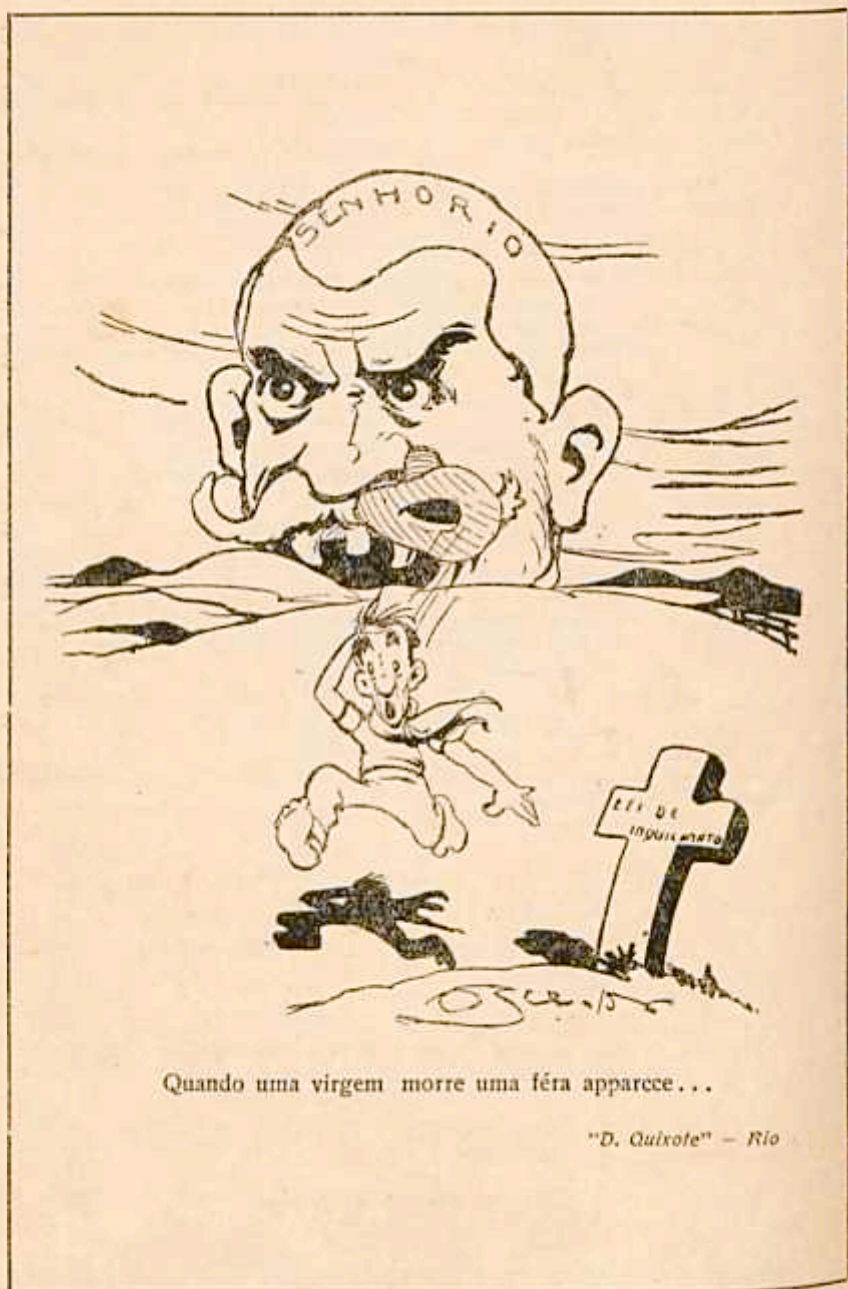
Para o logar vago pela retirada desse nosso amigo vem o poeta paulista Sergio Milliet, a quem toda a correspondência deve ser dirigida.

ROQUE CALLAGE

Aos interessados scientificamos que o agente geral da "Revista do Brasil", no Rio Grande do Sul, é o sr. Roque Callage, de Porto Alegre.



AS CARICATURAS DO MEZ



Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volume», em brochura 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes» escola» de commercio do paiz. Util ao» que desejam adquirir conhecimentos profundo» em contabilidade. Em brochura. 10\$000

Explicações Praticas de Escripuração Mercantil. Livro indicado noi que detejarem adquirir o» primeiro» conhecimento» de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indi»pen»avel! para se adquirir conhecimento» profundo» em mathematica commercial e financeira. Em brochura. 10\$000

Noções de Cálculos Commercias e Financeiros. E' indi»pen»avel ao» que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. 6\$000

Problemas de Escripuração. Obra necuaria ao» contador» e guarda-livros», pois trata de todo e qualquer ca»o de abertura de escripta» e balanço». Em brochura. 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, »er-

ve para a contabilidade do» »eguro» de vida, Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volume», tendo sido já publicado» o» seguintes;

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 10\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresar.*; *Contabilidade Publica*; *Contabilidade Domestica*; *Contabilidade Theorica*; *Contabilidade Agricola e Pastoril*; *Mathematica Commercial*; *Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO DR. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Da» pe»»oa», em brochura 4\$000

Analise da Constituição Federal, cart 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Únicos depositários :

Monteiro Lobato & Gia.

HUA VICTORIA, 47-A

S. PAULO



DIABETICOS

é preciso combater o perdoX
— d e assucar. tonificar o or-
ganismo. regularisar os funcções dos órgãos internos
essenciaes a vido e restabelecer o appetVte e a funcção
digiessivo pelo uso da

^ m i x r x s - v — —

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas braziltiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em **agua**



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrition" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E* o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasió de Campinas.

Lições de Portuguez

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afrânio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com applausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Para cursos commerciaes, normaes e gyninasiaes. 8\$000

Pedidos aos Editores

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47-A

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICÀ EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.* edição com um appendice sobre composição 39000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.* edição com um appendice sobre estyllistica . . . 38000

GRAMMATICÀ HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.* Edição . . . 108000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que delias se faz, confirmou o (pie dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 4? - A

Desconto de 30 o/º aos revendedores e aos collegios e professores.

" P É G A S O "

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY

Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilíssimos livros escolares e jurídicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores I

| | |
|-----------------------|---|
| Olavo Freire | Chorographia do Brasil. |
| Alvaro J. Rodrigues . | Geometria Descritiva. |
| » » » | O Ensino Profissional. |
| Synesio de Faria. . . | Lições de Álgebra: Decomposição em Factores. |
| » » » | Calculo Differential. |
| » » » | Calculo Integral. |
| Dr. Moncorvo Filho . | Hygiene Infantil. |
| Othoniel Motta . . . | Anthologia Portugueza. |
| Dr. Reynaldo Porchat. | Direito Romano. |
| » » » | Da Retroactividade das Leis Civis. |
| » » » | Pessoa Physica e Direito Romano. |

Desde já aceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO